

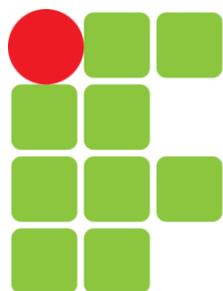


**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA  
SUL-RIO-GRANDENSE**

**NATUREZA: CARTOGRAFANDO  
SABERES E SUAS CONEXÕES  
NA ESCOLA E NA VIDA**

**ANA PAULA DOS SANTOS RIVAROLI**

**12/12/2016**



**INSTITUTO FEDERAL DE  
EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA**  
**SUL-RIO-GRANDENSE**  
Câmpus Pelotas

**NATUREZA: CARTOGRAFANDO SABERES E SUAS  
CONEXÕES NA ESCOLA E NA VIDA**

**ANA PAULA DOS SANTOS RIVAROLI**

**12 DE DEZEMBRO DE 2016**

INSTITUTO FEDERAL SUL-RIO-GRANDENSE  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E TECNOLOGIA

ANA PAULA DOS SANTOS RIVAROLI

NATUREZA: CARTOGRAFANDO SABERES E SUAS CONEXÕES NA ESCOLA E  
NA VIDA

PELOTAS

2016

ANA PAULA DOS SANTOS RIVAROLI

NATUREZA: CARTOGRAFANDO SABERES E SUAS CONEXÕES NA ESCOLA E  
NA VIDA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia (MPET), do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Roselaine Machado Albernaz

PELOTAS

2016

### Ficha Catalográfica

R618n Rivaroli, Ana Paula dos Santos.

Natureza: cartografando saberes e suas conexões na escola e na vida /  
por Ana Paula dos Santos Rivaroli. – 2016.

125 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora Profa. Dra. Roselaine Machado Albernaz.

Dissertação (mestrado) - Instituto Federal de Educação, Ciência e  
Tecnologia Sul-rio-grandense, Programa de Pós-Graduação em  
Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia, Pelotas,  
2016.

1. Educação. 2. Formação. 3. Prática. 4. Natureza. 5. Ecosofia. I.  
Albernaz, Roselaine Machado. II. Instituto Federal de Educação, Ciência  
e Tecnologia Sul-rio-grandense – IFSul. III. Título.

CDD 372.3570981

Catálogo na publicação:  
Bibliotecária Silvia Regina de Lima Veleda CRB 10/2038  
Biblioteca IFSul - Câmpus Pelotas

ANA PAULA DOS SANTOS RIVAROLI

NATUREZA: CARTOGRAFANDO SABERES E SUAS CONEXÕES NA ESCOLA E  
NA VIDA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, Mestrado Profissional em Educação e Tecnologia (MPET), do Instituto Federal Sul-rio-grandense, Campus Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Roselaine Machado Albernaz

Aprovado em: \_\_/\_\_/\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Paula Henning - FURG

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Bárbara Hess Garré – IFSul

## **AGRADECIMENTOS**

Durante esse percurso de ensaio cartográfico me permiti experimentar outros movimentos e algumas sensações. Mesmo sendo um período restrito, dois anos e uma dissertação, nessa intensidade, posso dizer que não sou mais a mesma. Desde a primeira leitura sobre as Filosofias da Diferença, um outro movimento começou a surgir. Ao ler Deleuze, Foucault, Guattari, entre outros autores, fui fisgada pelo estudo e pude realizar minhas primeiras conexões, assim como entender que os conceitos estão intimamente ligados á vida. A vida que vivemos aqui e agora e que muda a cada instante. A vida que se mostra efêmera, como o nome que recebe um tipo de inseto por ter a vida adulta curta, de apenas um dia. Esse inseto, após sair de seu casulo, tem apenas um dia para se desenvolver, reproduzir e morrer. A aposta foi desacelerar e perceber de um outro jeito, através de um outro olhar, o que nos rodeia, as pessoas que de uma forma ou outra nos afetam e a nós mesmos.

Falando em pessoas e afecções, não posso deixar de falar daquelas que estiveram presentes nesse percurso. Foram vários os encontros nesse mestrado. Quero agradecer inicialmente a minha orientadora Rose, que me apresentou a filosofia, a literatura e a arte, e me mostrou ser possível criar brechas no fazer docente e na vida. Sempre me provocou a experimentar e problematizar, promovendo rachaduras nas minhas “verdades”. Obrigada por compartilhar comigo seus saberes, seu carinho e atenção. Agradeço também aos demais professores do mestrado, que contribuíram nesse trabalho e aos colegas da turma 2015, que por muitas vezes compartilharam textos, seminários, atenção e carinho e conversas.

Aos meus pais, que entenderam minhas inúmeras ausências e que mesmo distantes fisicamente, estiveram mais próximos do que nunca. Ao Franz que sempre me apoiou nas minhas escolhas. Agradecer aos colegas da Escola Armando Fagundes pelas várias vezes que me ajudaram e apoiaram nas mais diversas atividades e, sem dúvida, aos meus queridos alunos, que me deram a oportunidade de fazer parte de suas vidas e a alegria de realizar esse trabalho.

## RESUMO

Nesse mundo efêmero, o qual se encontra num processo de degradação não só do ambiente físico, mas também nas relações sociais e na subjetividade humana, cabe pensarmos sobre os modos de vida que se leva na contemporaneidade. Ao longo da história podemos perceber o surgimento de dualidades: mente/corpo, bem/mal, homem/natureza, ignorando o rizoma da vida. Frente a esta problemática ecológica e a partir do conceito de *Ecosofia* de Félix Guattari, surgiram alguns questionamentos nessa pesquisa cartográfica: Como pensamos e sentimos nossa relação e atuação na natureza? Como se dá essa relação entre homem e natureza na contemporaneidade? Como trabalhar com essas questões em sala de aula? Como mudar a forma de pensar sobre a natureza a partir de práticas no cotidiano escolar? Entender que somos parte da natureza, desse todo maior e atentarmos à problematização de alguns temas pertinentes à vida, foram propostas dessa intervenção. Através de rodas de conversas com alunos de uma escola pública da cidade de Pelotas/RS, utilizaram-se alguns artefatos como: vídeo, filme e poesias de Manoel de Barros. A ideia foi provocar e problematizar as questões que tratam do antropocentrismo. Para isso, os alunos foram convidados a realizar um desenho sobre o universo, nos quais foi possível perceber um destaque ao Planeta Terra. Após a realização dos desenhos, o episódio da Série Cosmos foi o artefato utilizado para mostrar a pequenez do nosso planeta frente ao Universo, bem como trazer nossa espécie despindo-se do antropocentrismo. No segundo encontro o filme AVATAR provocou as problematizações sobre os modos de vida contemporâneos e a necessidade das inter-relações entre o ambiente físico, o socius, afetando nossa subjetividade. Por fim, a poesia de Manoel de Barros esteve presente em uma das rodas, onde a leitura dos textos provocou problematizações sobre os modos de vida e a produção de escritas que abalasses os modos representativos de pensar o mundo. A metodologia usada foi a Cartografia. Teve como intenção cartografar os processos que se deram na escola, bem como na vida de quem realizou a pesquisa. Para isso, a cartógrafa esteve atenta aos movimentos, sensações e forças envolvidas no percurso. Como diz Deleuze: “estar à espreita”, foi importante. É um processo que desenvolve relações consigo mesmo, com os outros e com o meio em que se vive: as três ecologias. Os intercessores dessa pesquisa foram os das Filosofias da Diferença: Michel Foucault, Félix Guattari e Gilles Deleuze.

**Palavras-chave:** Natureza. Ecosofia. Prática. Formação. Educação.

## ABSTRACT

In this ephemeral world, which it is in a degradation process not only in the physical environment, but also in social relations and human subjectivities, it is important to think about the ways of life we take nowadays. Through history we can notice the emergency of dualities: body/mind, good/evil, man/nature, ignoring the rhizome of life. Facing this ecological problematic from the concept of Ecosophy from Félix Guattari, emerged some questions in which this research pay attention to: How do we think and feel our relation and act in nature? How it occurs this relation between man and nature nowadays? How should we work these questions in the classroom? How can we change the way of thinking nature based on experimentations that act in the training of the ones who maps them and the daily school practices? Understanding that we are part of nature, and paying attention to the problematization of some important themes to life, were proposed in this intervention. Through some conversations with students of a public school from Pelotas/ RS, we used some artifacts such as: video, movie and poems from Manoel de Barros. The idea is to provoke and problematize the issue that deals with Anthropocentrism. For this, the students were invited to make a drawing about the universe, in which it was possible to notice a highlight to the Planet Earth. After making the drawings, the episode of the series Cosmos was the artifact used to show the smallness of our planet before the Universe, as well as bringing our species stripping from Anthropocentrism. In the second meeting the movie Avatar provoked the problematization about the contemporary ways of life and the need of interrelations among the physical environment, the *socius*, affecting our subjectivity. Finally, the poetry of Manoel de Barros has been present in one of the wheels, where the texts' reading provoked problematizations on the ways of life and the writing production which would shake the representative ways of thinking the world. The method used was cartography. We intended to cartograph the process that happened at school, as well as in the life of whom realized this research. For this, the cartographer has been attentive to the movements, sensations and strengths involved in the process. As Deleuze says: "to be lying in wait", it was important. It is a process that develops through the relations with oneself, with the others and with the environment we live in: the three ecologies. The intercessors were the Philosophy of Difference: Michel Foucault, Félix Guattari and Gilles Deleuze.

**Key – words:** Nature. Ecosophy. Practice. Training. Education.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Desenhando (1) .....	43
Figura 2 – Desenhando (2) .....	44
Figura 3 – Sistema solar.....	47
Figura 4 – Representação do universo: Sistema solar.....	48
Figura 5 – Desenho do universo: presença do “buraco negro” .....	49
Figura 6 – A terra bombardeada por meteoros.....	49
Figura 7 – Um desenho sobre universo.....	50
Figura 8 – Grupo de escrita (1).....	109
Figura 9 – Escrita (2).....	110
Figura 10 – Grupo de escrita (3).....	111
Figura 11 – Grupo de escrita (4).....	111
Figura 12 – Grupo de escrita (5).....	112

## SUMÁRIO

<b>Um percurso em <i>devir</i></b> (apresentação).....	07
<b>1. Cartografando na escola e na vida</b> .....	15
1.1 Cartografando a comunidade escolar.....	19
1.2 Cartografando práticas: as rodas de conversa.....	21
1.3 Os artefatos.....	24
<b>2. A relação homem e natureza: do uno ao múltiplo</b> .....	27
* Despraticando normas na sala de aula.....	38
2.1 Da disciplina ao controle dos corpos.....	52
2.2 Outras/novas sensibilidades: as multiplicidades das relações.....	58
<b>3.</b>	
<b>Ecosofia</b> .....	66
3.1 A realidade contemporânea.....	66
3.2 A proposta de articulação: uma escolha uma atitude, um estilo diante da Vida.....	72
* Somos natureza .....	80
* A poesia: Uma liberdade de escrita.....	98
<b>4. A formação de uma cartógrafa: experiência e práticas de si</b> .....	113
4.1 Experimentando outra formação.....	116
<b>5. Um pouco mais além e aquém dos muros da escola</b> .....	121
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	123

## NATUREZA: CARTOGRAFANDO SABERES E SUAS CONEXÕES NA ESCOLA E NA VIDA

*A professora resolveu voltar aos estudos. Fazer o que chamam de formação continuada. Motivos?*

*A própria profissão que escolhera. Ser professora exige esta busca por mais e mais conhecimento, se atualizar, estar em sintonia com os acontecimentos do mundo, descobertas científicas, avanços tecnológicos, o novo. Os alunos vivem neste mesmo mundo de atualidades e experimentam essas novidades o tempo todo.*

*Talvez pelo cansaço não criasse muitas expectativas, achava que em relação à área da educação não encontrara novidades e, sim, sempre os mesmos autores, os mesmos discursos. Seria um pouco mais do mesmo que já sabia. Mesmo com essa “falsa ideia”, realizou todas as etapas do processo seletivo e com êxito entrou no programa de pós-graduação.*

*Encarando este novo desafio da formação continuada, a jovem professora entrou no mestrado. Com o mesmo pensamento de que estava ali para estudar mais do mesmo que sabia. Logo no primeiro encontro, ocorreu o primeiro abalo. Filosofias da diferença. Como assim? Já havia tido contato com alguns autores como Michel Foucault e Félix Guattari. Na graduação, havia lido alguns de seus textos, mas nada com profundidade.*

*Surgiu, então, Gilles Deleuze, outro filósofo francês que desde o início abalou a professora com seus conceitos “pesados”, escritas densas, e que promoveu uma grande inquietação na jovem: será que vai dar conta? Outro autor que se mostrou potente desde o início foi Manoel de Barros, com uma literatura singular, que auxiliou no entendimento de conceitos filosóficos.*

*Uau! Logo pensou: vai ser uma jornada e tanto! E aquele mais do mesmo caiu no esquecimento, transformou-se no diferente, ou como traz Deleuze: a diferença na repetição. A cada dia surgia uma ansiedade antes do encontro, mesmo realizando as leituras prévias, cada momento se constituía ali, entre as falas dos colegas, da professora, um novo olhar sobre si surgia na jovem. Sua formação estava em movimento...*

\* \* \* \* \*

### Um percurso em *devenir*

Foram dias buscando palavras para compor esse texto. Elas estavam ali escondidas, entrelaçadas naquela rotina que se estendia pelas semanas. Acordar às seis da manhã, realizar todo um ritual “organizado”, o banho, a roupa, o gole de café. Lembrar rapidamente qual o dia da semana e separar o material necessário, aquele que me acompanha nas atividades do laboratório, da escola e do mestrado. Durante os dias corridos da semana pouco se escrevia, pouco se estudava. O tempo parecia tão curto! Eram muitas as atividades. Ao retornar do trabalho sempre lembrava de que quando saíra de casa o sol recém estava nascendo e na volta ela já havia desaparecido do céu. Lembrando esse contexto, algumas palavras surgem

para dar visibilidade às sensações experimentadas por esse corpo nesses quase dois anos.

Desacelerar. Perceber. Sentir. Escutar. Silenciar. Problematizar. Movimentar. A vida efêmera que aprendi a perceber com mais minúcia a partir dos intercessores das Filosofias da Diferença se dava num emaranhado de relações que passavam muitas vezes despercebidas. Essa vida se conduzia de forma tão regrada e padronizada que pouco parava para problematizar as questões que se apresentavam no cotidiano. Opiniões superficiais, aceitação dos padrões impostos principalmente através das mídias. A vida se copiava e se repetia diariamente. Seguia alguns modelos que agora colocava na berlinda.

A partir da participação em alguns seminários do mestrado, foram acontecendo os primeiros encontros com Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Manoel de Barros, Jorge Larrosa, Lawrence, entre tantos outros que se atravessaram nesse percurso e foram se tornando, com seus conceitos e escritas, intercessores, provocando algumas fissuras na solidez das “verdades” que me constituíam.

Desacelerei para realizar o exercício de um olhar oblíquo de Barros. Um olhar que atenta para a vida, sem comparar nem dar juízo de valor, mas que dá atenção até mesmo para as tais “insignificâncias”, como o próprio poeta nos diz. Percebi através da compreensão dessas relações que se dão na vida, pela *Ecosofia* de Guattari, que tais relações não são duais como no pensamento representacional. A vida se dá rizomaticamente como nos diz Guattari, se produz nas mais variadas conexões com o mundo, com os outros e consigo mesmo.

Comecei a problematizar através de alguns conceitos de Foucault, algumas questões que envolviam suas pesquisas: “como nos tornamos o que somos?” e “como se efetuou o poder disciplinar nos corpos modernos” e nas subjetividades; os discursos e os regimes de verdades nessa constituição dos sujeitos ao longo dos processos históricos.

Junto a todos esses atravessamentos, o silêncio muitas vezes me acompanhou. Um silêncio não no sentido de ausência de palavras ditas e escritas. Talvez possa dizer que se tratava de um silêncio “físico”. Mas nesses instantes o

pensamento se mostrava agitado, em movimento, na tentativa de tencionar variadas situações do cotidiano com as escritas dos autores estudados.

Através do conceito de experiência de Larrosa, comecei a tecer algumas articulações e a escutar as vozes dos mais variados “eus” que me constituem. Desde então, surgiu a necessidade de escrever sobre algumas experimentações que vivi. Essa escrita fluiu através de contos, em que apresento a menina da terra, a jovem professora, a jovem cientista. Esse exercício através das palavras foi tornando a escrita mais leve, menos “científica” e engessada, típica da escrita acadêmica que me acompanhava. Esses textos são apresentados no decorrer dessa dissertação.

De modo algum, esse movimento foi com a intenção de dar ênfase ao “eu” no sentido egocêntrico, muito menos de identidade, coisas do pensamento cartesiano, dual. Trazer as sensações e os devires que passam em meu corpo foi, ao longo da cartografia, algo crucial, para entender quais eram as inquietações que pulsavam e o que me moveria nesse processo que estava em vias de se fazer. Estar atento às questões que me constituem na vida, na família, na escola, no trabalho docente fazem parte dessa escrita. Logo, a opção foi pelo método cartográfico.

Escrever sobre a vida. Sobre a minha relação com a natureza durante a infância, vivendo na zona rural. Falar sobre a escolha de formação acadêmica na área das Ciências Biológicas pela proximidade com plantas e animais quando jovem. Descrever as sensações. Escutar os meus silêncios. Problematizar a vida, sua velocidade e efeitos nos corpos. Escolher uma prática pedagógica que deu atenção às relações de forças possibilitou um outro/novo olhar diante da vida.

Vivemos grandes desafios na vida contemporânea. Estamos sendo constantemente atingidos pela padronização de quase tudo, como roupas, estilos, músicas. Representamos. Copiamos. Vivemos a vida de todo mundo<sup>1</sup>. Para qualquer lugar que olhamos ou visitamos pelo mundo, nas sociedades ocidentais, tudo parece muito igual. Talvez um paradoxo, pois a sensação que temos é de alta

---

<sup>1</sup> DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: 4 out. 2016

velocidade. Muitas notícias, muitas informações, tantas que nem conseguimos construir um pensamento sobre elas, apenas nos passa, não nos transforma.

Os bens, como celulares, computadores, roupas, e outros objetos mudam a todo instante, somos capturados por essa constante necessidade de atualização. O mundo é controlado pelo mercado e pela mídia. Um mercado que dita o que deve ser interessante para as pessoas, para a sociedade em geral. Um mercado que prolifera um estado permanente de insatisfação, em que as pessoas acabam vivendo de crise em crise<sup>2</sup>, consumindo o que vem pela frente, ou melhor, o que instalam dentro de nossas casas através das mídias de massa. É a massificação, a mercantilização dos modos de viver que produz de forma generalizada uma subjetividade assujeitada.

Não conseguimos repousar. Quando achamos que estamos satisfeitos com o que “temos”, lá vem, em alta velocidade, algo novo promovendo novas necessidades. Necessidades? Interessante pensar sobre o que se torna necessário na vida. Não! Não temos tempo! Passamos os dias tumultuados, trabalhando, estudando, realizando tarefas coordenadas, dentro de específicos limites de tempo e pouco, ou nada, sobra para VIVER. Então, nada de pensar! Uma sensação em forma de pergunta surge: somos humanos ou máquinas?

E nessa corrida constante talvez estejamos dando mais valor para o que “temos” do que para o que “somos”. A vida acaba ficando obsoleta. Tudo passa e pouco tempo sobra para pensarmos nela. Na nossa vida. Pensar na felicidade, não aquela que encontramos nas vitrines das lojas, mas aquela que encontramos nos sorrisos, nos abraços, nos amores, na vida, na natureza. Assim, talvez estejamos necessitando criar outros modos de vida.

Paralelo a este mercado e aos avanços tecnocientíficos, para suprir as “necessidades” da sociedade, a natureza<sup>3</sup> está sendo reconfigurada. Essa modificação não ocorre somente no ambiente físico, mas também se vê nas

---

<sup>2</sup> PEREIRA, Marcos. O desafio da tolerância na sociedade contemporânea. In: PORTO, Tania Maria Esperon (Org). **Redes em construção**: meios de comunicação e práticas educativas. São Paulo: Editora Junqueira e Marin, 2005.

<sup>3</sup> Convém esclarecer que o sentido de natureza, nesta pesquisa, é ampliado para dar conta também das relações entre o *socius* e os processos de subjetivação. A intenção foi abranger todo o caoscosmos.

relações humanas e na própria relação consigo. A cada dia parece que menos tempo temos para as relações entre os corpos tão apressados das urbes.

Movidos pela produção e lógica de mercado, em nome do capital, possivelmente não se parou para pensar nas inúmeras consequências, não tão futuras, que esse estilo acarretaria para as nossas vidas. Na captura pela maximização de benefícios em curto prazo, dentro do processo histórico, a relação dual e de domínio sobre a natureza teve destaque. Pensarmos sobre a nossa relação com a natureza talvez seja uma questão importante para, quem sabe, construirmos dentro de cada um de nós uma nova maneira de viver. Sentirmos que somos parte desse Cosmos, como um dos variados tipos de vida, sem discriminação, talvez mude nossa maneira de pensar e de estar no mundo.

Todo esse processo de condução e formulação de problematizações geraram algumas perguntas: Como pensamos e sentimos nossa relação e atuação na natureza? Como se dá essa relação entre homem e natureza na contemporaneidade? Como trabalhar com essas questões em sala de aula? Afinal, somos natureza!

Todas essas tensões que se constituíram nesse processo de problematização dos modos de vida e da relação do homem com a natureza não se deram somente na vida de quem propôs essa pesquisa. O espaço escolhido para desenvolver algumas dessas questões foi a Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Armando Fagundes, situada no bairro Fragata da cidade de Pelotas, Rio Grande de sul. Como pesquisadora, procurei tencionar as questões: Como mudar a forma de pensar sobre a natureza a partir de práticas no cotidiano escolar? Entender que somos parte da natureza, desse todo maior e atentarmos à problematização de alguns temas pertinentes à vida, foram propostas dessa intervenção. Uma escolha por experimentar outras formas de produzir sentido na escola e na vida.

Assim, a escolha foi pelo método da cartografia o qual é descrito no primeiro capítulo dessa dissertação. Nele desenvolvo alguns procedimentos, auxiliada principalmente por algumas “pistas” abordadas pela Kastrup<sup>4</sup>. Pistas essas que me

---

<sup>4</sup> PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

deixaram mais atenta aos percursos que iam surgindo. Nesse capítulo, também desenvolvo como foi a escolha do percurso e os artefatos utilizados nos momentos de interação com os alunos.

Assim, todo o processo foi cartografado e no ziguezague da pesquisa o apoio é das Filosofias da Diferença. Filosofias que atentam para o pensamento múltiplo. O problema que movimentou a pesquisa foi em relação à forma como nos relacionamos com a natureza. A atenção foi dada aos processos de subjetivação que afetam nossos modos de pensar, seja na sociedade, na escola, no cotidiano.

Por afinidade escolhi uma das turmas em que leciono a disciplina de ciências. A turma é de sétimo ano. São 28 alunos com idade entre 12 e 15 anos. A proposta escolhida foi realizar rodas de conversas. Escolhi utilizar alguns artefatos: documentário, filme e poesias. A aposta em rodas de conversa foi por acreditar que teria uma maior participação e interação entre os alunos. Talvez fosse possível a criação de novos pensamentos, principalmente, sobre como se dá a relação do homem com a natureza nos dias de hoje.

O objetivo era de reinventar nosso pertencimento ao Cosmos e realizar algumas conexões através da perspectiva ecosófica. Guattari defende que só uma articulação ética-política-estética, o que ele chama de *ecosofia*<sup>5</sup> – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana)<sup>6</sup> é que poderia ajudar a esclarecer as questões que ameaçam a vida em nossas sociedades.

O Segundo capítulo traz uma conversa entre diferentes estudiosos sobre “A relação homem e natureza”. A intenção foi de estabelecer uma relação histórica sobre a relação do homem frente ao universo, e os modos de pensamento representacional (dual) e o pensamento múltiplo. Entender a origem da dualização, mente/corpo, bem/mal, homem/natureza, é interessante para compreendermos a vida que se leva na contemporaneidade. Seguindo as trilhas de Foucault, essa história favorecerá uma compreensão do presente.

---

<sup>5</sup> ECOSOFIA: “ECO”, do grego *OÏKOS*, que significa casa, habitat, meio natural; “SOFIA” do grego *SOPHIA*, que significa sabedoria, saber.

<sup>6</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012, p.8.

A intenção foi discorrer também sobre a sociedade moderna e a atual, contemporânea. Assim, trata-se dos estudos de Foucault, a Sociedade Disciplinar e o Biopoder, como também de Deleuze e a Sociedade de Controle.

Junto a esse capítulo, desenvolvo um dos encontros com os alunos em rodas de conversas, onde o artefato utilizado foi o primeiro episódio da série americana Cosmos. A ideia foi desenvolver a nossa relação com o universo, mostrar através de outras escalas sua dimensão, bem como problematizar algumas questões ligadas ao antropocentrismo. Antes de assistirem ao documentário, os alunos foram provocados a realizar um desenho do Cosmos, a partir do que cada um sabia previamente.

O terceiro capítulo trata do conceito de *ecosofia*, de Félix Guattari, com o qual tentei criar redes de conexões durante o processo cartográfico. Nesse conceito, o filósofo destaca a importância da articulação das “três ecologias” (mental, social e ambiental) para compreender as questões que permeiam a sociedade atual e os modos de vida que levamos. Nele também se desenvolve uma das rodas de conversa. Nessa roda, o artefato foi o filme Avatar, através do qual foi possível traçar alguns pensamentos sobre a relação de domínio da natureza pelo homem e perceber que é possível realizar outros modos de vida.

A terceira roda aparece aqui, onde os artefatos foram as poesias de Manoel de Barros. A partir da escrita do poeta foi possível desenvolver alguns textos sobre os modos de vida que levamos na atualidade. Problematizar e escrever sobre as incursões do pensamento a partir de um outro olhar sobre a vida. A proposta desse encontro foi de experimentar a poesia e em que medida afetam os processos de subjetivação que podem, ou não, acontecer.

O capítulo 4 apresenta algumas considerações sobre o conceito desenvolvido por Foucault: o “cuidado de si”. Entender através da correnteza foucaultiana como se dá o pensamento e suas relações com as forças que nos atravessam a partir dos eixos do saber, do poder e do “si” aproximando do conceito de experiência de Larrosa foi o objetivo desta escrita.

Sem dar um tom de encerramento, no capítulo 5, a intenção foi produzir uma escrita sobre esse processo de formação, foram trazidas algumas ideias que

promoveram ações em quem pesquisa e nas experimentações que foram feitas na escola. Nele são desenvolvidas algumas considerações que se atravessaram nesse percurso e como a cartógrafa se viu nesse emaranhado de relações e conexões. Sentir-se parte da natureza foi o caminho escolhido na tentativa de repensarmos nossos modos de vida.

Essa cartografia apresenta no seu percurso as surpresas enfrentadas em aceitar o inesperado, a imprevisibilidade dos fatos, a estar mais atenta ao mundo, aos outros e a si mesmo. Repensar. Realizar conexões. Esse foi o exercício que moveu essa pesquisa e que possibilitou algumas fissuras descritas ao longo desse texto.

## 1. Cartografando na escola e na vida

*A menina saiu do campo para morar na zona urbana, No início era tudo novidade, gostava muito de viver entre pessoas diferentes. Fez novos amigos, os quais, na maioria das vezes, estranhavam o fato de a menina ser da zona rural. Curiosos, os que não conheciam a tal região perguntavam coisas absurdas em relação à luz elétrica, carro, computador, entre outras coisas.*

*Muitos anos se passaram, aquela curiosidade pela cidade grande já perdia seu encantamento. O barulho, a agitação, o tempo que parecia passar mais rápido começaram a causar incômodo à jovem. Tudo era tão diferente, alterava até o pensamento. Os retornos à colônia eram frequentes, mas a vontade de repetição se tornava cada vez maior.*

*Fugir do novo lar. Da tal “selva de pedra”, que impedia a jovem de realizar atividades comuns às que vivia no campo. Sair da turbulenta “civilização” e se distanciar da velocidade do movimento dos carros e das pessoas. A rapidez da vida mostrava à jovem que, quanto mais conectados tecnologicamente, mais isolados encontravam-se os indivíduos.*

*Gostava de voltar às suas origens, recarregava suas energias. Lá, onde tudo perdia a velocidade, até mesmo o relógio parecia não ter pressa no movimento. Ouvindo o canto dos pássaros e o balançar das folhagens, sentindo o frescor do vento com perfume de flor de laranjeira e o cheiro da terra, assim, reconfortava-se.*

*A proximidade com as plantas e os animais impulsionou a menina a cursar Ciências Biológicas. Seria uma forma de não se afastar desta natureza e conhecer muito mais sobre estas vidas que habitam nosso planeta. Muitas das experiências vividas no campo em contato com a biodiversidade foram facilitadoras nos momentos de estudo. Conhecer o desenvolvimento de uma planta, por exemplo, tornava-se mais fácil pelo fato de ter acompanhado muitas plantas nos seus desenvolvimentos.*

*Muitos colegas que viviam nos centros urbanos ficavam admirados com os conhecimentos que ela tinha e perguntavam por que sabia disso ou daquilo. Já ela pensava ao contrário, refletia sobre como eles já não tinham tais conhecimentos. Agora ela percebia... que eram as suas experiências, aquelas vividas no campo, junto aos animais e plantas, vendo seus pais mexendo na terra que fizeram com que ela tivesse uma outra relação com a natureza. Essa situação provocou-lhe um desassossego, uma vontade de investigar, de acompanhar processos, de cartografar.*

\* \* \* \* \*

Nessa agitada vida, reservamos pouco ou quase nada de tempo para pensarmos sobre essas relações que ocorrem no meio, ou seja, na natureza. Espaço formado pelas conexões do ambiente, do *socius* e do mental. Esquecemos, de certa forma, que fazemos parte deste ambiente integrado. Nossas ações e pensamentos estão conectados à teia da vida. Mas separamos o sensível do inteligível. Hoje, é necessário entender o mundo no qual nos encontramos para, assim, sentirmos que somos parte da natureza, bem como fazemos uma crítica da

relação de domínio do homem que se constituiu e permaneceu, reconfigurando a vida no planeta.

Atualmente, somos capturados pela mídia, a qual produz determinados modos de como se vestir, comer e ser. Isso faz com que vivamos a vida de todo mundo<sup>7</sup>. Somos interpelados de tal modo pelos afazeres do cotidiano, que nem problematizamos tais questões. Quando surgem desvios ou escapes dessa cultura midiática, o sistema, nomeado por Guattari como Capitalismo Mundial Integrado (CMI)<sup>8</sup>, apropria-se desses movimentos, e acaba introduzindo essa singularidade no próprio sistema.

Inquietações pulsam em meu corpo: como escapar desse sistema que nos captura a todo instante? Como traçar novos modos de vida que não se reduzam ao modelo vigente?

Assim, uma das propostas desta cartografia foi problematizar sobre o nosso pertencimento ao Cosmos, à natureza, a partir da perspectiva ecosófica de Guattari. O que se realizou nesse processo foram alguns ensaios e práticas específicas na escola e na vida cotidiana de quem pesquisa, dessa forma, desenvolvendo as relações consigo, com os outros e com o meio em que vivemos, buscou-se problematizar a vida e a nossa relação com a natureza. A tentativa foi de criar outros modos de nos relacionarmos com a natureza e que escapem, mesmo que minimamente, do modo dominante que modela e que produz subjetividades.

Deleuze e Guattari ao fazerem uma crítica ao pensamento representacional, de caráter dual, vão nos apresentar o pensamento rizomático também chamado de pensamento múltiplo. Esse tipo de pensamento acolhe as diferentes forças que se atravessam num percurso, onde o que interessa não é o início nem o fim, mas sim o processo como um todo. O desenvolvimento de uma cartografia se dá nesse processo, em que “escrever nada tem a ver com significar, mas com agrimensar, cartografar, mesmo que sejam regiões ainda por vir.”<sup>9</sup>

---

<sup>7</sup> DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: 2 jun. 2015.

<sup>8</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

<sup>9</sup> DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011, p.19.

A cartografia é uma tessitura de redes. Surge como um princípio de rizoma que atesta, no pensamento, sua força performática<sup>10</sup>. Não podemos selecionar, previamente, as forças que se atravessam no percurso. A aposta foi na experimentação do pensamento. O rizoma possui um princípio de cartografia, um mapa móvel, não podendo ser justificado por nenhum modelo estrutural já estabelecido de antemão. Ele vai se dando nesses caminhos, nessas rupturas, nessas ramificações sem possuir um ponto central.

A atenção para essa produção, para esses múltiplos caminhos, para esse *intermezzo*, como nos diz Deleuze e Guattari<sup>11</sup>, foi uma tentativa nessa pesquisa que se desenvolveu através de um pensar sobre a produção de um “si”, de um modo de existir e de um estilo de existência.

Estar à espreita.<sup>12</sup>Esta é uma expressão utilizada por Deleuze para explicar essa atenção, como a atenção que os animais não domesticados têm ao mundo. Não perder os detalhes, os movimentos, as transformações que ocorrem ao redor, nas atitudes, nos acontecimentos que afetam os processos de subjetivação e que se promovem nos encontros com a vida. Acompanhar os percursos e as conexões.

A intenção foi cartografar algumas experiências na escola, mas também os processos de subjetivação de quem cartografa. Mergulhar nos processos, talvez. Seguir algumas linhas que podem surgir para tentar desviar do pensamento representacional que padroniza os modos de vida.

São múltiplas as entradas em uma cartografia. A realidade cartografada se apresenta como um mapa móvel, de tal maneira que tudo aquilo que tem aparência de “o mesmo” não passa de um concentrado de significação, de saber e de poder, que pode por vezes ter a pretensão ilegítima de ser centro de organização do rizoma. Entretanto, o rizoma não tem centro.<sup>13</sup>

<sup>10</sup> PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

<sup>11</sup> DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

<sup>12</sup> Em uma entrevista realizada pela Claire Parnet, Gilles Deleuze comentou sobre vários conceitos. Essas falas originaram um documento: “O abecedário de Gilles Deleuze”. Quando a entrevistadora indagou-o sobre os animais, ele utilizou a expressão “estar à espreita”, uma característica animal que cabe ao estado do escritor e do pesquisador, ou seja, estar sempre ligado, vigiando o que ocorre ao seu redor. Um cartógrafo precisa estar assim, atento.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: 2 jun.2015.

<sup>13</sup> PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.10.

A cartografia não é um método meramente para ser aplicado, é mais do que isso, esta prática aposta na experimentação que se torna inseparável da atitude do cartógrafo, do pesquisador.

Para auxiliar, foram utilizadas algumas pistas do método cartográfico<sup>14</sup>. Para Kastrup, “as pistas que guiam o cartógrafo são como referências que concorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa.”<sup>15</sup>.

Estas pistas deixaram a cartógrafa atenta para um método de pesquisa-intervenção, que afirma a indissociabilidade entre saberes e transformação, a processualidade e a atenção. “A diretriz cartográfica se faz por pistas que orientam o percurso da pesquisa sempre considerando os efeitos do processo do pesquisar sobre o objeto de pesquisa, o pesquisador e seus resultados”.<sup>16</sup>

Nesse trabalho, buscou-se uma aproximação com o método cartográfico. Ensaiou-se também a escrita de alguns contos. São experiências, acontecimentos sem uma linearidade, mas que trazem a vida por ela traçada. Eles vão aparecendo ao longo deste texto. São conexões do ir e vir que proporcionaram à cartógrafa uma atenção ao mundo que tem a ver com seu modo de viver. Escrever sobre esses processos também fez parte da pesquisa. Estar atento às questões que constituem essa pesquisadora, na vida, na família, na escola, no trabalho docente, está nesta tecedura. Uma escrita sem a intenção de dar ênfase ao “eu” no sentido egocêntrico, muito menos de identidade, coisas do pensamento dual. Essas experiências fazem parte da carne do texto, trazendo as sensações que passam no corpo de quem escreve.

Larrosa diz que “as palavras produzem sentido, criam uma realidade e, às vezes, funcionam como potentes mecanismos de subjetivação”<sup>17</sup>. As palavras determinam os nossos pensamentos e pensar<sup>18</sup>

---

<sup>14</sup> Eduardo Passos, Virgínia Kastrup e Liliana da Escóssia elaboraram oito pistas para guiar o cartógrafo, como referências que ocorrem para a manutenção de uma atitude de abertura ao que vai se produzindo e de calibragem do caminhar no próprio percurso da pesquisa.

<sup>15</sup> PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.13.

<sup>16</sup> Idem, 2009, p.17.

<sup>17</sup> LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr/, nº19, 2002, p.21.

[...] não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é, sobretudo, dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos. E o modo como agimos em relação a isso tudo.

A escrita dos contos foi um exercício do uso de palavras para trazer, além de pensamentos, as experiências vividas pela cartógrafa, o que, para o autor, é tudo aquilo que nos passa, que nos acontece e que nos toca.<sup>19</sup>

### 1.1 Cartografando a comunidade escolar

A cartografia se deu pelas idas e vindas da cartógrafa, de onde foi acolhendo as forças, vetores que vão levando a novos processos de subjetivação e que podem, ou não, afetar os modos de pensar tanto de quem pesquisa, como dos alunos envolvidos no processo. A Escola Estadual de Ensino Fundamental Dr. Armando Fagundes, situada no bairro Fragata, na cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, foi o ambiente de investigação.

É uma escola tradicional com 66 anos de história. Trabalha com a modalidade de Ensino Fundamental, do 1º ao 9º ano. Atualmente, possui 330 alunos matriculados. A instituição é de médio porte. Em relação ao espaço físico, possui 10 salas de aula com quadro negro, um refeitório, salas de secretarias, direção e orientação. A sala de vídeo equipada com TV, DVD, Data Show e lousa digital, está temporariamente sendo utilizada por uma turma de pré-escola, uma parceria com a Prefeitura de Pelotas. Quando a sala estava disponível, eram raros os professores que se beneficiam dessas tecnologias. Possivelmente, a falta de conhecimento e de interesse restringem essas aulas ao uso, no máximo da TV e do DVD por serem equipamentos com que os profissionais têm mais contato no seu cotidiano.

É a biblioteca que atualmente está sendo utilizada provisoriamente como sala de vídeo, onde a TV e o DVD foram instalados. O serviço da biblioteca encontra-se

---

<sup>18</sup> LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr/ 2002, nº19, p.21.

<sup>19</sup> Idem, 2002.

desativado pela falta de funcionários para catalogar os livros e organizar as fichas de leitura dos alunos, não havendo, no momento, oportunidade de leituras da literatura. Assim, eles estão restritos ao uso dos livros didáticos. A sala de informática também está desativada porque as máquinas estão sucateadas por conta do mau uso e pelo tempo que estão paradas. Pouquíssimos professores usam esse espaço por alegarem a falta de monitores no auxílio das atividades. Não existem laboratórios de práticas da área das ciências.

As práticas realizadas na escola, em geral, são tradicionais. Um ensino que se baseia em um currículo rígido e conteudista, movido por notas e pareceres. Aulas, principalmente, configuradas na utilização de quadro-negro, livro didático e mapas, alguns até mofados. Uma pergunta que inquieta ao estar no ambiente escolar é: Qual a motivação desses alunos para estudar nesse contexto? Os jovens reclamam, muitas vezes, da falta de atrativos na escola, assim, o que eles mais gostam é de estar entre os amigos e veem a escola como um ambiente de encontro.

Os alunos moram no entorno. Uma região de transição entre espaço urbano e espaço rural. Muitos deles precisam atravessar a rodovia (BR116) para chegar à escola. Um percurso bem perigoso e arriscado. Algumas famílias foram até deslocadas, afetadas pela duplicação da rodovia, um assunto que repercutiu muito na comunidade escolar. São famílias humildes, de classe econômica baixa, que vivem com poucos salários. Crianças que convivem com o roubo, com a prostituição e, principalmente, com as drogas e com o tráfico. Algumas delas que, muitas vezes, aprendem a viver como adultos, cuidando de seus irmãos mais novos e vivendo as dificuldades das suas famílias. Talvez seja possível dizer que muitas delas perderam a sua infância. Numerosas famílias são marcadas por vários tipos de intervenção. Pela falta de condições financeiras, pelo próprio abandono, pelas drogas, pelas penas a cumprir por crimes cometidos. Pode-se dizer que a maioria das crianças é sofrida e marcada por experiências tristes e diversificadas.

## 1.2 Cartografando práticas: as rodas de conversa

A turma escolhida para estas rodas foi de sétimo ano. São 28 alunos com idade entre 12 e 15 anos. A turma é bem agitada, dividida em diversos grupos conforme os laços de amizade. São alunos que adoram expor suas opiniões sobre a maioria dos assuntos propostos e são muito participativos quando realizam atividades diferenciadas. A escolha da série foi por afinidade. É uma turma com a qual tenho um bom relacionamento. Nossas conversas fluem com facilidade, são dinâmicas e envolventes por termos empatia uns pelos os outros. É agradável estar com estes alunos. Isso tudo favoreceu a escolha para trabalhar as rodas de conversas. Assim, conduzi o trabalho, entrelaçando, na medida do possível, às questões ambientais, sociais e mentais. Penso que foi possível criar algumas brechas nos modos de vida dos alunos, bem como da cartógrafa.

Os encontros aconteceram na forma de rodas de conversa. A escolha desse estilo foi por acreditar talvez na possibilidade de criação de novos pensamentos, principalmente sobre como se dá a relação do homem com a natureza na contemporaneidade. Envolver os alunos de forma dinâmica numa conversa abriu espaço para problematizar variados assuntos e estreitar alguns vínculos de amizade. Esta configuração possibilitou ampliar a aproximação e a relação entre os participantes, com momentos de abertura de espaço para interação, promovendo novas percepções sobre si e sobre o outro.

A ideia foi resgatar as conexões na vida de cada um com a natureza da qual fazem parte. Para dar conta de tamanha empreitada, escolheu-se trabalhar, na medida do possível, a partir da articulação das ecologias (mental, social e ambiental). Através da ecosofia de Guattari, a cartógrafa pode problematizar e criar outros pensamentos sobre as relações consigo, com os outros e com o meio no qual vivemos. Pensar nos modos de vida que levamos nesse mundo efêmero. Assim, foi possível perceber que o ambiente escolar pode ser um espaço muito rico para experienciar propostas como essa, possibilitando talvez uma produção de singularização.

Outra questão pertinente nesta pesquisa foi de entender o mundo a partir das relações com ele. A aposta foi através do desenvolvimento de algumas conexões que se dão na vida, na tentativa de criar um pensamento múltiplo sobre: estar no mundo não se sentindo separado da natureza. Algumas perguntas provocaram essa escolha: Como estabelecer relações com o Cosmos, com a vida, em um mundo que se degrada a cada instante? Como mudar a forma de pensar a natureza a partir de práticas no cotidiano escolar? Afinal, somos parte dela. Trazer essas ideias para o contexto escolar e para a vida de quem cartografa foi uma das apostas desta pesquisa. Para isso, foi preciso experimentar outras formas de produzir sentido na escola, bem como na vida.

A ideia foi tentar sair do modelo representacional, através da abertura de espaços para a criação de novos pensamentos, interligando ações e fazendo com que o aluno se sentisse responsável pelo seu entorno, pelas suas relações com família, vizinhos, colegas. O tema das três ecologias de Félix Guattari teve destaque no desenvolvimento da escrita cartográfica, lembrando que a ecologia mental, social e ambiental não são ecologias separadas, mas que devem ser pensadas sempre juntas para o entendimento da vida.

Outro tema importante abordado nas rodas de conversa foi a relação de domínio entre o homem e a natureza, a qual foi se construindo através dos séculos. É muito comum encontrar nos livros didáticos, por exemplo, essa relação de poder do homem sobre o ambiente. Por essa e por outras questões torna-se importante construir algumas críticas sobre essa visão antropocêntrica, que coloca o homem no centro de tudo. Talvez seja através de provocações como estas no cotidiano escolar que se desenvolva uma crítica em relação aos modos de vida atuais e possíveis micropolíticas<sup>20</sup>.

---

<sup>20</sup> Micropolítica é uma das categorias utilizadas por Deleuze e Guattari em suas pesquisas. O prefixo micro não se refere a pequeno, está relacionado a uma subjetividade. Para Guattari a questão micropolítica diz respeito ao modo como no nível das diferenças sociais mais amplas (molares) se cruzam com aquelas que ele chama de “moleculares”. Neste sentido, o termo micropolítica aparece nesse trabalho como uma possibilidade de atitude através da provocação sobre outros modos de nos relacionarmos com o mundo, com os outros e consigo mesmo. GUATTARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **MICROPOLÍTICA: Cartografias do desejo**. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

As questões que movimentaram esta pesquisa e que inquietaram a cartógrafa *a priori* foram: Como se dá na contemporaneidade as relações entre homem e natureza? De que maneira essa visão antropocêntrica tem relação com modos de vida que levamos? Quais são as consequências dessas atitudes que colocam os homens no centro de todos os processos?

A partir dessas e de outras problematizações, a cartógrafa foi provocada a escrever, fotografar, filmar, gravar, ou seja, cartografar os movimentos, as sensações e os processos de subjetivação e singularização articulados à pesquisa. Em alguns momentos, os alunos também foram convidados a realizar desenhos e escritas sobre suas sensações frente às conversas que surgiram no desenrolar do trabalho.

A proposta foi criar novas formas de perceber e de ser natureza. Uma natureza que se constrói no dia a dia e não está ligada somente ao meio físico, mas que compreende relações entre o social e o mental também. Esse material é matéria viva, tanto para os alunos quanto para a cartógrafa. A ideia foi de repensar os modos de vida na contemporaneidade. Deve-se levar em consideração que nem todos foram afetados pelas atividades propostas, mesmo assim, a cartógrafa tentou manter uma conversa democrática, em que todos puderam colocar suas opiniões evitando julgamentos e preconceitos. Assim, a cartografia foi se constituindo, a partir dessa atenção da cartógrafa e do acolhimento de algumas forças que se atravessaram nesse percurso.

Como diz Kastrup, “a função da atenção não se identifica a atos de focalização para preparar a representação das formas dos objetos, mas se faz através da detecção de signos e forças circulantes, ou seja, de pontos do processo em curso”<sup>21</sup>. Essa atenção ajudou a cartógrafa na produção textual da pesquisa no decorrer do seu desenvolvimento.

---

<sup>21</sup> PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.33.

### 1.3 Os artefatos

Como forma de provocação, para dar início a cada roda de conversa, foram utilizados artefatos relacionados aos temas propostos. A pretensão foi instigar os participantes a partir dessa intervenção inicial. Estes artefatos escolhidos foram: um documentário, um filme e algumas poesias.

Torna-se importante ressaltar o papel do cinema como arte, como veículo de comunicação e como linguagem formadora. A utilização dos filmes como artefatos e recursos pedagógicos teve como objetivo promover algumas problematizações. O filme constitui uma linguagem tanto visual como verbal para auxiliar neste processo, permitindo ao aluno uma interação e um diálogo após a visualização. Ele vem como provocação para ampliar as possibilidades de estabelecer relações<sup>22</sup> e criar pensamentos que envolvem acontecimentos da realidade.

- No primeiro encontro, o artefato utilizado na roda de conversa com os alunos foi o primeiro episódio da série americana *Cosmos*<sup>23</sup>, o qual mostra a imensidão do Cosmos desde o planeta Terra até o conjunto de galáxias e suas supostas dimensões. A intenção da utilização deste material foi criticar e tentar desconstruir a ideia antropocêntrica incrustada em muitos discursos e questionar o que os humanos realmente representam para o cosmos. As perguntas que nortearam esse processo foram: Nós somos o centro do universo? Como se vê essa relação?

A partir dessa interação, a cartógrafa começou a se questionar como seria possível, através dessas provocações, realizar uma prática ecosófica na escola e na vida, trazendo as relações imbricadas entre o ambiente físico, o *socius* e o "si". Assim, a pesquisadora tentou fazer relações entre as questões do antropocentrismo com os modos de vida que se leva na contemporaneidade. A partir das práticas, a cartógrafa tentou realizar conexões com as três ecologias de Félix Guattari, criando brechas na visão antropocêntrica impregnada em nossos discursos.

---

<sup>22</sup> FISCHER, R. M. B. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35 maio/ago, 2007.

<sup>23</sup> BRAGA, Brannon; POPE, Bill; DRUYAN, Ann. **COSMOS: A spacetime odyssey**. Direção: Brannon Braga, Bill Pope, Ann Druyan, produção de Livia Hanich e Steven Holtzman. EUA: Cosmos Studios – Fuzzy Door Production, vídeo (44 min.). 2014. DVD.

- No segundo encontro com os alunos, o artefato utilizado foi um filme de ficção científica intitulado “Avatar”<sup>24</sup>. É um longa-metragem com 2h40min de duração, por esse motivo, foram necessários dois encontros, um para assistir ao filme e o outro para realizar as conexões sobre as questões abordadas. É um material muito interessante, atual e presente no universo destes jovens participantes. Um filme que mostra características enraizadas no perfil do homem, as de maior predador da natureza e de dominação do meio. Um homem que não mede esforços para conquistar o poder, que é capaz de destruir tudo o que está ao seu redor sem pensar nas consequências que esta ação possa gerar.

O filme faz uma crítica à relação conturbada entre os humanos e o ambiente. Tem como foco a busca incessante por novas fontes de energia, a grande cobiça da humanidade na terra de *Pandora*. Diversificados assuntos foram surgindo assim como algumas conexões a partir da trama no que se refere à política, cultura, economia, subjetividade e ambiente. O filme destaca a questão de que o Planeta é como um organismo vivo formado de infinitas conexões. É um jeito de entender a vida como um grande ecossistema rizomático, articulando as diferentes atitudes e escolhas que temos no mundo contemporâneo. As questões ligadas ao ambiente, as relações entre as pessoas e suas subjetividades, bem como o “si” foram, na medida do possível, aparecendo durante a conversa.

Outra questão interessante do filme é que a natureza não é tratada a partir de uma visão romântica, de algo que deve ser preservado unicamente para estar disponível para admiração e contemplação. No filme, a natureza é mostrada como algo complexo, constituída pela integração entre os fatores bióticos e abióticos, que elucida a importância de todos os seus componentes e a existência de um equilíbrio. Assim, a proposta a partir desse contexto foi promover outras relações, principalmente com a realidade vivida pelos participantes e com o entorno escolar.

Nesses arrolamentos, a atenção da cartógrafa foi aos processos de subjetivação que a sociedade, a escola e o cotidiano promovem nos discursos e as questões representativas que demonstram as falas, muitas vezes, prontas. Esses pontos foram importantes para desenvolver uma escrita que relacionasse esses

---

<sup>24</sup> CAMERON, James; LANDAU, Jon. **AVATAR**. Direção: James Cameron, produção de James Cameron e Jon Landau. Roteiro: James Cameron. EUA: Twentieth Century-Fox Film Corporation, Lightstorm Entertainment, Giant Studios, video (162 min.). 2009. DVD.

processos de subjetivação com as ecologias mental, social e ambiental nesta cartografia. São ideias que tiveram a intenção de criar uma “micropolítica” sobre essa relação entre homem e natureza, ou seja, outros modos de pensar e agir na vida.

Criticar a hierarquia atribuída ao corpo e aos elementos que constituem a sociedade e a natureza foi outro assunto que norteou essa roda de conversa. O filme mostra que no planeta *Pandora* não existe “o mais, nem o menos” importante, cada elemento tem o seu papel para que a harmonia esteja presente nesse ambiente. Essa questão de hierarquizar tudo dando um juízo de valor às coisas se constituiu no pensamento representacional, em que houve a separação entre o sensível e o inteligível, e, assim, as dicotomias da vida: bem ou mal, grande ou pequeno, desprezando o que se encontra “entre”.

- No terceiro e último encontro, o artefato foi a poesia de Manoel de Barros<sup>25</sup>. Suas escritas mostram uma sensibilidade e uma relação muito peculiar com a natureza e com os modos de vida que levamos. Outra característica intrínseca desse escritor é a invenção de termos – palavras que ele cria para descrever as suas sensações e trazer um pensamento, digamos, oblíquo da vida. O poeta lança através de seus textos a problematização da vida padronizada, as formas prontas da realidade que vivemos.

A intenção foi utilizar as poesias de Manoel de Barros para ajudar a pensar os modos de vida que levamos, criando rupturas e desvios nas formas de pensamentos padronizados. Nesse momento, realizaram-se conversas sobre nossos modos de vida, a leitura de algumas poesias e o exercício de uma escrita que fosse ao encontro do que Barros nos apresenta. A aposta foi exercitar, através dessa escrita, outros modos de se relacionar com o mundo, assim como fazia o poeta, dando uma atenção ao que nos rodeia, realizando um exercício que afetasse as sensibilidades dos alunos. Sair da posição de “contempladores da natureza” e se colocar junto, como parte integrante do cosmos.

---

<sup>25</sup> Manoel de Barros (1916 – 2014), poeta nascido na cidade de Cuiabá, no estado de Mato Grosso, dedicou-se a escritas que tinham como temática a Natureza, a vida. Criando universos próprios, seu estilo de escrita desconfigura as formas prontas e padronizadas dos modos de ver o mundo, buscando rupturas para a criação de outras realidades, talvez um resgate das nossas sensibilidades.

Após os momentos com os artefatos abriram-se espaços de conversação com os alunos, tentando criar relações sobre o tema: a relação homem e natureza na contemporaneidade; as relações na sociedade e um olhar para si, como bem ensina Foucault. Nas tensões que foram acontecendo, os jovens exibiram suas ideias, desejos, aflições. Tudo foi registrado na forma de vídeos e fotografias, bem como nas escritas da cartógrafa.

Acompanhar estes processos, o caminhar do pesquisar, exige a exploração de um território existencial que ainda não habitamos, um território a ser descoberto por olhares, escutas, sensibilidades. Complementando, para Barros e Kastrup<sup>26</sup>, o objetivo da cartografia é justamente desenhar a rede de forças à qual o objeto ou fenômeno em questão se encontra conectado, dando conta de suas modulações e de seu movimento permanente. Para isso, foi preciso se deixar levar por esse campo coletivo de forças.

Durante o processo a cartógrafa esteve à espreita para os detalhes que envolviam as *três ecologias* de Félix Guattari (mental, social e ambiental), buscando uma prática que se aproximasse e que tivesse uma “sensibilidade ecosófica”. Trazer essas ideias para o contexto escolar e para a vida de quem cartografa foi a proposta desta pesquisa. Para isso, foi preciso experimentar outras formas de produzir sentido na escola, bem como na vida.

## **2. A relação homem e natureza: do uno ao múltiplo**

A questão ambiental já passou por várias fases no desenvolvimento histórico. Podemos identificar pelo menos dois tipos de temporalidade: a de longa duração e a de curta duração<sup>27</sup>. A de curta duração diz respeito à contemporaneidade, um horizonte recente. Já a de longa duração constitui-se de maneira mais abrangente e influencia o modo de entender a natureza até os dias atuais, o que pode ser pensado a partir do conceito de *ecosofia* de Guattari.

---

<sup>26</sup> PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.57.

<sup>27</sup> CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

Entender estes diferentes pensamentos e as relações entre a sociedade e a natureza ao longo do tempo constitui um material para pensar sobre os dias de hoje, bem como para trazer a questão sobre a concepção de homem e as suas relações com a natureza. É necessário buscar na história os diferentes discursos que constituíram as compreensões das relações dos homens com o mundo natural e, também, como tais discursos ainda incidem sobre nossas relações com a natureza.

Para isso, temos que nos remeter a períodos históricos muito distantes, quando se instaurou a ideia de que o pensamento exigia um método e que o conhecimento dependia deste. Para Platão, século IV a.C., o conhecimento era fruto da reflexão do homem consigo, estando articulado com a argumentação e a discussão. Ele acreditava que o conhecimento preexistia na alma<sup>28</sup> humana, mas não afirmava a ideia de que todos possuíam tal atributo, ou seja, nem todas as almas tinham igual acesso ao mundo das ideias, havia capacidades e possibilidades diferentes de conhecer.

Segundo Andery, Micheletto e Sérgio<sup>29</sup>, Platão supunha a existência de dois mundos: o mundo das ideias, entendidas como invisíveis, eternas, incorpóreas, mas reais; e o mundo das coisas sensíveis, o mundo dos objetos e dos corpos. Era o início do pensamento dual, separando o sensível do inteligível. O sensível limitado ao corpo, e o inteligível ligado ao verdadeiro saber, contemplativo, mas que levaria o homem a ter a possibilidade de transformar e melhor governar a cidade.<sup>30</sup>

Esse pensamento dual, que surgiu na Grécia Antiga e que realiza a separação entre o sensível e o inteligível, oficializou-se de forma mais efetiva com a criação do método científico. Quando falamos em pensamento, lembramos logo da famosa frase: “Penso, logo existo”, de René Descartes<sup>31</sup>. Antes de aceitar ou talvez questionar essa colocação do filósofo, físico e matemático francês, torna-se importante entender em qual contexto surgiu.

---

<sup>28</sup> Convém esclarecer que a “alma”, na antiguidade, equivaleria a “razão” ou “consciência” ou “inteligência” (termos usados na atualidade).

<sup>29</sup> ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

<sup>30</sup> ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.69.

<sup>31</sup> René Descartes (1596-1650) foi um filósofo, físico e matemático francês. Descartes, por vezes chamado de "o fundador da filosofia moderna" e o "pai da matemática moderna", é considerado um dos pensadores mais importantes e influentes da História do Pensamento Ocidental.

No século XVI, as atitudes dominantes eram regidas pela Igreja. As pessoas desse período começaram a questionar essas atitudes e seus dogmas, surgindo, assim, a necessidade de buscar fora deste paradigma esclarecimentos sobre a vida.

No século XVIII, surgiram as Ciências. René Descartes acreditava que só era possível se desapegar do ceticismo identificado na época através da recuperação da razão por meio de um método pelo qual fossem alçadas ideias claras e distintas<sup>32</sup>. O método científico.

Descartes acreditava na razão como uma forma para buscar as verdades úteis para o homem, permitindo um controle sobre o mundo e sobre a natureza. A ideia era de que quanto mais os homens conhecessem a natureza, com todos os elementos que a constituem, sejam bióticos ou abióticos, mais proveito, ou seja, mais útil ela seria para as suas vidas. A imagem de um ambiente como algo de domínio e de pertencimento tornava-se mais importante do que algo a ser conservado e preservado. Pensava-se, simplesmente, na utilidade e nos benefícios que a natureza pudesse proporcionar aos homens, sem remorsos pela sua degradação. A Ciência iria, cada vez mais, ser colocada a serviço da modificação da natureza.<sup>33</sup>

Pois elas [noções gerais relativas à física] me fizeram ver que é possível chegar a conhecimentos que sejam muito úteis à vida, e que, em vez dessa filosofia especulativa que se ensina nas escolas, se pode encontrar uma outra prática, pela qual, conhecendo a força e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros dos céus e os diversos misteres de nossos artífices, poderíamos empregá-los da mesma maneira em todos os usos para os quais são próprios, e assim nos tornar como que senhores e possuidores da natureza.<sup>34</sup>

Esse modelo de pensamento estava enraizado nas leis da matemática: de certezas e evidências, de incógnitas a serem solucionadas. Um objetivo, uma hipótese, uma ordem, uma conclusão, uma ausência de erros. Tudo regrado e mecânico. Um método científico para a busca das verdades. A importância que

---

<sup>32</sup>ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência:** uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

<sup>33</sup>Idem, 2012, p.291.

<sup>34</sup>Discurso do método, VI, apud

ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência:** uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2012, p.203.

Descartes atribuiu à matemática revela-se em dois aspectos de seu pensamento: um deles é o fato de que ele adota o raciocínio matemático como modelo para chegar a novas verdades; o outro é o de que ele vê o mundo de forma matematizada.<sup>35</sup>

Assim, ele se preocupava com os tamanhos, comprimentos, larguras, espessuras das matérias existentes na natureza, enquanto deixava de lado as qualidades sensíveis, como odores, cores, sons. O que importava para ele era a geometria da matéria. Essa explicação mecânica, para Descartes, não era só uma qualidade dos objetos físicos, mas também se relacionava ao sensível do próprio homem. O francês separou e atribuiu valores diferentes para o corpo e a alma (mente) e afirmou que o pensamento está separado do corpo.

Le Breton problematiza o modo que pensamos o corpo e vai dizer que essa representação nasceu da emergência e do desenvolvimento do individualismo no seio das sociedades ocidentais a partir do Renascimento.<sup>36</sup> "A ideia de estrutura individualista que faz do corpo o recinto do sujeito, o lugar de seu limite e de sua liberdade, o objeto privilegiado de uma fabricação e de uma vontade de domínio."<sup>37</sup> O sociólogo diz também que

A noção moderna de corpo é um efeito da estrutura individualista do campo social, uma consequência da ruptura da sociedade que mescla a pessoa a um coletivo e ao cosmos por meio de um tecido de correspondências no qual tudo se entrelaça.<sup>38</sup>

Fica evidente que a ideia de corpo na modernidade se separou do cosmos e do coletivo do qual fazia parte. Passou-se a "ter um corpo" e não mais "ser um corpo". A noção de individualismo destacada por Le Breton é mais uma tendência dominante do que uma realidade intrínseca às nossas sociedades ocidentais. "Em contrapartida, é justamente essa visão de mundo que põe em seu centro o indivíduo

---

<sup>35</sup> ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência: uma perspectiva histórica**. Rio de Janeiro: Garamond, 2012. p.205.

<sup>36</sup> LE BRETON, Davi. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

<sup>37</sup> LE BRETON, Davi. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p.18.

<sup>38</sup> Idem, 2011, p.21.

(o ego, o *cogito* cartesiano) que está na origem de nossas concepções dominantes do corpo.”<sup>39</sup>

Segundo Descartes, é a alma que produz conhecimentos, pois é ela que possui a capacidade de questionar e, através da razão, desvendar o que as coisas são. Ele também explana que, a partir da experiência científica, podem ser confirmadas hipóteses, os preceitos, que se deduzem sobre algo, o certo ou errado, um pensamento que se caracteriza como dual. Um pensamento que despreza os desvios e que, quando estes ocorrem, são considerados como erros na aplicação do método. Dessa forma, ocorre uma busca pela verdade. Não são aceitas as “irregularidades” que surgem nos processos da vida.

A ciência a cada nova descoberta desenvolve um novo “regime de verdade” nos discursos e nos saberes. Assim, existe nesse contexto modificações nas regras de formação dos enunciados que são aceitos como cientificamente verdadeiros. A biologia, a física e a matemática, zonas de formação emergentes na modernidade, contribuíram para a ordem da economia e da estratégia de formação da sociedade.

A produção de verdades pela ciência, tanto na modernidade quanto na contemporaneidade, é problematizada por Foucault, o qual vai abordar a articulação entre subjetividade e verdade pelo viés histórico. Sobre verdade Foucault nos diz que

O importante, creio, é que a verdade não existe fora do poder ou sem o poder (não é – não obstante um mito, de que seria necessário esclarecer a história e as funções – a recompensa dos espíritos livres, o filho das longas solidões, o privilégio daqueles que souberam se libertar). A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua “política geral” de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sanciona uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro.<sup>40</sup>

<sup>39</sup> LE BRETON, Davi. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p.28.

<sup>40</sup>FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002, p.12.

Nesse viés, o cientista é dado como alguém que ocupa uma posição específica ligada aos dispositivos de verdades em nossas sociedades. Esse intelectual, pelo uso do método científico, produz verdades provisórias e atribuem ao “verdadeiro”, efeitos específicos de poder que podem interferir na vida. Tal produção fortaleceu ainda mais a dualidade homem e natureza, esse homem que domina tudo que se encontra na superfície do planeta para benefício próprio. Godoy discorre sobre um dos ramos da ciência enquanto geradora de saberes sobre a natureza

A ecologia, portanto, mesmo quando afirma a diversidade da natureza, supõe uma única natureza, uma origem, um fundamento ou um modelo a partir do qual e para o qual cada elemento pode ser remetido, como um decalque ou prova de existência e verdade do modelo, entendido como unidade geradora. O problema enfim, não é o tipo de modelo, mas a crença na existência de um modelo.<sup>41</sup>

Nos séculos XVI e XVII, arrasar florestas para o plantio, muitas vezes de uma monocultura, e para a criação de animais era (e ainda é) um processo de expansão da ordem humana, do progresso. Não se tinha conhecimento de quanto esta prática desenfreada seria prejudicial para o futuro do planeta. O interessante era impor a ordem humana ao mundo natural desordenado, baseado na recompensa econômica. Os homens procuravam se apropriar do ambiente selvagem. A intenção era padronizar a terra e, dessa maneira, explorá-la em proveito próprio. A destruição das áreas naturais era comum e não havia nenhuma consciência do que estava acontecendo, era um ato indiscriminado. A visão que se tinha era a de dominação da natureza.

Nessa época, a proximidade com o selvagem, com o desconhecido, poderia ser perigosa com a presença de plantas tóxicas e animais ferozes. Assim, estabeleceu-se a crença de que o progresso humano era medido pela capacidade de domínio e manipulação da natureza, ou seja, uma visão antropocêntrica, na qual o homem é o centro de todo o processo.

O antropocentrismo configura-se na ideia de que o universo deve ser avaliado e explorado de acordo com a sua relação com o homem, sendo que as demais

---

<sup>41</sup> GODOY, Ana. O modelo da natureza e a natureza do modelo. **São Paulo em Perspectiva**. n.14(4), p.129-138, 2000, p.135.

espécies existem para servi-los. Nessa visão, tudo foi concebido e desenvolvido para a satisfação humana.

Então, com o pensamento cartesiano, ocorreu outra drástica ruptura, a dos laços com a natureza. É a ideia de domínio e de posse deste ambiente que se alicerçou, surgindo a separação entre o homem e a natureza. Essas ideias ainda permanecem nos dias atuais, inclusive na escola. Os resultados desse método, formulado no cartesianismo, acabaram, de certa forma, padronizando a vida. Tudo separado em caixas, blocos, compartimentos, uma “organização” baseada nessas conclusões mecânicas do mundo.

No filme *O Ponto de Mutação*<sup>42</sup>, baseado na obra de Fritjof Capra, os atores expõem essa visão mecanicista de Descartes retratada a partir da *Metáfora do Relógio*. O Universo funcionava como um relógio analógico, através de uma lógica mecânica. Esse modelo entendia o mundo, as pessoas, e a natureza como uma máquina e, assim, acabava isolando uma parte da outra, como as peças de um relógio, delimitadas em seus contornos e formas. Cabe salientar que, até hoje, esse pensamento é ainda aceito nas escolas.

Capra contesta a visão de mundo da física moderna, a qual o autor acredita ser incompatível com a nossa vida, pois não abre espaços para as inter-relações com a natureza. Ele questiona o pensamento científico pautado no sistema matemático cartesiano o qual entende o mundo como uma máquina inquebrável a serviço do homem. O autor, através das ideias de Arne Naess<sup>43</sup>, define este momento antropocêntrico como “ecologia rasa”, que coloca o ser humano situado acima ou fora da natureza, como fonte de todos os valores, e atribui apenas um valor instrumental ou de uso do ambiente natural. A centralização no ser humano posiciona a natureza como algo externo, um ambiente de dominação.

Cabe lembrar que essa visão é típica das sociedades ocidentais. É possível encontrar nas numerosas comunidades humanas outros tipos de relações com a natureza e com o corpo. “Nas sociedades tradicionais, de composição holista, comunitária, nas quais o indivíduo é indiscernível, o corpo não é objeto de uma

---

<sup>42</sup>COHEN, A.A.J.; CAPRA, B.A. *O Ponto de mutação*. [Filme-vídeo]. Produção de Adrianna AJ Cohen, direção de Bernt Amadeus Capra. Distribuído por Cannes Home Vídeo. 1990. Vídeo, 126 min.

<sup>43</sup>CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 2006.

cisão, e o homem está misturado ao cosmos, à natureza, à comunidade.”<sup>44</sup> Para Le Breton

Nessas sociedades, as representações do corpo são, de fato, representações do homem, da pessoa. A imagem do corpo é uma imagem de si, alimentada das matérias-primas que compõem a natureza, o cosmos, em uma espécie de indistinção. Essas concepções impõem o sentimento de um parentesco, de uma participação ativa do homem na totalidade do vivente [...]<sup>45</sup>

Mas, o homem existe por ser parcela do cosmos, não por si mesmo ou como aquele que domina a natureza e desbrava os chamados “recursos” naturais. Já as sociedades ocidentais em plena modernidade, a ideia era de controle sobre a natureza. Esse processo criou uma barreira que separava a sociedade da natureza, em que as cidades eram vistas como lugares de civilidade, e a natureza, vista como ambiente selvagem. Carvalho<sup>46</sup>, ao citar Keith Thomas, discorre que sair da floresta e ir para a cidade era um ato civilizatório, e que terra boa e bonita era sinônimo de terra cultivada. Assim, a natureza foi classificada, segundo sua utilidade em suprir necessidades humanas imediatas. Estas ideias ainda são encontradas na atualidade.

É a partir da Revolução Industrial, século XVIII, que a natureza passa a ser entendida não só como algo selvagem e ameaçador. O ambiente passa a ser algo belo e bom. Foi nesse período que se percebeu a vasta destruição do ambiente, e que as atividades exploratórias estavam modificando a qualidade de vida da população.<sup>47</sup>

Carvalho e Steil vão problematizar a ideia de proximidade com uma natureza de caráter místico, como um *locus* restaurador da felicidade perdida pela civilização. “Essa potência mística, atribuída à natureza, vai pouco a pouco forjando uma sensibilidade ambiental que se incorpora como uma característica dos sujeitos

<sup>44</sup> LE BRETON, Davi. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p.31.

<sup>45</sup> Idem, 2011, p.31.

<sup>46</sup> CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

<sup>47</sup> CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

modernos ecologicamente corretos.”<sup>48</sup> O embate agonístico entre o primitivo e o civilizado se estende, para o campo ambiental, numa nova versão romântica da luta épica entre a maligna civilização e a benigna natureza.<sup>49</sup>

Pensar sobre a degradação ambiental começou a ser um tema importante. Associar a qualidade do ambiente à qualidade de vida das pessoas passou a ser uma questão discutida por alguns na sociedade. Iniciou-se um pensamento de preservação da natureza, de proteção do ambiente para o presente e o futuro.<sup>50</sup>

Nesse contexto a valorização das paisagens naturais, no que se refere à criação de Parques, a exemplo, o Parque Estadual de Yosemite (1864), criado no auge da Renascença americana, protegia e enaltecia a sublime e profunda beleza natural, preservando o instante preciso da criação divina. Dez anos mais tarde (1874) o Parque Nacional de Yellowstone, criado no período de declínio da Renascença americana e no nascimento de um pensamento e de uma sociedade fundados no pragmatismo científico e filosófico, se articula a uma resposta estética e científica sobre natureza. Godoy vai dizer que a criação dessas áreas correspondeu não só à invenção de uma natureza, mas também à dos domínios explicativos capazes de descrevê-la, e neste processo, colocá-la em movimento.<sup>51</sup>

Godoy cria um campo de problematização sobre as chamadas Unidades de Conservação a partir da recusa do senso comum da ecologia, que se coloca sob a forma de práticas mais ou menos ecológicas, no drama do fim da natureza ou na falência da vida sobre a Terra, e ainda no reconhecimento da criação de áreas protegidas como possível antídoto “para estado de coisas degeneradas.”<sup>52</sup> Para a pesquisadora estes ambientes, estão impregnados pela ideia de um modelo que os definem como “amplos espaços naturais, de grandes belezas cênicas capazes de

---

<sup>48</sup> CARVALHO, Isabel de Moura; STEIL, Carlos Alberto. Natureza e imaginação: O deus da ecologia no horizonte moral do ambientalismo. **Ambientes & Sociedade**. São Paulo, V.XVI, n.4, out.-dez.2013, p.107.

<sup>49</sup> Idem, 2013, p.108.

<sup>50</sup> CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

<sup>51</sup> GODOY, Ana. O modelo da natureza e a natureza do modelo. **São Paulo em Perspectiva**. n.14(4), p.129-138, 2000.

<sup>52</sup> Idem, 2000, p.129.

assegurar a continuidade dos processos biológicos sem interferência humana.”<sup>53</sup>

Para Godoy

Com as Unidades de Conservação, opera-se sobre um lugar onde o marco estabelecido é traduzido com exploração e não como proteção ou conservação. Ou melhor, a proteção e a conservação são articuladas com a experiência da exploração, dando-lhes um significado no domínio do conhecimento em que emergem e na experiência que as configura.<sup>54</sup>

É possível perceber que a partir da quantificação do grau de valor e da quantidade de riqueza que são capazes de produzir, ou seja, a partir da tecnologia inventada, que a natureza vai sendo configurada. “O desejo de uma natureza autêntica, que nos imporia a preservação dos ambientes selvagens e das espécies em extinção, parece ir lado a lado com a exclusão do humano da natureza.”<sup>55</sup> Sibilia nos provoca a pensar sobre o que entendemos pelo próprio conceito de “natureza”, já que segundo a pesquisadora, “é apenas um conceito, uma invenção da humanidade, uma ideia que varia nas diversas formações sociais de acordo com os tipos de saberes nele gerados.”<sup>56</sup>

Surgiram, neste contexto de valorização das paisagens naturais e da natureza, as práticas naturalistas e as viagens de pesquisas, buscando conhecer o mundo natural. Como exemplo, temos a expedição feita por Charles Darwin<sup>57</sup> e a publicação dos seus estudos em 1839, feita na forma de diário de anotações. A partir de seus estudos, expedições e investigações a vida se revelou diferente daquela ideia mecânica que se tinha até então. Segundo Sibilia

Com o correr dos anos e os velozes avanços do capitalismo industrial, porém, a pergunta pela origem se fez cada vez mais presente. Os perigos teológicos que nela latejavam tinham perdido

<sup>53</sup> GODOY, Ana. O modelo da natureza e a natureza do modelo. **São Paulo em Perspectiva**. n.14(4), p.129-138, 2000, p.129.

<sup>54</sup> Idem, 2000, p.133.

<sup>55</sup> CARVALHO, Isabel de Moura; STEIL, Carlos Alberto. Natureza e imaginação: O deus da ecologia no horizonte moral do ambientalismo. **Ambientes & Sociedade**. São Paulo, V.XVI, n.4, out.-dez. 2013, p.110.

<sup>56</sup> SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologia digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

<sup>57</sup> Disponível em: [http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles\\_Darwin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin). Acesso em: 29 maio 2015.

força, e a sociedade ocidental estava disposta a desafiá-los em troca de uma explicação adequada para a sua existência.<sup>58</sup>

Nesse sentido, outros hábitos eram relatados, do mesmo modo que “manter em casa um pequeno jardim, criar animais domésticos, fazer passeios ao ar livre, ouvir músicas em ambientes naturais, observar pássaros são fartamente registrados pela literatura e pintura dos séculos XVIII e XIX”.<sup>59</sup>

Nessa época, talvez com a ilusão da grande oferta de empregos, o êxodo rural foi intenso, transformando os centros urbanos e aumentando a população pobre que morava na periferia. Essa população possuía trabalhos insalubres e moradias de péssima qualidade. Como relata Isabel Carvalho: “Nesse mesmo período, além da qualidade ambiental se encontrar num processo de degradação, as condições de trabalho e a vida nas cidades tornavam-se difíceis”<sup>60</sup>. Com essas condições, surgiram as epidemias, tanto as dos corpos como as da mente, foi um período marcado pelo grande número de suicídios. A degradação nos registros ecológicos (ambiental, social e mental) tornava-se cada vez mais presente, assim como a representação do corpo e da natureza.

Para experimentar esse pensamento antropocêntrico, representacional, nos preparamos para a primeira roda de conversa que seguirá nossas escritas cartográficas.

---

<sup>58</sup> SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologia digitais**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2002, p.112.

<sup>59</sup> CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4 ed. São Paulo: Cortez, 2008, p.100.

<sup>60</sup> Idem, 2008, p.97

- **Despraticando normas na sala de aula**

Data: 28/04/2016

Horário: 14h50 - 17h30

Anotações iniciais: Já se passou um bom tempo desde o momento que pensei nessa atividade. Foram feriados, paralisações, chuvas, horários reduzidos que interferiram e adiaram esse momento. Mas, num dia típico de outono, frio e ensolarado, chega o dia tão esperado dessa jornada cartográfica na qual mergulhei, o dia da primeira roda de conversa com os alunos do 7º ano! Onde se imaginavam alunos sentados em formato circular, já a primeira surpresa: a sala não comportava todos os 27 alunos sentados na tal configuração que se pensava, o inesperado já dava as caras no início do processo...<sup>61</sup>

Realizar atividades diferentes como forma de provocação para a problematização sobre questões relacionadas à vida e ao modo como nos posicionamos em relação à natureza passou a ter espaço nas aulas de ciências. O exercício de se sentir parte constituinte do cosmos vem sendo experimentado em muitos momentos. Esse movimento vem acontecendo desde os primeiros contatos com o mestrado e os intercessores das Filosofias da Diferença. Posso dizer que não sou a mesma. Muitas vezes pensei que as mudanças deveriam se dar no macro, de uma forma mais radical para que houvesse efeitos importantes e de grande visibilidade na educação de meus alunos. Por vezes sai frustrada de algumas aulas ao ver que a maioria dos alunos após as conversas que tínhamos continuavam aparentemente os mesmos. Ficava chateada, pois gostaria de que tivessem outras reações, talvez as mesmas que eu tinha diante do material que havia escolhido para trabalhar em sala de aula. Porém, percebia o interesse e a curiosidade em poucos alunos.

---

<sup>61</sup> A fonte Courier New é utilizada toda vez que existe uma interferência direta da cartógrafa no texto, onde são expressos alguns atravessamentos e sensações.

Antes disso me deixava triste e questionava: Será que realizo um bom trabalho? Será que essas aulas estão valendo a pena e fazendo a diferença na vida destes alunos? Quais são as mudanças que devo realizar para que todos participem e se envolvam nas aulas? Era uma crítica constante do meu trabalho como professora. Eu queria que aquele assunto trabalhado em sala de aula fizesse sentido na vida de todos, que eles pudessem entender a importância daquele conhecimento, mas não era bem assim.

A diferença na interação professor-aluno varia muito e nenhum aluno é igual ao outro. Têm os interessados, os dispersos, aqueles preocupados com as notas, aqueles que veem a sala de aula como um momento de interagir com os amigos, aqueles que não desviam a atenção dos seus celulares, os que necessitam trocar as fofocas dos corredores, os que não se esquecem dos problemas com a família e namorados, aqueles que tentam de várias formas se exibirem como “pavões”, os tímidos e com vergonha de se expressar diante dos colegas... são tantos e tão distintos uns dos outros que passaria horas aqui escrevendo sobre suas características e atitudes. E a cada dia tudo isso muda, dependendo do que aconteceu com cada um antes de chegarem à sala de aula, daquele recado na rede social, daquelas palavras ouvidas atrás da porta numa briga de família, do livro que acabou de ler no final de semana, do filme assistido,...

Ao perceber que somos diferentes uns dos outros e que cada um carrega consigo as marcas das suas experiências, das relações com a família, com os amigos, com as redes sociais, com a mídia, nas diversas relações e encontros que temos, criei um novo entendimento sobre a vida e sobre o meu trabalho como professora. Eu não podia exigir que todas aquelas pessoas na sala de aula mantivessem um padrão em seus comportamentos. Como diz Pereira, cada um de nós é muitos. Cada um de nós já é um coletivo. Uns de nós se agregam, se compõem e vêm para superfície, fazer a existência que se manifesta. Uns tantos outros permanecem na retaguarda, acomodados, adormecidos, escondidos ou guardados, à espreita ou à espera.<sup>62</sup>

---

<sup>62</sup> PEREIRA, Marcos. O desafio da tolerância na sociedade contemporânea. In: PORTO, Tania Maria Esperon (Org). **Redes em construção**: meios de comunicação e práticas educativas. São Paulo: Editora Junqueira e Marin, 2005.

Um dos papéis das instituições de ensino é de promover um disciplinamento. Dentre os temas estudados pelo filósofo francês Michel Foucault estão a disciplina dos corpos e o poder exercido sobre eles nas *sociedades disciplinares*. Um corpo submisso, docilizado e controlado para a produção na modernidade<sup>63</sup>. O que se desejava era uma submissão dos corpos, regras que reduzissem ao mínimo os comportamentos que se demonstravam hostis às unidades controladoras. Não quero dizer aqui que a disciplina tornou-se para mim algo ruim e que deva ser ignorada, mas que dentro desse ambiente também é possível criar outros movimentos, experimentar e criar novas práticas no próprio movimento dos alunos.

Desde o início da roda de conversa tive a preocupação em não interferir na construção das ideias dos alunos sobre o tema proposto. Assim, os deixei bem à vontade para atividade. Quando expliquei que nossa roda de conversa seria gravada alguns ficaram preocupados. Perguntaram se o vídeo seria postado na internet ou algo assim. A reação foi de espanto por medo da exposição não autorizada, insegurança sobre a reação dos colegas e conhecidos de outras turmas e de outros ambientes de convivência. Receio daquele julgamento comum nas redes sociais. Expliquei que as imagens seriam somente registros pessoais para que eu pudesse escrever sobre as questões abordadas durante a nossa conversa e que as imagens dos seus desenhos e uma foto da turma poderia sim estar na cartografia. Saber que no máximo pessoas desconhecidas poderiam ter algum tipo de acesso aos materiais trouxe um pouco mais de conforto aos alunos, principalmente para as meninas. Um sentimento de tranquilidade pela presença da câmera logo imanou pela sala e esqueceram que ela estava ali, captando seus gestos, suas falas e as interações que ali aconteciam.

Nesse primeiro momento, a proposta do trabalho era de realizar um desenho sobre o que eles entendiam e sabiam sobre o universo. Alguns não gostaram da atividade afirmando não saber desenhar, fizeram cara de insatisfeitos, outros se empolgaram querendo colorir e enfeitar o desenho. Alguns perguntaram se a atividade valia nota já com a ideia de recompensa pelo esforço exercido para

---

<sup>63</sup> Em sua obra *Vigiar e Punir*, Foucault trata das práticas disciplinares. Através delas, construiu-se um sistema de poder baseado no controle e na submissão dos corpos. FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir. Nascimento da Prisão**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2000.

realizar o desenho. Deixei a resposta no ar, para que na dúvida, se valia ou não nota para o trimestre, a maioria deles realizasse a atividade proposta.

Muitas coisas surgiram nessa atividade. Alguns disseram que o papel era muito pequeno para desenhar, pois o universo é muito grande e não caberia numa folha de papel. Outros, não sabiam o que desenhar e ficaram por muito tempo pensando o que colocar ali. Perguntavam-me quantos planetas pertenciam ao sistema solar para confirmar se os seus desenhos estavam corretos. A sensação que tive foi de insegurança em realizar um desenho que não estava próximo ao modelo. A tentativa entre a maioria era de realizar um desenho semelhante às imagens que eles já haviam visto em livros, na internet e televisão. Essa ideia é típica do pensamento representacional da produção de cópias autênticas baseadas nos regimes de verdades que separam o que é verdadeiro do que é falso bem como Foucault nos ensina.<sup>64</sup>

Perguntaram sobre as cores de cada planeta e por que existiam diferentes cores. Foi interessante a pergunta e saberia que mais adiante o vídeo contemplaria a resposta. Adiantei a explicação para tal fenômeno dizendo que dependendo dos elementos químicos presentes em cada planeta eles exibiam cores diferentes uns dos outros. Cada elemento químico na natureza apresenta um determinado tom. O elemento ferro, por exemplo, apresenta uma coloração próxima ao vermelho. Também perguntaram o tamanho de cada planeta na tentativa de realizarem um desenho com proporções semelhantes ao real. Estavam preocupados com a exatidão das estruturas que desenhavam, com medo e insegurança de realizarem um desenho que não fosse uma representação aproximada da realidade. Alguns trocavam ideias com os colegas para agregar informações importantes a respeito do desenho, outros preferiam não expor muito o seu trabalho.

Quando sabiam que algo diferente fora lembrado e representado na folha que receberam, logo me chamavam para que eu avaliasse tal desenho. Para receber um elogio ou alguma sugestão talvez. Queriam mostrar que seus desenhos estavam distintos dos demais e que tiveram outras ideias além das solicitadas.

Inicialmente, na elaboração dos encontros em formato de roda de conversa, a intenção era de usar a sala de vídeo, uma sala só com cadeiras e bastante espaço

---

<sup>64</sup>FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2005.

para que os alunos ficassem mais confortáveis. Porém, esse espaço estava sendo utilizado pela turma do pré-escolar e nossa atividade teve que ser realizada na biblioteca. Para a atividade do desenho foi favorável, pois havia a necessidade de mesas e apoios para fazer os desenhos, mas não conseguimos sentar em roda pela falta de espaço. Os alunos ficaram espalhados de acordo com a disponibilidade das mesas. Esse movimento que se dá no processo da experimentação deve descartar os interesses prévios<sup>65</sup> e entrar em sintonia com o problema que move a pesquisa. Essa processualidade em curso e seus fatos inesperados são acolhidos pela cartografia.

A presença dos livros atraiu alguns alunos que não estavam conseguindo realizar o desenho e sem eu perceber acabaram pegando um livro de geografia para copiar a ilustração do sistema solar. Quando vi que estavam copiando expliquei que a proposta não era essa e que o combinado era que cada um realizasse seu desenho a partir do que sabiam sobre o universo. Mesmo assim alguns persistiam e tentaram continuar a pesquisa nos livros. A turma está com 27 alunos, como a todo o momento tinha alguém me chamando para conferir o seu desenho ficou difícil observar como estavam realizando sua atividade. Mas esse é o ir e vir do cartógrafo. É preciso saber inventar o inusitado e criar possibilidades para novos caminhos.

Teve uma menina que não quis fazer. Faz um bom tempo que vem se negando a realizar atividades nas aulas. Ela fica mexendo no celular, conversando com as amigas mais próximas e, muitas vezes, fica distraída, distante. Parece-me que está muito longe do que se passa em sala de aula, talvez perto das coisas que lhe atravessam. Sei que tem problemas na família e com o namorado. Há anos ela vai e vem de um relacionamento com um antigo aluno da escola. Ele está envolvido com drogas e outros assuntos bem delicados para um contexto escolar. A família não aprova o relacionamento e muitas brigas e discussões já ocorreram até mesmo na frente da escola. Alguns professores já presenciaram e relataram seus problemas e já houve interferências da direção da escola. Geralmente essa aluna não entrega os trabalhos e deixa as provas em branco. Não participa das aulas e suas notas são

---

<sup>65</sup> PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

muito baixas. As amigas mais próximas lhe ajudam muitas vezes, mas dificilmente ela aceita.

Voltando a atividade, alguns tentaram copiar o desenho do colega ao lado. Percebi que os alunos querem dar um retorno ao professor, nem que seja copiando do colega. Ainda há o medo do não fazer, de se sentir diferente dos outros, uma característica da escola disciplinar, como bem Foucault nos diz. No momento em que eu estava distraída apoiando outros alunos alguns esticavam seus olhos para os trabalhos dos colegas na tentativa de realizar algo parecido. Afirmavam que não sabiam o que desenhar e que não conseguiam imaginar o universo.

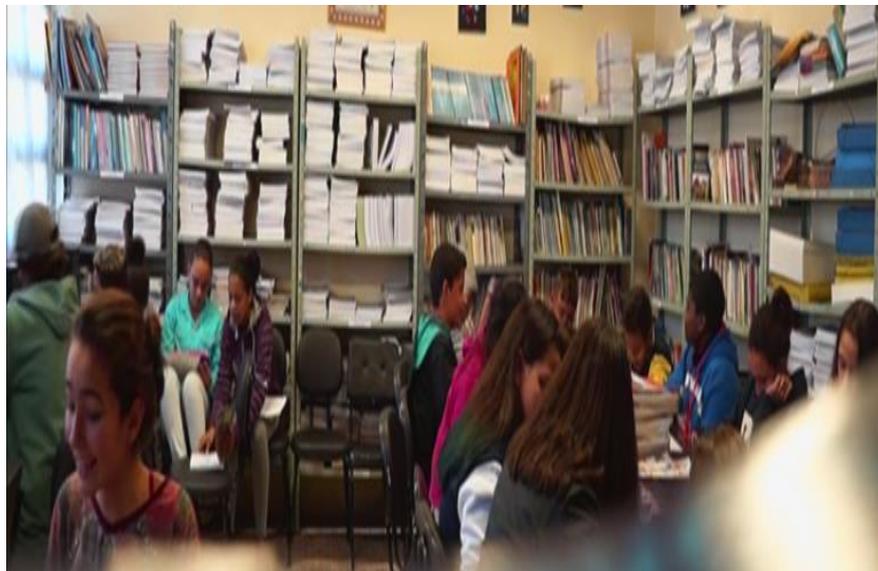


Figura 1 – Desenhando (1)

Como os deixei bem à vontade para realizar a atividade muitos ficaram dispersos, não se concentraram na realização do desenho, ficaram de brincadeiras, em conversas paralelas e tentando mexer no celular.

Esses julgamentos e avaliações classificatórias são típicos do nosso modelo de ensino no qual se avalia o aluno não pelo seu potencial de criatividade, mas sim se este se assemelha às verdades que a ciência estabeleceu sobre um determinado assunto. É um processo de copiar e colar informações nos sujeitos onde se ignora os desvios e o que se espera é a afirmação daquelas mais sólidas verdades. Por participarem desse processo desde o início da vida escolar talvez esses jovens não estejam acostumados a criar e inventar seus próprios desvios e experimentar outras possibilidades. Mas isso não acontece só com os alunos, nós professores também

estamos presos a este modelo que ainda permanece nas instituições de ensino, instituições estas ainda carregadas pelas marcas modernas de disciplinamento e docilização dos corpos bem como Foucault<sup>66</sup> problematiza.

Essa atividade se estendeu bastante, alguns terminaram rápido, outros preocupados em enfeitar o desenho demoraram mais tempo. Houve a reclamação de alguns alunos quanto a brincadeiras e conversas que alguns estavam realizando durante a atividade, alegando que estavam sentindo-se incomodados com a dispersão dos colegas. Por muitas vezes tive que chamar a atenção da turma quanto ao comportamento. Isso se tornou bem comum com essa turma desde que o ano começou.

A proposta das rodas de conversa foi pensada quando os alunos estavam do sexto ano. Agora, no sétimo, houve uma mudança do corpo discente. Eram 16 alunos, agora são 27. Esse crescimento da turma já gerou algumas reclamações dos pais que alegam que seus filhos não estão conseguindo estudar pelo barulho e bagunça que surgiu na turma. Os professores também estão insatisfeitos com o rendimento da turma e até mesmo alterações na organização dos alunos em sala de aula já foi feita.



Figura 2 – Desenhando (2)

---

<sup>66</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir. Nascimento da Prisão**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2000.

A atividade do desenho demorou mais tempo do que planejado. Mas durante esse período pude prestar atenção e pensar sobre as diferenças que existem entre os alunos e suas atitudes diante do trabalho proposto. Após todos terem acabado, passamos para a segunda parte da atividade, a visualização do 1º episódio da Série Cosmos.<sup>67</sup>

O vídeo nos dá a ideia de imensidão do universo. Talvez como algo muito natural, entre as várias complexidades existentes, mostrando que a Terra e nós, somos nada mais do que uma pequena parte, uma poeira, nesse todo maior. O físico Neil deGrasse Tyson propõe uma viagem usando nossa imaginação livre das amarras do espaço-tempo para compreendermos o cosmos, o universo. A proposta era entender essa imensidão através de escalas que, no vídeo, são chamadas de Endereço Cósmico. O primeiro endereço cósmico é a Terra e, a partir dela, as imagens buscam esclarecer questões relacionadas aos outros planetas do sistema solar. É dado um entendimento do tamanho dos planetas em relação à Terra, os eventos climáticos, composições químicas, suas luas, entre outras questões.

O segundo endereço cósmico é o Sistema Solar. Sua imensidão, os sistemas vizinhos, os inúmeros planetas e estrelas. Surgem aqui algumas questões: Quantas estrelas existem? Quantos planetas compõem nosso sistema solar? O terceiro endereço é nossa Galáxia, a Via Láctea. Aqui, mostram ilustrações de computação gráfica que elucidam em forma de escala visual onde a Terra se encontra. Nessa parte do vídeo congelamos a imagem para pensar um pouco sobre essa imensidão da Galáxia onde vivemos. A imagem mostra o Sistema Solar marcado por um círculo, elucidando seu tamanho como uma modesta porção pertencente à imensidão da Via Láctea. Sem realizar perguntas seguimos a visualização do vídeo que mostra também uma imagem da Galáxia vizinha, Andromeda.

O quarto endereço chamam de Grupo Local. Aqui nem se consegue ver nossa Galáxia no Aglomerado de Virgem. O vídeo informa que cada Galáxia contém milhões de sóis e inúmeros mundos, tão distantes uns dos outros que a distância é

---

<sup>67</sup> BRAGA, Brannon; POPE, Bill; DRUYAN, Ann. **COSMOS**: A spacetime odyssey. Direção: Brannon Braga, Bill Pope, Ann Druyan, produção de Livia Hanich e Steven Holtzman. EUA: Cosmos Studios – Fuzzy Door Production, vídeo (44 min.). 2014. DVD.

medida através da escala da velocidade da luz. Falam em 100, 200, 300 mil anos luz (velocidade da luz: 299 792 458 m / s). Longe, não?

No último endereço cósmico comentado, nomeado de Universo Observável, o Cosmos é tratado na maior escala que se conhece, formado de uma rede de centenas de milhões de Galáxias. E pergunta-se: Você está se sentindo pequeno?

A segunda parte do vídeo ilustra a história de Giordano Bruno e Copérnico, duas pessoas que impulsionaram os estudos sobre universo num período em que as questões ligadas à ciência geravam muitos confrontos com os princípios religiosos. Afinal, como e onde surgiram os primeiros estudos sobre a imensidão e organização do universo? Há quatro séculos, acreditava-se que a Terra era o centro, que tudo girava ao seu redor e que o Universo era feito para nós, seres humanos. Os que duvidavam de tal afirmação eram punidos severamente. O desenvolvimento da ciência, principalmente na modernidade, através do método científico proporcionou a produção de “verdades” sobre as questões relacionadas à vida e ao Universo como um todo. É possível dizer que a partir da ciência e do cartesianismo essa “fábrica de verdades” e a dualidade homem e natureza se fortaleceu.

Algumas vezes se fez necessário pausar o vídeo para pedir aos alunos silêncio. Alguns começaram a conversar durante a visualização atrapalhando os colegas que queriam prestar atenção. Alguns até trocaram de lugar para que pudessem escutar melhor o documentário. Outros, mesmo sabendo que não se pode usar o celular em sala de aula, tentavam usá-lo escondido. O uso de celulares e fone de ouvido há muito tempo é um assunto discutido no espaço escolar. A orientação recebida pela direção é não utilizar o aparelho em sala de aula e em caso de avisos emergenciais para a família a indicação é recorrer ao telefone da escola.

Na atualidade dificilmente um aluno não esteja conectado às redes sociais e grupos de conversas trocando ideias, compartilhando *selfs*, imagens e comentando postagens dos vários “amigos” virtuais através dos seus *smartphones*. Essa troca de mensagens e comentários acontece, até mesmo, em sala de aula causando certo transtorno e atrapalhando as propostas de alguns professores. Talvez nesse momento em que nos encontramos, seja interessante pensar nas possibilidades de utilizar essa ferramenta, presente no dia a dia dos alunos nas próprias salas de aula, realizando propostas que envolvam o uso desses equipamentos para promover

conexões importantes aproximando e derrubando as barreiras que se têm entre a escola e o mundo. Assim, nesse percurso cartográfico, vão se acolhendo as forças que nos afetam, nesse movimento permanente em que um dos desafios é evitar que predomine a busca de informação para que então o cartógrafo possa abrir-se ao encontro.<sup>68</sup>

Quando o vídeo terminou, pedi aos os alunos que olhassem para seus desenhos e fizessem uma relação com o que foi visto no documentário. A participação foi singela e justamente daqueles que eu percebi que realizaram o desenho com empenho e prestaram atenção no vídeo. Alguns imediatamente disseram que seus desenhos ficaram muito pequenos em relação ao Universo representado no vídeo e que o desenho representou uma pequena porção desse todo maior. Não imaginavam que o universo era tão grande e tão cheio de sóis, estrelas e planetas.



Figura 3 – Sistema solar

A maioria representou em seus desenhos o Sistema Solar e destacaram principalmente o Planeta Terra. Essa hierarquização que se constrói sobre o Sistema Solar e a Terra talvez nos impeça de perceber que existe muito mais além dessa proporção, que existe muito mais além do sistema que habitamos. Mesmo

---

<sup>68</sup> PASSOS. E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009, p.57.

com todos os estudos científicos e avanços tecnológicos, ainda é impossível ter uma ideia da dimensão do Universo que habitamos e que temos muito mais dúvidas do que certezas. Para Deleuze, é a partir das conexões e das problematizações que se dá o pensamento, assim, é nas multiplicidades que se promovem outras dimensões, não sendo justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo.<sup>69</sup>



Figura 4 – Representação do universo: sistema solar

A tendência de dar mais importância ao planeta que habitamos pode ser percebida na maioria dos desenhos. Questionei a presença do Sistema Solar ou só do Planeta Terra nos desenhos: Por que só o Planeta Terra? Por que só o nosso Sistema Solar? As respostas foram que esse é o Planeta que mais conhecemos e que habitamos “é a nossa casa”. E “é ele que estudamos na escola”. Durante essa conversa outros diálogos paralelos surgiram, mas não pareciam estar relacionadas com o tema da nossa roda de conversa.

<sup>69</sup> DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia**. Volume 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011, p.29.



Figura 5 – Desenho do universo: presença do buraco negro

Fiquei admirada quando um dos alunos representou no seu desenho um Buraco Negro no espaço. Ele explicou que já assistiu a alguns documentários sobre o espaço e que um deles relatava a existência dessas estruturas. Ele não soube explicar o que são os Buracos Negros, mas o desenhou por saber que eles também existem nessa imensidão do universo.



Figura 6 – A terra bombardeada por meteoros

Quando o vídeo fala nas distâncias relacionadas à velocidade da luz essa escala tornou-se um pouco difícil para eles entenderem. A fim de representar que essa velocidade é muito rápida eu desliguei e liguei a luz da sala. E perguntei:

Percebemos a olho nu a velocidade da luz? Percebemos o tempo que ela leva para percorrer todo o espaço dessa sala? Os alunos disseram que é impossível perceber. Pedi para que imaginassem a distância que a luz demora para percorrer em 100 mil anos, por exemplo. Eles ficaram pensativos e um deles disse que é difícil de imaginar essa distância. Comentei que o brilho de muitas das estrelas que vemos no céu são de corpos celestes que nem existem mais e é a sua luz que ainda viaja até nós pelo espaço-tempo.

São grandezas bem difíceis de compreender, as quais tentam nos situar em relação a essa dimensão que é o Universo onde habitamos. Partimos então para a pergunta: qual a sensação de habitar esse universo descrito nas imagens do vídeo? Poucos se manifestaram sobre essa indagação. Um deles disse que “nós somos praticamente nada, apenas formiguinhas”. Outro disse que “somos uma poeirinha”. O que realmente predominou até aqui foi um silêncio. Como raras interações surgiram com o questionamento, poucas conexões a outras perguntas ocorreram. Quando olhei para o relógio, percebi que nos restava pouco tempo para conversar. A intenção era de que os alunos escrevessem sobre as sensações e entregassem no final da roda de conversa. Pedi para que eles entregassem essa escrita no nosso próximo encontro da próxima semana.

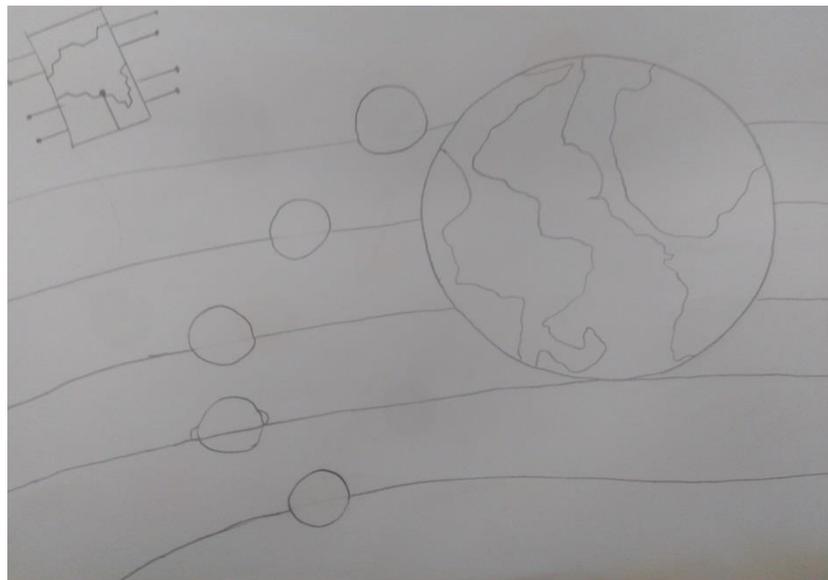


Figura 7 – Um desenho sobre o universo

Como combinado a maioria entregou a escrita sobre as sensações que tiveram em relação ao vídeo sobre o Cosmos. Para minha surpresa um dos alunos não havia entregado o desenho no dia da roda de conversa. Explicou-me que não conseguiu realizar o desenho naquele dia, pois não tinha ideia do que desenhar. Acabou entregando só depois o desenho junto com a escrita das sensações. Mesmo que o desenho tenha sido elaborado depois de assistir ao vídeo, não foi diferente daqueles que a maioria representou, enaltecendo o Planeta Terra e alguns elementos do Sistema Solar. Logo pensei, como ele visualizou o vídeo, talvez seu desenho represente de uma forma mais ampliada o Universo que passamos a conhecer na semana anterior, mas não foi o que aconteceu. Ele continuou representando de maneira restrita o Universo, dando importância ao planeta em que habitamos.

As escritas das sensações foram bem semelhantes. Muitos escreveram que se sentiram pequenos em relação ao Universo apresentado no vídeo e que somos somente uma poeira nessa imensidão. Alguns relataram que não tiveram sensação alguma ou que acharam “legal” conhecer o Universo e as estruturas que o compõe. Alguns se arriscaram em pensar na possibilidade de vida em outros planetas já que existem tantos outros Sistemas Solares e Galáxias.

A sensação que tive foi que a maioria desconhecia essa imensidão da qual fazemos parte. Olhar todo o universo e se sentir uma poeira em meio desse todo maior me provoca a pensar sobre as coisas pelas quais damos importância na vida. Fez-me perceber o quanto representacionais nós somos, o quanto padronizados estamos e o pouco ou quase nada reservamos para o novo, para pensar em alternativas possíveis para estabelecer uma relação mais particular com a vida. Nessa correria do dia a dia seguimos uma rotina tão presa em objetivos e certezas e não nos damos conta de que a realidade é uma multiplicidade de incertezas, de imprevisibilidades, de movimentos e relações de forças. Fazer esse exercício comigo mesma e tentar provocar os alunos a problematizar algumas questões relacionadas ao nosso cotidiano, relacionadas à questão de fazermos parte dessa

natureza, me faz perceber que esse é um exercício consigo mesmo.

## 2.1 Da disciplina ao controle dos corpos

*As turmas apresentavam maus comportamentos. Discussões, brigas, bolinhas de papel, apelidos, covardias. A professora virada para o quadro acompanhava os movimentos pela audição. Quando acontecia um problema grave que fazia a professora parar a sua escrita e corrigir os alunos rapidamente, ninguém assumia a culpa.*

*Assim acontecia diariamente nas aulas de História, Geografia, Ciências e todas as outras. A direção não sabia mais o que fazer com tantas ocorrências de indisciplina em sala de aula. Era preciso ter mais controle sobre as turmas. Algo que denunciasse os culpados para que estes fossem punidos.*

*Á procura de mais respeito e ordem nas salas de aula, chegou-se à conclusão: câmeras! E foi assim que aconteceu. Foram duas semanas de férias no rigoroso inverno de julho. Tempo suficiente para que profissionais da vigilância e segurança instalassem os equipamentos por toda a escola. Pátio, corredores, biblioteca, sala de vídeo, informática e todas as salas de aula. Isso mesmo. Uma câmera no cantinho de cada sala de aula.*

*A novidade congelou mais do que as gotas de chuva daquela tarde cinzenta de agosto. As indagações foram inúmeras: Como assim, câmeras na escola? Quem está nos observando? Quem tem acesso às imagens? Elas gravam áudio? São de mentira ou de verdade? Os alunos foram atravessados por um desconforto: todos estavam sendo vigiados.*

*Os professores também levaram um susto. Nada foi comunicado. Não sabiam repassar informação alguma para os alunos, pois a novidade era para todos. A sensação era ruim. Mesmo não cometendo nenhuma ação inesperada naquele ambiente escolar, parecia que a todo o tempo estavam errados, realizando delitos. Até mesmo nas explicações em sala de aula, ficavam com medo de cometer erros conceituais e de português.*

*Na aula, um silêncio. Um medo. A sala parecia estar vazia, gelada, sem vida. Aos poucos, a presença daquela esfera branca com luzinha vermelha piscando no canto da sala já não chamava mais tanta atenção. Os movimentos, as palavras, as conversas voltavam a fluir como de costume. A câmera havia se incorporado à decoração, já fazia parte daquele ambiente.*

*Certo dia, num ato de valentia, talvez como provocação à presença do equipamento, eis que surge uma bolinha de papel e uma pequena discussão entre os adolescentes. Mais uma vez, a professora não percebeu e, tampouco, conseguiu encontrar o culpado. Deixou pra lá. Passaram poucos minutos para que a porta da sala de aula se abrisse. Era a vice-diretora. Um “com licença” e uma chamada: “João, eu vi o que fizestes. O que achas desta tua atitude de jogar algo num colega que está trabalhando bem quieto?”.*

*E o sermão se estendeu, lembrando a importância da câmera para que os culpados fossem punidos, que todos estavam sendo vigiados, que nenhuma*

*atitude covarde seria aceita e que o uso do celular era proibido durante as aulas. Os pais seriam comunicados e chamados a comparecer na escola. A bronca foi grande.*

*A chegada da vice-diretora na sala deixou a professora sem atitude. Ficou inerte, rubra. Faltavam palavras para apoiar o discurso da colega que, naquele momento, era a autoridade e/ou defender os alunos. Simplesmente o silêncio. Vergonha? Incapacidade? Talvez. Pela primeira vez, o verdadeiro efeito das temidas câmeras. Foi impactante. A câmera realmente funcionava e estava sendo projetada em um monitor na sala da direção.*

*A professora voltou pra casa com um enjoo. Como se seu corpo estivesse envolvido por cordas que impediam o movimento, impediam de ser o que realmente era. Os alunos estavam sendo punidos diariamente por vários motivos, por sentarem na ponta das classes, por se agruparem em sala, por se levantarem da cadeira sem pedir, coisas com as quais a professora não se importava. Eram os movimentos dos corpos. Tudo estava sendo controlado.*

*Durante as explicações dos conteúdos de Ciências, a professora fazia caretas, imitava animais, contorcia-se, falava com o corpo. Era pra ser algo entre aqueles corpos da sala. A presença da câmera havia travado a professora. Ela pensava a todo instante: estão me olhando. A máquina só gravava imagem, não tinha som. O medo era: como estão interpretando os gestos? O que será que pensam os espectadores?*

\* \* \* \* \*

Dentre os temas estudados pelo filósofo francês Michel Foucault, estão a disciplina dos corpos e o poder exercido sobre eles nas *sociedades disciplinares*. Um corpo submisso, docilizado e controlado para a produção na modernidade<sup>70</sup>. Para Foucault, nos séculos XVII e XVIII, deu-se início ao momento das disciplinas e da vigilância dos corpos. Assim, nas instituições existentes, como hospitais, prisões, escolas, hospícios, quartéis, entre outros espaços, o que se desejava era uma padronização e uma submissão dos corpos, regras que reduzissem ao mínimo os comportamentos que se demonstravam hostis às unidades controladoras.

A padronização dos comportamentos dos corpos implantou-se de tal maneira que, em qualquer lugar das instituições, havia a sensação da observação. Um poder que acabou se exercendo através da vigilância. Foucault dedicou-se a estudar a arquitetura escolhida para essa vigilância, o chamado *Panóptico*, de Jeremy Bentham, o qual tinha um modelo circular com a finalidade de ter uma observação sistemática dos corpos nas instituições. No centro do prédio, havia uma torre de

---

<sup>70</sup> Em sua obra *Vigiar e Punir*, Foucault trata das práticas disciplinares. Através delas, construiu-se um sistema de poder baseado no controle e na submissão dos corpos.

vigilância, de onde era observado todo o pátio, bem como as janelas e portas da estrutura.

Aquela torre central, dentro da qual, muitas vezes, poderia não ter um vigilante, mas a possibilidade da presença de olhos à espreita, trazia certo desconforto, e uma punição acabava vindo do próprio corpo que estava sendo vigiado. “Um olhar que vigia e que cada um, sentindo o peso sobre si, acabará por interiorizar, a ponto de observar a si mesmo; sendo assim, cada um exercerá esta vigilância sobre e contra si mesmo.”<sup>71</sup> Um tipo de postura automática se instaurava nos corpos, e as pessoas se encontravam assujeitadas pelo poder exercido sobre elas.

Fazer o “certo”, agir de maneira “correta” em relação às normas da sociedade, assim se tinha a ordem e o controle sobre as pessoas. Era um controle não só no espaço, mas também no tempo. Em relação ao espaço, para Foucault, a ideia de ter cada sujeito em um lugar específico se tornava importante para evitar a formação de grupos, motins, contra o modelo instituído. Saber exatamente onde cada um estava era uma questão de segurança, assim, era evitada a formação de grupos rebeldes. Quanto ao tempo, o filósofo refere-se à questão de evitar o seu desperdício para se concentrar na realização de alguma atividade, exercício ou treinamento da instituição. Um corpo dócil e útil à sociedade.

Foucault diz que durante a segunda metade do século XVIII vai aparecer algo novo, outra tecnologia de poder que não exclui a primeira, mas que agrega, integra e modifica parcialmente a técnica disciplinar prévia. Essa nova técnica não é direcionada ao homem-corpo, mas ao homem-espécie. Para Foucault,

[...] a disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença etc.<sup>72</sup>

<sup>71</sup> FOUCAULT, M. **Vigiar e punir. Nascimento da Prisão**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes. 23ª. 2000. p. 218.

<sup>72</sup> FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 289.

Era o controle de natalidade, mortalidade e doenças que poderiam tornar as pessoas improdutivas. Com as aglomerações nos centros urbanos, proporcionadas pela necessidade de mão de obra, as doenças começaram a aparecer e a se espalhar por todos os cantos das civilizações. As perdas por causa das epidemias não só afetavam a densidade demográfica dos grandes centros industriais, mas também começavam a diminuir a mão de obra destes postos de trabalho. Segundo Foucault,

Doenças mais ou menos difíceis de extirpar, e que não são encaradas como as epidemias, a título de causa morte mais frequente, mas como fatores permanentes – e é assim que as tratam – de subtração das forças, diminuição do tempo de trabalho, baixa de energias, custos econômicos, tanto por causa da produção não realizada quanto dos tratamentos que podem custar. Em suma, a doença como fenômeno de população: não mais como a morte que se abate brutalmente sobre a vida – é a epidemia – mas como a morte permanente, que se introduz sorrateiramente na vida, a corrói perpetuamente, a diminui e a enfraquece.<sup>73</sup>

Esses acontecimentos ocasionaram a introdução de uma medicina que a partir disso, teve a função maior de higiene pública com organismos de coordenação dos tratamentos médicos, de centralização da informação, da normatização do saber. Além disso, adquiriu também o aspecto de campanha de aprendizado da higiene e de medicalização da população. A população tornou-se um problema político.

É nessa época que surgiram as vacinas e o controle das epidemias. Edward Jenner<sup>74</sup> estabeleceu as primeiras bases científicas sobre vacinas com o estudo da varíola. Louis Pasteur<sup>75</sup> desenvolveu várias pesquisas sobre a compreensão do papel dos micro-organismos na transmissão de infecções, dentre elas, o estudo que

---

<sup>73</sup> FOUCAULT, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo, Martins fontes, 1999, p.290

<sup>74</sup>Edward Jenner (1749-1823) foi um naturalista e médico britânico que clinicava em Berkeley. Em 1772, iniciou sua dedicação à Medicina, quando seria conhecido pela invenção da vacina da varíola, a primeira imunização deste tipo na história do Ocidente. Pesquisado em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Edward\\_Jenner](http://pt.wikipedia.org/wiki/Edward_Jenner) Acesso em: 31 maio 2015.

<sup>75</sup>Louis Pasteur (1822-1895) foi um cientista francês. Suas descobertas tiveram enorme importância na história da Química e da Medicina. É lembrado por suas notáveis descobertas das causas e prevenções de doenças. Entre seus feitos mais notáveis, é possível citar a redução da mortalidade e a criação da primeira vacina contra a raiva (antirrábica). Pesquisado em [http://pt.wikipedia.org/wiki/Louis\\_Pasteur](http://pt.wikipedia.org/wiki/Louis_Pasteur) Acesso em: 31 maio 2015.

implicava provocar uma doença de forma muito atenuada para ajudar na defesa das formas mais graves que se manifestava. Era um princípio de imunização adquirida.<sup>76</sup>

Imunizar os trabalhadores se tornava algo muito importante. Pessoas livres de doenças, que gozavam de boa saúde, produziam mais. O controle não seria mais de um corpo, mas, sim, da população. É o que Foucault chama de Biopoder para descrever os novos dispositivos e agenciamentos das relações de poder, no fim do século XVIII e início de XIX, centrados na ideia de população e na gestão da vida.

A ideia era, mediante mecanismos globais, agir de tal maneira que se obtivesse em grande escala o equilíbrio da população, não só de forma disciplinar, mas também reguladora, para manter um padrão de saúde e bem estar. Garantindo, então, uma maior produção, um capital maior. O poder sobre a população, o biopoder, garantia fazer viver mais e produzir mais.

Um dos fenômenos fundamentais do século XIX foi o que o filósofo denomina de “assunção da vida pelo poder [...] uma tomada de poder sobre o homem enquanto ser vivo, uma espécie de estatização do biológico [...]”<sup>77</sup> Foucault chama de “biopolítica” da espécie humana. Trata-se de um controle das populações. Interessa, a partir de então, mensurar estatisticamente as natalidades e mortalidades da população. Há uma preocupação com a densidade demográfica. Torna-se importante constatar os níveis das endemias que poderiam multiplicar as mortes e, conseqüentemente, subtrair as forças e diminuir o tempo de trabalho, bem como o lucro.

As doenças causavam uma baixa no número de trabalhadores, o que afetava diretamente os custos econômicos pela produção não realizada. Assim, surge uma apreensão por essas doenças, surge uma medicina com a intenção de melhorar a higiene pública através de tratamentos médicos e campanhas de aprendizado. Surgem as vacinas, o cuidado com acidentes de trabalho, a preocupação com os dejetos humanos. Tudo voltado para uma boa saúde, ou seja, um corpo sadio para exercer seu ofício com mais vigor. Do foco no indivíduo, da sociedade disciplinar, chega-se à ideia de população como problema político e biológico. Cabe salientar

---

<sup>76</sup> Pesquisado em: <http://www.vacinas.com.pt/vacinas/historia-das-vacinas> Acesso em: 29 maio 2015.

<sup>77</sup> FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999, p. 285.

que, nessa época, havia um descontrole com a “saúde” da natureza também. O que interessava era explorá-la.

A partir dos estudos de Foucault, alguns anos depois, outro filósofo francês, chamado Gilles Deleuze, formulou a teoria de uma nova ordem social que ele denominou de *sociedade de controle*<sup>78</sup>. Para Deleuze, foi na segunda metade do século XX, que ocorreu essa mudança do disciplinar ao controle. Foi nesse período que o neocapitalismo começou a ganhar força juntamente com o salto das inovações tecnológicas. Para Deleuze, o uso dessas novas tecnologias para o controle social seria a mais nova expressão do exercício do poder na sociedade moderna.

A vigilância deixou de ser algo restrito às instituições disciplinares e preencheu todos os espaços sociais. Assim, o controle era em todos os espaços e tempos. Nesse novo modelo, encontramos câmeras de vídeos, celulares, cartões de crédito, chips e a própria Internet que ajudam a controlar os indivíduos. E a busca é para que estes dispositivos tornem-se cada vez mais eficientes na sua função.

Não há mais espaços públicos que não apresentem esse controle pelo uso das tecnologias. O uso de câmeras em comércios e residências particulares aumenta cada vez mais, talvez pela questão da criminalidade. Contudo, é uma “faca de dois gumes”, pois é retirada a privacidade. Os dados referentes às identidades das pessoas (carteira de identidade, passaporte, CPF, cartão de crédito etc.) podem ser acessados pela rede mundial de computadores. Todas as informações dos indivíduos estão em bancos de dados. Para viajar ao exterior, por exemplo, é necessário pedir para que liberem seu cartão de crédito e dizer para onde vai e por quanto tempo, caso não seja feita a solicitação, o viajante não poderá fazer compras a crédito. Esses são alguns exemplos do exercício de controle sobre os corpos.

Como essas práticas já se tornaram comuns no nosso cotidiano, o controle acabou se interiorizando nos corpos, chegando ao ponto de, mesmo num local isolado, distante das tecnologias digitais, sentir-se a sensação de que existe um

---

<sup>78</sup> Gilles Deleuze, em sua obra *Conversações*, aborda os elementos que caracterizam a passagem das sociedades disciplinares, que têm seu apogeu, segundo Foucault, no início do século XX, para as sociedades de controle.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução Peter PálPelbart. São Paulo: Editora 34. 1992.

monitoramento o tempo todo. Mesmo fora do alcance do olhar do “outro”, em geral, continuam os mesmos discursos, gestos, feições, afetando os modos de vida.

Diante deste cenário contemporâneo é importante lembrar que não houve uma sucessão no que se refere à disciplina e o controle dos corpos. O que ocorre é uma complementação dessas estratégias de poder. A disciplina, uma das marcas da modernidade, permanece nos dias atuais junto a todas as outras estratégias atreladas às relações de poder.

## 2.2 Outras/novas sensibilidades: as multiplicidades das relações

É no século XVIII, na Inglaterra, que se iniciou uma mudança importante na percepção do mundo natural. Isabel Carvalho trata o fenômeno das “novas sensibilidades”, estudado por Thomas (1989)<sup>79</sup>, como sendo um traço cultural ligado ao ambiente social inglês deste período, à medida que se evidenciaram os efeitos da deterioração do meio ambiente e da vida das cidades causados pela Revolução Industrial.

Essas “novas sensibilidades” orientavam-se para a valorização das paisagens naturais, das plantas e dos animais. Podemos perceber que até hoje essas questões do belo e da natureza boa estão impregnadas em nossos discursos. Essa cultura foi ainda mais fortalecida com o Movimento Romântico europeu do século XIX e, na perspectiva de uma tradição de longa duração, ainda permanece.

No início da década de 70 do século XX, surgiu uma novidade que é a *ecologia profunda*<sup>80</sup>, a visão “ecocêntrica”, que não separa os seres humanos ou qualquer outra coisa do ambiente natural. Vê o mundo não como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. Essa linha da filosofia ecológica apresenta um sistema de valores centrados na natureza, em oposição ao antropocentrismo.

---

<sup>79</sup> CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental: a formação do sujeito ecológico**. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

<sup>80</sup> CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 2006.

Na visão “ecocêntrica” não existe centro. Os humanos não são mais, nem menos importantes do que qualquer elemento da natureza. Tudo é relevante, tanto os fatores bióticos, como plantas e animais, quanto os fatores abióticos, como sais minerais, água, gases, entre outros elementos. O homem é integrado à natureza, compondo, com os outros seres vivos, um modo harmonioso e em equilíbrio com ela.

Através do relato a respeito de um estudo de Maurice Leenhardt sobre a sociedade Canaque, Le Breton nos mostra o quanto essa representação do corpo e da natureza são tipicamente ocidentais e modernas. Entre os Canaques o corpo não é uma matéria isolada do mundo, ele participa em sua totalidade de uma natureza, que, ao mesmo tempo, o assimila e o banha.<sup>81</sup>

A ligação com os seres e substâncias que compõem o cosmos não é considerada uma metáfora. Esse corpo sem fronteiras entrelaça sua existência às árvores, aos frutos, às plantas. Segundo Le Breton, o corpo aparece na sociedade dos Canaques como uma forma vegetal, ou o vegetal como uma extensão natural do corpo, quando os ossos se remetem a casca da árvore, os intestinos assimilados aos emaranhados de cipós que adensam a floresta, entre outras conexões.<sup>82</sup>

No mesmo século XX, surgiu também o pensamento sistêmico<sup>83</sup> através dos estudos de biólogos, trazendo a compreensão de um fenômeno dentro de um contexto, de um todo maior. Entender as conexões dos fatores bióticos e abióticos significa, literalmente, colocá-los dentro de um contexto, estabelecer a natureza de suas relações. Segundo Godoy

O aparecimento de uma ciência propriamente ecológica, no início do século XX, permitiu o predomínio da explicação científica sobre qualquer outra descrição, seja de ordem estética ou conceitual, conferindo, desta maneira, uma ênfase menor aos cenários de grande beleza, ainda que devam ser protegidos. A experiência puramente estética – em que estavam mergulhados tanto o transcendentalismo norte-americano quanto o romantismo europeu no século XIX – foi progressivamente eliminado em proveito de uma visão e metodologias pragmáticas, as quais, cada vez mais, se

<sup>81</sup> LE BRETON, Davi. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011, p.23.

<sup>82</sup> Idem, 2011.

<sup>83</sup> Fritjof Capra, em *A Teia da Vida*, discorre sobre o *Pensamento Sistemático*, elaborado por biólogos organizmicos do Século XX.

articularam não só a ecologia norte-americana como a todo o pensamento ecológico ocidental.<sup>84</sup>

Percebe-se que tudo o que acontece na natureza, inclusive os desequilíbrios ambientais, não pode ser compreendido isoladamente, de forma mecânica, cartesiana. A percepção do mundo é como uma rede de relações, de conexões, sem linearidade dos fatores presentes no ambiente. Estamos todos envolvidos nos processos cíclicos da natureza. Segundo Fritjof Capra:

De acordo com a visão sistêmica, as propriedades essenciais de um organismo, ou ser vivo, são propriedades do todo, que nenhuma das partes possui. Elas surgem das interações e das relações entre as partes. Essas propriedades são destruídas quando o sistema é dissecado, física ou teoricamente, em elementos isolados.<sup>85</sup>

O pensamento sistêmico talvez tenha muitas conexões com o rizomático, para o qual interessa a processualidade. As conexões, ocorridas nos pensamentos sistêmico e rizomático, multiplicam-se ao longo das intensidades, criam novos sentidos, microconexões, se difundindo, se diluindo, se dimensionando. Nessa nova ordem, existe uma interdependência de todos os fenômenos, incluindo o *socius* e as subjetividades<sup>86</sup>.

É então que autores contemporâneos, como Deleuze, Guattari e Foucault, questionam o método científico, alicerçado no pensamento cartesiano, por ser um modelo que despreza os desvios. Eles chegam a escrever a possibilidade de um “antimétodo”, uma verdadeira crítica ao método científico. É como um dispositivo de desconstrução, experimentação no pensamento que atenta para o sensível e tem a ver com nossos modos de vida.

Assim, a proposta de Deleuze e de Guattari é de criar um pensamento inventivo, múltiplo, e que dê conta das incertezas da vida na contemporaneidade, não no sentido de resolvê-los, mas de problematizar a vida. Para explicar essa atenção com as variáveis e suas conexões, as quais esses filósofos conceituam

<sup>84</sup> GODOY, Ana. O modelo da natureza e a natureza do modelo. **São Paulo em Perspectiva**. n.14(4), p.129-138, 2000, p.135.

<sup>85</sup> CAPRA, FRITJOF. **A teia da vida**. Tradução Newton R. Eicheberg. São Paulo: Editora Cultrix, 2006, p.40.

<sup>86</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Papyrus, 2012.

como sendo multiplicidades, eles apropriam-se de um termo da Botânica, chamado rizoma<sup>87</sup>, com a finalidade de dar uma imagem ao pensamento múltiplo ou, como eles também chamam, um pensamento rizomático.

Para os filósofos da diferença, o pensamento cartesiano necessita de uma forte unidade principal, é um pensamento dual: o bem ou o mal, o certo ou o errado, desprezando o que está entre esses dois pontos. Este sistema, eles chamam de raiz pivotante, dotada de um eixo principal de onde partem as ramificações secundárias.

Já no sistema-radícula, como propõem, não existe uma raiz central. Ele é composto pela multiplicidade das raízes secundárias de forma desalinhada, ou seja, sem hierarquização. Para a Botânica, rizoma é um tipo de raiz fasciculada, com várias hastes, no qual não existe um eixo principal. A grama é uma das plantas que possui esse tipo de raiz. É nessa dimensão que Deleuze e Guattari defendem a ideia de um pensamento múltiplo, contestando a linearidade, a hierarquização, características do pensamento cartesiano ou representacional.

Deleuze e Guattari dizem que “toda a multiplicidade se encontra presa numa estrutura, seu crescimento é compensado por uma redução das leis de combinação.”<sup>88</sup> O que era dual, aqui, passa a ser rizomático. Desmonta-se o fundamento de certeza das coisas, mostrando seus desvios e acidentes. Tudo é um processo, um movimento criador. Guattari propõe, na obra “As três ecologias”, a importância da articulação dos três registros ecológicos, o das relações sociais, o da subjetividade humana e o do meio ambiente para esclarecer convenientemente as questões relacionadas à vida.<sup>89</sup>

Deleuze e Guattari enumeraram alguns princípios do pensamento que se aproxima da ideia de rizoma. São eles: princípios de conexão e heterogeneidade, princípio de multiplicidade, princípio de ruptura assignificante e princípio de cartografia e decalcomania.<sup>90</sup>

---

<sup>87</sup> DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

<sup>88</sup> Idem, 2011, p.21.

<sup>89</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. São Paulo: Papyrus, 2012.

<sup>90</sup> DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

“Qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo. [...] Cadeias semióticas de toda a natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas etc.”<sup>91</sup> Assim, não existe uma forma fragmentada que isola os elementos, o que existe no rizoma são as conexões que constituem esse processo. Não há hierarquização, a qual nada mais é do que marcadores de poder e dominação que têm como pretensão homogeneizar e padronizar. Em um rizoma não existe essa centralização, pelo contrário, o que existe é a decomposição, as interligações em infinitas direções que agrimencionam esse pensamento, revelando sua heterogeneidade.

Essas conexões, que se estabelecem nesse pensamento, acolhem as diferentes direções, as diferentes possibilidades, as quais vão se desenhando nos caminhos percorridos. É através destas relações, de multiplicidades de formas, que se entende a natureza, o caos, o cosmos. A caosmose, como dizia Guattari<sup>92</sup>. Segundo Deleuze e Guattari<sup>93</sup>:

É somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. [...] Uma multiplicidade não tem sujeito nem objeto, mas somente determinações, grandezas, dimensões que podem crescer sem que mude de natureza (as leis de combinação crescem então com multiplicidade).

A multiplicidade do rizoma é constituída pelo crescimento das dimensões que podem estar relacionadas a elementos de variadas naturezas que tendem a realizar mais e mais conexões, várias linhas que se deslocam em diferentes sentidos, forças atuando na vida. Outra característica descrita, que se remete à ideia de um rizoma, é que pode ser rompido, ou seja, sofrer rupturas, em qualquer lugar. Para os autores, “há rupturas no rizoma cada vez que linhas segmentares explodem numa linha de fuga, mas a linha de fuga faz parte do rizoma.”<sup>94</sup>

<sup>91</sup> DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011, p.22.

<sup>92</sup> GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. São Paulo: Editora 34, 1998.

<sup>93</sup> DELEUZE, G., GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011, p.23.

<sup>94</sup> Idem, 2011, p.28.

Essas linhas estão sempre se remetendo umas às outras, elas rompem-se e, deste processo, originam-se novas linhas, uma constante transformação, ou podem correr o risco de se reestruturarem. Esses processos podem acontecer a qualquer momento, ao ler um livro, assistir a um filme, realizar um passeio. Através da problematização, cria-se um novo pensamento. São desvios que podem levar a criar outros pensamentos que acabam, ou não, interferindo no modo como nos relacionamos com o mundo.

Mesmo com o surgimento de outros tipos de pensamento e com outros modos de olhar para natureza, buscando demarcar o homem como parte da natureza, é possível perceber as marcas modernas de domínio e controle dos fenômenos naturais nos tempos atuais. Diante do cenário contemporâneo de degradação física da natureza, da extinção de espécies, da alteração da qualidade da água, do ar e do solo e da produção de lixo, o que se presencia hoje talvez seja um tempo de culpabilização desse homem que “domina” e interfere as condições na superfície terrestre.

Especialmente nas últimas décadas, a proliferação dos problemas sócio-ambientais tomou força em nossas vidas. O que se torna interessante discutir aqui é o modo como essas problemáticas ambientais vem sendo colocadas, sobretudo através das mídias. Para Ratto e Hennig<sup>95</sup> a temática de uma crise ambiental vinculada através das mídias, é sustentada muitas vezes, por uma política do medo, fomentadora de culpa e terror.

A partir desses discursos vinculados através de filmes, revistas e artefatos disseminados via internet e televisão, um modo ecológico de vida vai sendo fabricado, a partir da materialidade de uma crise. Para Ratto e Hennig

São os discursos da periculosidade e a política do medo que muitas vezes a mídia ajuda a propagar, intensificando uma atitude individualista, tanto de culpabilização pelo problema (Você é o culpado!), quanto de redenção solitária frente à crise (Salve sua própria pele enquanto há tempo!). Ambas, atitudes que despotencializam a dimensão política da questão e contribuem para

---

<sup>95</sup> RATTO, Cleber Gibbon, HENNING, Paula Corrêa. **Urgências sócio-ambientais contemporâneas: por uma ética do cuidado planetário ante a política do medo**. Disponível em: <[http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT22%20Trabalhos/GT22-1599\\_int.pdf](http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT22%20Trabalhos/GT22-1599_int.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2016.

o recrudescimento do individualismo sobre as formas efetivamente coletivas de ação e esperança.<sup>96</sup>

A própria constituição histórica, através de encontros mundiais, tornou a Educação Ambiental um campo de saber com objetivo de discutir sobre as problemáticas ambientais e a buscar possíveis soluções para a crise e a catástrofe, numa tentativa de pensar alternativas para mudar a realidade do planeta, ou melhor, do que os homens estão fazendo com ele.<sup>97</sup>

Nesse viés da Educação Ambiental e do modo como esse catastrofismo é anunciado pela da mídia, através dos estudos de Hennig e Garré, é possível perceber o quanto o homem é acionado a agir, a consumir de forma consciente e a se envolvera favor das problemáticas ambientais. Talvez, muito além de praticar escolhas de consumo consciente, seja necessário problematizar se tais ações estão relacionadas à preocupação da nossa relação com a natureza e pertencimento ao cosmos ou se realizamos tais movimentos por medo e culpa da situação atual e do futuro duvidoso.

A visão antropocêntrica que se fortaleceu na modernidade avançou pelos séculos. A ideia moderna de que a natureza era algo a ser dominado e explorado pelo homem se potencializou com o surgimento da tecnociência. Nossos discursos ainda carregam tais marcas modernas. Esse domínio sobre a vida em nível genético fez emergir a nova versão de natureza como perspectiva hegemônica, compatível com a configuração dos saberes, prazeres e poderes que caracterizam o mundo contemporâneo.<sup>98</sup> Assim, a Teoria da Evolução, a qual o naturalista inglês Charles Darwin nos apresentou após sua expedição pelo planeta, deixa de ocorrer somente ao acaso com caráter imprevisível e passa a ser controlada através dos saberes

<sup>96</sup> RATTO, Cleber Gibbon, HENNING, Paula Corrêa. **Urgências sócio-ambientais contemporâneas: por uma ética do cuidado planetário ante a política do medo**. Disponível em: <[http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT22%20Trabalhos/GT22-1599\\_int.pdf](http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT22%20Trabalhos/GT22-1599_int.pdf)>.

Acesso em: 15 ago. 2016, p.07.

<sup>97</sup> GARRÉ, Bárbara Hees; HENNING, Paula Corrêa. Modos de atualizar o enunciado catastrófico do Planeta Terra na revista Veja. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.16, n.3, p.426-439, set./dez. 2014. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/6792>>. Acesso em: 10 julho 2016.

<sup>98</sup> SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologia digitais**. Rio de Janeiro: RelumeDumará, 2002.

desenvolvidos, promovendo uma evolução artificial denominada uma evolução pós-biológica ou uma pós-evolução.<sup>99</sup>

Neste sentido pensamos ser necessário problematizarmos qual natureza vimos fabricando na atualidade, em meio a essa reconfiguração que se apresenta no dia a dia, no que diz respeito às relações com o ambiente físico, com os outros e consigo mesmo. Assim, continuamos nossa escrita cartografando o conceito de ecosofia que é importante para os estudos dessa pesquisa.

---

<sup>99</sup> Segundo Sibilía, graças aos avanços das técnicas computacionais e da manipulação do código genético hoje o homem tem a capacidade de alterar com eficácia o código da vida, visando à provocação de determinados efeitos e prescindindo da dependência histórica com relação a evolução natural.

### 3. Ecosofia

*Mudaram-se, foram morar próximos da indústria, a luz chegou e a menina começou seus estudos. A escola, pequena, era o lugar onde ela encontrava amigos para brincar. Filha única, sempre brincou sozinha, ou melhor, na companhia de seus amigos imaginários. A professora era maravilhosa! A escola tinha uma sala só. Duas turmas, ao mesmo tempo, eram ensinadas pela professora, que também era a diretora, a merendeira, a faxineira e o que mais precisasse. Seus pais não tiveram oportunidade de continuar seus estudos. Formados até a 6ª série, possuem um conhecimento do campo e da natureza imensurável. A formação acadêmica sendo uma pequena parte da formação de vida.*

*Esta natureza presente criou a menina da terra. Fez e faz parte da sua vida. Ela é natureza. Entre plantas e animais, ela se criou sabendo respeitar a diversidade de vidas, deste planeta chamado Terra.*

\* \* \* \* \*

#### 3.1 A realidade contemporânea

Félix Guattari traz a problemática ambiental, social e dos processos de subjetivação para repensarmos nossas vidas. O autor alerta sobre os modos de vida na contemporaneidade. Essa velocidade nas mudanças, excessos de informações, dificuldades nas relações humanas, degradação ambiental e na produção de subjetivação, na maioria das vezes, causam medo, solidão e insegurança. Não é por nada que a depressão e a ansiedade estão cada vez mais comuns.

Vivemos em um planeta em grande transformação<sup>100</sup>. Com a descoberta do petróleo, o “ouro negro”, o homem pôde ampliar suas produções e reconfigurou o ambiente físico. No campo, as máquinas substituíram a mão de obra humana e a

---

<sup>100</sup>O documentário intitulado *Home* foi lançado em 2009. Produzido pelo jornalista, fotógrafo e ambientalista francês YannArthus-Bertrand, o filme foi produzido com imagens aéreas de variados locais pelo mundo. A intenção foi mostrar não só a diversidade de vida no planeta, mas também como a humanidade está ameaçando o equilíbrio ecológico.

**HOME.** Produção de Denis Carot e Luc Besson. Direção: YannArthus-Bertrand. Roteiro: Isabelle Delannov, YannArthus-Bertrands, Denis Carot e Yen Le Van. França: Europa Filmes, 2009. Documentário (90min.), DVD.Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=X3Nnp\\_jVDd0](https://www.youtube.com/watch?v=X3Nnp_jVDd0)>. Acesso em: 23 out. 2015.

produção passou a ser em grande escala. A monocultura substituiu a diversidade de plantas cultivadas para dar conta da demanda na produção.

Paralelo ao cultivo, em grandes escalas, surgiram as pragas de lavouras, na sequência, para tentar solucionar tal problema, os pesticidas, os quais, hoje, talvez já tenham se incorporado a praticamente todas as cadeias alimentares. Para melhorar ainda mais a produção, tornou-se necessária a utilização de fertilizantes, assim, em menos tempo e espaço, aumentavam os resultados da colheita e do lucro.

Grandes áreas de florestas foram e são afetadas diariamente para que mais e mais áreas sejam cultivadas. Queimadas, reorientação de cursos d'água, exploração de minerais, são muitas as modificações realizadas para tal "progresso". Quanto mais o mundo avança no sentido tecnocientífico, maior é a sede por energia através da exploração de recursos naturais. Qual será o preço deste "progresso"? A Terra levou milhares de anos para se formar. Cada vida, desde os seres unicelulares até os pluricelulares, foi importante para promover as condições que se tem hoje neste planeta. Sem as bactérias primitivas, realizadoras de fotossíntese, não teríamos o gás oxigênio, gás essencial para a vida. A presença da vida modificou o planeta que, até então, não tinha condições químicas para se desenvolver biologicamente.

A evolução dos seres vivos e a transformação da Terra, desde o princípio, foram interligadas. Tudo na natureza é equilibrado e harmônico, nada é inútil e desnecessário. A matéria viva liga a água, a terra e o sol. Nas cadeias alimentares circulam energia e matéria, a qual se recicla a cada ciclo de vida. Os ecossistemas não possuem fronteiras. O que é feito em um determinado lugar modifica todo o resto, a natureza é indivisível. O motor da vida é essa ligação onde nada é autossuficiente.

E nessa natureza estamos nós. Juntos a esse fluxo de matéria viva. Somos água, terra e sol assim como os outros elementos que constituem o Caos-Cosmos. Seres providos de "raciocínio", e que ao longo da história, utilizam os recursos naturais como animais, plantas e minerais para perpetuar sua espécie.

Hoje, essa alteração e interferência tornaram-se desenfreadas. O planeta, que levou milhares de anos para se formar, em pouco tempo tornou-se um ambiente

de devastação da vida, sofrendo grandes modificações. O ser humano que também é parte dessa natureza, ainda vê esta como algo que lhe pertence e que tem que dominar. Essa é a visão antropocêntrica, na qual o homem é o centro do planeta.

O carbono, que levou milhares de anos para ser aprisionado em rochas e em forma de petróleo, está sendo liberado rapidamente, à medida que se intensifica não só a produção de bens materiais, mas a produção diária de insatisfação atrelada ao consumismo e também às desigualdades sociais. Esse carbono está voltando para a atmosfera, aumentando o efeito estufa, o aquecimento global e derretendo as calotas polares. O planeta está se modificando a cada dia. Ao liberar as toxinas que tanto tempo a natureza levou para depositar nas suas entranhas, os modos de produção atuais alteram não só o ambiente físico, mas também se espalham nas relações entre as pessoas e na relação consigo mesmas.

Existe um alerta sobre o risco de esgotamento dos recursos naturais. As alterações nos ciclos de vida ocorrem em um ritmo acelerado. A ganância e o poder transformaram o homem em um predador da natureza, sem perceber que sem ela não somos nada e que, se não for preservada, nossa espécie corre o grande risco de extinção.

Essa alteração física do meio é retratada pela mídia. São nesses locais de ampla repercussão que reverberam discursos preocupados com a “crise planetária” e com “o futuro incerto da espécie humana”. Tais discursos através desses artefatos midiáticos “são potentes na produção de subjetividades e constituem nossas vidas”.<sup>101</sup> É comum encontrar tais enunciações presentes no nosso dia a dia, elas já se tornaram “verdades” aceitas por todos como nos diz Garré e Henning, promovendo algumas escolhas e posicionamentos. Esses discursos atrelados a uma “preocupação” frente às problemáticas ambientais se conectam com o próprio movimento do consumo, marca da sociedade atual, voltado, por exemplo, para o marketing verde e o sujeito “ecologicamente correto”. Para Ratto e Henning,

Ocorre que diante dessa tematização proliferante, confunde-se facilmente os discursos e as práticas de real compromisso ético e político com a condição contemporânea e aqueles outros que fazem

---

<sup>101</sup> GARRÉ, Bárbara Hees; HENNING, Paula Corrêa. Modos de atualizar o enunciado catastrófico do Planeta Terra na revista Veja. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.16, n.3, p.426-439, set./dez. 2014. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/6792>>. Acesso em: 10 julho 2016.

do alarmismo uma política do medo favorável à comercialização de antídotos para o mal-estar.<sup>102</sup>

De forma rizomática, essa modificação do ambiente, que se intensificou desde a modernidade, não se dá somente no âmbito físico. Ela ocorre também nas relações humanas e na relação consigo. Nos tempos atuais, com o Capitalismo Mundial Integrado (CMI), como nomeou Guattari<sup>103</sup>, enraizado pelo domínio do outro e na instauração em longo prazo de imensas zonas de misérias, fome e morte. É nesses cenários de desemprego, diferenças sociais, diferenças econômicas e desvalorização da vida que se laminam as subjetividades. Para o filósofo

La pobreza es “querida” por el sistema capitalista que se sirve de ella como de una palanca para poner em marcha la fuerza colectiva de trabajo. El individuo es obligado a plegarse a las disciplinas urbanas, a las exigencias del sistema salarial o a las rentas del capital. Es obligado a ocupar cierto lugar em la escala social, a falta de lo cual se hundirá em el abismo de la pobreza, de la asistencia y eventualmente de la delincuencia. La subjetivade colectiva regida por el capitalismo está polarizada entonces por um campo de valores: rico/pobre, autonomia/asistencia, integración/desintegración.<sup>104</sup>

Outra questão muito importante é a fome no mundo. Afinal, com todos os aparatos tecnológicos, é possível estabelecer uma alta produtividade de alimentos compatíveis com o índice populacional. Em contrapartida, ainda existem, em grande escala, pessoas que passam fome e que morrem pela falta de alimento. Essa grande desigualdade social talvez pudesse ser repensada caso esse fosse um dos objetivos das grandes potências mundiais. Infelizmente, existe um interesse do capitalismo em manter esses desniveis.

São os mais necessitados, os mais pobres, que vão se submeter a trabalhos praticamente escravos, tornando suas produções com baixos custos operacionais.

<sup>102</sup> RATIO, Cleber Gibbon, HENNING, Paula Corrêa. **Urgências sócio-ambientais contemporâneas: por uma ética do cuidado planetário ante a política do medo**. Disponível em: <[http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT22%20Trabalhos/GT22-1599\\_int.pdf](http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT22%20Trabalhos/GT22-1599_int.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2016.

<sup>103</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21 ed. Campinas: Papirus, 2012.

<sup>104</sup> GUATTARI, Félix. **¿Qué es la ecosofia?:** textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015, p.35.

Pelo desespero e por não terem outras opções, muitas pessoas se submetem a salários indignos. Essa é também uma questão ambiental, social e mental. Afinal, tudo isso faz parte do monstruoso sistema de estimulação do CMI. Mas quem tem consciência disso? E a escola, como traz essa problemática?

Enfrentamentos entre nações; por territórios, bens, poder, interesses econômicos, políticos e religiosos; aceleram mudanças nas culturas. Esta degradação das sociedades e das relações humanas pode também ser sentida nos diferentes espaços de convivência, como nas escolas, na vizinhança e dentro dos próprios núcleos familiares.

É possível perceber no ambiente escolar, por exemplo, a presença da intolerância frente às diferenças entre os alunos. A altura, o peso, o cabelo, a roupa, o modo como se relacionam uns com os outros, o modelo de celular, o tipo de caderno, se vai à escola de ônibus ou de bicicleta, se a família espera na porta da escola ou não. Todas essas questões circulam entre os jovens provocando um posicionamento frente a uma subjetividade normalizada, causando não só lesões físicas, mas também uma produção subjetiva, o chamado *Bullying*<sup>105</sup> que já é comum no CMI. Nesse contexto, assim como em tantos outros, é possível perceber a captura midiática na produção dessas subjetividades, a qual Guattari chama de *Mass Media*<sup>106</sup>, que atravessa as questões da uniformização, do conformismo e do senso comum diante do efêmero cenário contemporâneo.

Assim, em contraponto ao avanço das tecnologias e da facilidade de comunicação entre as pessoas de diferentes localidades, em tempo instantâneo, talvez nunca se tenha vivenciado um período de tanto distanciamento entre os indivíduos. “Estamos mais conectados e mais isolados.”<sup>107</sup> Denise de Sant’Anna traz essa problemática na obra “Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade contemporânea” para se referir aos corpos na contemporaneidade. A autora escreve que

<sup>105</sup>Bullying é um termo utilizado para descrever atos de violência física e psicológica intencionais e repetidos, praticados por um indivíduo ou grupo de indivíduos, causando dor e angústia à vítima. Pesquisado em: <<https://pt.wikipedia.org/wiki/Bullying>>. Acesso em 12 set. 2016.

<sup>106</sup>Na obra *Caosmose*, Guattari vai dizer que os fatores subjetivos também foram assumidos pela *mass media* num alcance mundial através dos meios de comunicação em massa.

GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

<sup>107</sup> SANT’ANNA, Denise B. de. **Corpos de passagem: ensaios sobre a subjetividade Contemporânea**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p.38.

Proclama-se frequentemente que nesta era de ubiquidade da informação, as novas tecnologias abrem ao homem a possibilidade de uma reflexão e de uma inteligência coletivas. Entretanto, quando este mesmo homem está nas ruas das cidades-rodovias, o que ocorre? Uma regressão desconcertante: ele é levado a conceber o outro como um estrangeiro ameaçador e a manter sua individualidade a salvo do contato com o outro. Se a interatividade entre homem e máquina ocorre no espaço virtual e privado das moradias e instituições – o que implica compartilhar experiências –, no espaço geográfico das ruas, compartilhar qualquer coisa tende a ser uma utopia.<sup>108</sup>

Para Guattari, o individualismo e a fraqueza das relações não deixam de ser problemáticas ecológicas. A felicidade na contemporaneidade resume-se em “ter” e não em “ser”. Para o filósofo “La subjetividade se encuentra de este modo amenazada de petrificación, perde el gusto de la diferencia, de lo imprevisto, del acontecimiento singular”<sup>109</sup>. Em todas as escalas individuais e coletivas, a captura feita pela mídia permitiu que se instaurasse um mesmo estilo de vida. Vivemos em um mundo de padronização dos comportamentos.

Informações não faltam no nosso cotidiano. Elas surgem em alta velocidade, a todo o momento. Porém, não há tempo para se apropriar de tudo. Por estes excessos vinculados pelas mídias como televisão, *smartphones* e computadores ligados à Internet, as pessoas acabam somente se posicionando frente aos fatos pontuais, assumindo um papel passivo diante da vida, ante um senso comum. “Como se agissem sempre por reflexo e jamais por reflexão”<sup>110</sup>. Diante dessa realidade Guattari nos diz que

Es decir que no se puede esperar recomponer una tierra humanamente habitable sin la reinención de las finalidades económicas y productivas, de los agenciamentos urbanos, de las prácticas sociales, culturales, artísticas y mentales.<sup>111</sup>

<sup>108</sup>SANT’ANNA, Denise B. de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade Contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p.39.

<sup>109</sup> GUATTARI, Félix. **¿Qué es la ecosofia?**: textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015, p.30.

<sup>110</sup>SANT’ANNA, Denise B. de. **Corpos de passagem**: ensaios sobre a subjetividade Contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p.40.

<sup>111</sup> GUATTARI, Félix. **¿Qué es la ecosofia?**: textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015, p.30.

A falta de tempo na vida contemporânea acaba barrando as experiências, aquilo que nos passa, como nos ensina Jorge Larrosa<sup>112</sup>. As informações acabam passando sem nos tocar, sem nos modificar. Essa exposição de padrões exercidos pelas mídias e pelo sistema econômico (capitalismo), de certa forma, atua em nossos corpos reduzindo a percepção de mundo e de nós mesmos, o que limita, condiciona e produz nossos modos de vida. É possível perceber essas questões quando problematizamos o turismo nos dias atuais. As viagens acabam se resumindo num deslocamento físico onde, mesmo com a possibilidade de se estabelecer outras relações, o que se reproduz é o mesmo comportamento dos corpos, na visitação dos mesmos lugares, onde mais vale uma *Self*<sup>113</sup> num monumento famoso do que se colocar junto e estar atento ao fluxo de forças daquele espaço. Problematizar essas relações que se dão na atualidade, não só em relação ao ambiente físico, mas também as relações entre as pessoas e com a própria subjetividade, talvez possa provocar a criação de outros modos de vida.

### 3.2 A proposta de articulação: um escolha, uma atitude e um estilo diante da vida

Félix Guattari<sup>114</sup> defende que só uma articulação político-estética, o que ele chama de *ecosofia* – entre os três registros ecológicos (o do meio ambiente, o das relações sociais e o da subjetividade humana)<sup>115</sup> é que poderia ajudar a esclarecer as questões que ameaçam o meio ambiente natural de nossas sociedades. A

---

<sup>112</sup> Jorge Larrosa trata a experiência como processos de formação. Uma experiência que altera, modifica o indivíduo através do que lhe acontece. Segundo Larrosa, o conhecimento por si só não é experiência. A experiência passa pelo sofrimento ou por aquilo pelo qual alguém passa. Não acontece de igual maneira entre duas pessoas, cada uma delas tem a sua, não pode ser planejada de modo técnico.

LARROSA, J.; Et al. **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**/Marisa Vorraber Costa (Organizadora). 3ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

<sup>113</sup> O termo contemporâneo *Self* é dado à autoimagem de si mesmo, um registro fotográfico amplamente utilizado nas redes sociais atualmente.

<sup>114</sup> Félix Guattari (1930 – 1992) foi um filósofo francês que procurou, em suas obras, abarcar as questões sociais, humanas, políticas, econômicas e ambientais, com base na subjetividade e na transdisciplinaridade. Uma de suas obras de maior impacto foi “As três ecologias”, na qual o autor manifesta sua indignação perante um mundo que se deteriora lentamente.

<sup>115</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012, p. 8.

provocação que se faz a partir da *ecosofia* não direciona uma resolução das problemáticas ecológicas pontualmente pelo viés físico, o alerta do filósofo francês, vai ao encontro de outros registros ecológicos

Se não houver tal retomada ecosófica (seja qual for o nome que se lhe dê), se não houver uma rearticulação dos três registros fundamentais da ecologia, podemos infelizmente pressagiar a escala de todos os perigos: os do racismo, do fanatismo religioso, dos cismas nacionalitários caindo em fechamentos reacionários, os da exploração do trabalho das crianças, da opressão das mulheres, [...]<sup>116</sup>

Reconhecer a articulação entre os saberes da vida torna-se uma possibilidade de buscar novos modos de nos relacionarmos com o meio onde vivemos, com os outros indivíduos e conosco. Diz respeito a um olhar para si, pensar a vida, criar e inventar novas formas de ver o mundo através de práticas efetivas de experimentação, na tentativa de uma ressingularização, frente a uma escolha, uma atitude e um estilo diante da vida. Para Guattari, a sociologia, as ciências econômicas, políticas e jurídicas, parecem, nesse estado atual de coisas, insuficientemente armadas para dar conta dessas problemáticas. Assim, como a própria psicanálise, criticada pelo filósofo francês, enfrenta esses problemas reduzindo os fatos sociais a mecanismos psicológicos.<sup>117</sup>

Llamo de *ecosofia* a tal enlace de la ecología ambiental, de la ecología científica, de la ecología económica, de la ecología urbana y de las ecologías social y mental, no para englobar todos esos abordajes ecológicos heterogéneos em uma misma ideología totalizante o totalitária, sino para señalar por el contrario la perspectiva de una elección ético-política de la diversidad, del dissenso creador, de la responsabilidad respecto de la diferencia y de la alteridade.<sup>118</sup>

Neste mundo que atualmente se apresenta de modo efêmero em um contínuo processo de transformação, a atenção à vida e tal retomada *ecosófica*, proposta por Guattari, não se refere diretamente e somente às problemáticas ambientais a exemplo a poluição atmosférica, o aquecimento global ou a extinção de espécies. Ela vai além. Ela se refere também às devastações ecológicas relativas ao campo

<sup>116</sup> Idem, 2012, p.16-17

<sup>117</sup> GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

<sup>118</sup> GUATTARI, Félix. **¿Qué es la ecosofia?: textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud**. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015, p.31.

social e ao domínio mental, conectadas entre si. Nesse contexto, Guattari defende que

Não haverá verdadeira resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária e com condição que se opere uma autêntica revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais. Essa revolução deverá concernir, portanto, não só às relações de forças visíveis em grande escala, mas também aos domínios moleculares de sensibilidade, de inteligência e de desejo.<sup>119</sup>

O filósofo francês critica as práticas arcaicas de modos de transmissão e produção de conhecimentos, que permanecem no campo da representação e repetição. A *ecosofia* atenta para o pensamento rizomático, problematizando as diferentes conexões que se dão no cosmos, na busca de possíveis rupturas nesses modos dominantes e de captura dos corpos. Poucos se lançam para o novo, para a renovação de novos modos de pensar e agir na vida. Para Guattari “una ‘nueva dulzura’, una nueva escucha del outro em su diferencia y su singularidad están, aquí también, por investarse.”<sup>120</sup>

Magnavita levanta a questão de que a *Ecosofia* não é apenas uma filosofia da ecologia, como o termo designa, “mas uma postura ativista e política que objetiva agir no mundo, mais do que simplesmente pensá-lo”<sup>121</sup>. Essa postura tem a ver com a ética, com uma escolha, contra o desperdício e o consumismo. É também uma atitude política que vai além do nosso próprio benefício, atenta-se, no entanto, para a sociedade como um todo, preservando nosso ambiente, preservando a vida em todas as instâncias. Buscar essa sabedoria estando à espreita com o corpo e os sentidos numa relação íntima com o nosso meio.

Como já vimos, as relações sociais também estão em degradação. Estamos cada vez mais isolados, presos em nossas casas e, muitas vezes, conectados na Internet e na televisão. Hoje, a “moda” é o *Facebook*, lá há várias pessoas conectadas que se denominam “amigos”. Todos se expõem em fotos e em opiniões, em grande parte, superficiais, dizem os lugares que frequentam, o que comem e o

<sup>119</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012, p.9.

<sup>120</sup> GUATTARI, Félix. **¿Qué es la ecosofia?:** textos presentados y agenciados por Stéphane Nadaud. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015, p.44.

<sup>121</sup> MAGNAVITA, Alexey Dodsworth. A filosofia para questões urgentes. **Filosofia:** ciência e vida, Ano VI. Nº 72. Julho 2012.

que fazem. Há uma falta de encontros presenciais, visto que há coisas que o virtual não proporciona, como o olhar, o toque, o cheiro, isso está cada vez mais raro. E se tal pessoa não tiver ideias afins, simplesmente é apagada da relação de “amigos”. Pronto! Os problemas são deletados em um só clique.

O princípio particular à ecologia social diz respeito à promoção de um investimento afetivo e pragmático em grupos humanos de diversos tamanhos. Esse “Eros de grupo” não se apresenta como uma quantidade abstrata, mas corresponde a uma reconversão qualitativamente específica da subjetividade primária, da alçada da ecologia mental.<sup>122</sup>

Ainda em relação à ecologia social Guattari, nas obras *Caosmose* e *As três ecologias*, propõe como ponto pragmático primordial, problematizar e fazer as sociedades capitalísticas da era da mídia se direcionarem a uma *era pós-mídia*. Uma aposta no sentido de uma reapropriação da mídia pelos sujeitos capazes de conduzi-la numa via de ressingularização.<sup>123</sup>

São muitas as situações na contemporaneidade em que os corpos encontram-se isolados uns dos outros. Nas escolas, nas famílias, no trabalho, em quase todos os lugares. Guattari trata da ecosofia social com a intenção de desenvolver práticas específicas para modificar e reinventar essas relações de “ser em grupo”.

As mídias, as publicidades, hoje, são importantes meios de produção de subjetividade coletiva. Para Guattari, o sistema do CMI tende a descentralizar seu foco das estruturas de produção de bens e de serviços para estruturas produtoras de subjetividade<sup>124</sup>. Esse meio contribui, significativamente, para a captura dos sujeitos e suas atitudes, o que envolve diretamente o consumismo. Garré e Henning,<sup>125</sup> seguindo a correnteza foucaultiana, entendem que nossas escolhas não

<sup>122</sup>GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012, p.45.

<sup>123</sup> Cabe aqui lembrar que Guattari nos provoca a pensar sobre essa resingularização pelo viés da *era pós-mídia* no início dos anos 90, quando, a Internet, recém dava seus primeiros passos. Assim, é interessante pensar o quanto se torna potente e atual esse movimento provocado pelo filósofo há quase trinta anos.

<sup>124</sup>GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

<sup>125</sup>GARRÉ, Bárbara Hees; HENNING, Paula Corrêa. Modos de atualizar o enunciado catastrófico do Planeta Terra na revista *Veja*. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.16, n.3, p.426-

são totalmente livres, mas são governadas, direcionadas e reguladas. Assim, “somos sujeitos produzidos por um emaranhado de múltiplas relações, interferências e acontecimentos que direcionam nosso modo de ser, de pensar, de escolher e de ‘sermos livres’”.<sup>126</sup>

Quando falamos em consumo, logo nos lembramos da compra de roupas, objetos tecnológicos, carros, entre outros. Nos anúncios de carros, por exemplo, a jogada é “mostrar” que ter um carro vai trazer uma série de “benefícios”, como poder, mulheres, reconhecimento. A cada novidade no mercado o que se produz é um sentimento de insatisfação com o que se tem. A vida na sociedade de consumo se movimenta através da captura de se querer mais e ser mais. Para Guattari

As transformações tecnológicas nos obrigam a considerar simultaneamente uma tendência à homogeneização universalizante e reducionista da subjetividade e uma tendência heterogênea, quer dizer, um reforço da heterogeneidade e da singularização de seus componentes.<sup>127</sup>

A ecosofia mental propõe-se a reinventar a relação do sujeito com o corpo (vida, morte), antídotos para a produção midiática de opiniões e padronização de comportamentos. Guattari fala de uma recomposição das práticas sociais e individuais que se agrupa na conexão entre as três ecologias –mental, social e ambiental – sob a égide ético-estética de uma ecosofia:

As relações da humanidade com o *socius*, com a psique e com a ‘natureza’ tendem, com efeito, a se deteriorar cada vez mais, não só em razão de nocividades e poluições objetivas, mas também pela existência de foto de um desconhecimento e de uma passividade fatalista dos indivíduos e dos poderes com relação a essas questões consideradas em conjunto.<sup>128</sup>

---

439, set./dez. 2014. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/6792>>. Acesso em: 10 julho 2016.

<sup>126</sup>GARRÉ, Bárbara Hees; HENNING, Paula Corrêa. Modos de atualizar o enunciado catastrófico do Planeta Terra na revista *Veja*. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.16, n.3, p.426-439, set./dez. 2014. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/6792>>. Acesso em: 10 julho 2016, p.428.

<sup>127</sup>GUATTARI, Félix. **Caosmose: um novo paradigma estético**. 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

<sup>128</sup>GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21ª edição. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012, p.23.

Convém ficar atento a essa articulação. As três ecologias estão sempre imbricadas. São rizomáticas. Pensar com a ecosofia é acolher um pensamento múltiplo sem dar juízo de valor, mas de se colocar junto, a esse fluxo de forças.

Para Guattari, os avanços tecnocientíficos têm potência para mudar a realidade das problemáticas ecológicas e buscar um reequilíbrio, porém a laminagem das subjetividades torna-se uma barreira<sup>129</sup>. Muitas lutas já foram vistas, lutas feministas e sindicais, porém de uma forma ou de outra o capitalismo e a mídia apropriam-se desses discursos e “roubam” as ideias mais uma vez. Essa é estratégia do CMI. Segundo o filósofo, é possível uma ressingularização individual e/ou coletiva contra a usinagem midiática em voga.

É necessário articular as três ecologias e, assim, reinventar as relações

Não é justo separar a ação sobre a psique daquela sobre o socius e o ambiente. A recusa a olhar de frente as degradações desses três domínios, tal como isso é alimentado pela mídia, confina num empreendimento de infantilização da opinião e de neutralização destrutiva da democracia. Para se desintoxicar do discurso sedativo que as televisões em particular destilam, conviria, daqui para frente, aprender o mundo através dos três vasos comunicantes que constituem nossos três pontos de vista ecológicos.<sup>130</sup>

Concordando com o autor, mais do que nunca, a natureza não pode ser separada da cultura, e precisamos aprender “transversalmente” as interações entre ecossistemas, mecanosfera e universos de referência social e individual. Estabelecer seus pontos de relação, essa é a articulação entre as três ecologias. Elas emergem implicadas sob uma lógica diferente, de forma rizomática, diferente do modelo representacional e discursivo que limitam seus objetos.

Um processo de singularização ou ressingularização seria criar fissuras na produção capitalística, mesmo que mais adiante o próprio sistema se aproprie da ideia. Esses caminhos são diferentes daqueles modos de subjetivação capitalísticos, uma maneira de recusar esses modos de encodificação preestabelecidos, recusá-los para construir, nem que seja por um breve momento,

---

<sup>129</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

<sup>130</sup> Idem, 2012, p.24.

modos de sensibilidade, modos de relação com o outro, modos de produção, modos de criatividade que produzam uma subjetividade singular.<sup>131</sup> Para Guattari e Rolnik

Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedade, os tipos de valores que não são os nossos.<sup>132</sup>

Essa pesquisa atenta para criar outros modos, buscar outras sensibilidades. Para Guattari o que caracteriza esses outros movimentos, “não é somente uma resistência contra esse processo geral de serialização da subjetividade, mas também a tentativa de produzir outros modos de subjetivações originais e singulares, processos de singularização subjetiva”.<sup>133</sup> de pensar a própria vida, a relação com as pessoas e com o cosmos.

Mas isso se dá na própria práxis, Práticas criativas que possibilitem a reinvenção das relações sociais, mentais e ambientais a partir dessa perspectiva ecosófica de Guattari. E isso tudo tem a ver com práticas na escola e na vida.

O princípio comum às três ecologias consiste, pois, em que os Territórios existenciais com os quais elas nos põem em confronto não se dão como um em-si, fechado sobre si mesmo, mas com um para-si precário, finito, finitizado, singular, singularizado, capaz de bifurcar em reiterações estratificadas e mortíferas ou em abertura processual a partir de práxis que permitam torná-lo ‘habitável’ por um projeto humano.<sup>134</sup>

Talvez desenvolver subjetividades singulares seja uma saída. Não que vá resolver, através de uma macropolítica, os problemas que vivenciamos na contemporaneidade, mas abrirá algumas frestas nos modos de produção dominantes. Para Guattari “a subjetividade capitalística se esforça por gerar um mundo da infância, do amor, da arte, bem como tudo o que é da ordem da angústia,

<sup>131</sup> GUATTARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **MICROPOLÍTICA: Cartografias do desejo**. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

<sup>132</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012, p.22.

<sup>133</sup> GUATTARRI, Félix; ROLNIK, Suely. **MICROPOLÍTICA: Cartografias do desejo**. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p.54.

<sup>134</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012, p.37.

da loucura, da dor, da morte, do sentimento de estar perdido no cosmos.”<sup>135</sup> Assim, “não somente as espécies desaparecem, mas também as palavras, as frases, os gestos de solidariedade humana.”<sup>136</sup>

Novas práticas sociais, novas práticas estéticas, novas práticas de si em relação com o outro, com o estrangeiro, com o estranho: todo um programa que parecerá bem distante das urgências do momento! E, no entanto, é exatamente na articulação: da subjetividade em estado nascente, do *socius* em estado mutante, do meio ambiente no ponto em que pode ser reinventado, que estará em jogo a saída das crises maiores de nossa época.<sup>137</sup>

Através dessas ideias do autor, a tentativa foi problematizar os processos de subjetivação e provocar algumas saídas para as questões que esta pesquisa apresenta. Afinal, somos natureza!

Se somos natureza, como tratamos desse assunto na escola? Esse também foi o tema da segunda roda de conversa com o artefato “filme” que trataremos a seguir. Parece-me que a escola ainda não tem esse entendimento e trata “a natureza” como os minerais, animais e vegetais que nos rodeiam.

---

<sup>135</sup>GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21ª edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012, p.34.

<sup>136</sup>Idem, 2012, p.27.

<sup>137</sup>Idem, 2012, p.55.

- **Somos natureza**

Data: 14/05/2016

Horário: 14h - 16h45

Anotações iniciais: é o dia da segunda roda de conversa. Chego correndo na escola como de costume. Quando se aproxima o momento das experimentações, sinto-me ansiosa e penso como vai se dar esse fluxo de forças que se conduz no encontro com meus alunos. Acompanhar e cartografar esses momentos está me possibilitando um outro olhar diante da minha prática pedagógica. Mergulhar nesse processo com a atenção, a entrega ao inesperado e as múltiplas entradas dessa experimentação talvez esteja descentralizando, desordenando e desassossegando esta cartógrafa. Como diz Kastrup a cartografia não é um método para ser aplicado, mas para ser experimentado e assumido como atitude<sup>138</sup>. O artefato utilizado neste encontro será o filme Avatar<sup>139</sup>. Como o filme é longo consegui algumas aulas da professora de português. A princípio acreditei que passaria a tarde toda com a turma, mas logo na chegada fui avisada de que soltaríamos um período mais cedo, pois a escola estava sem água. Inicialmente me preocupei com o tempo, mas logo me organizei para que a nossa conversa sobre o filme fosse no dia posterior. Os alunos foram pegos desprevenidos, pois hoje não teríamos aula de ciências. Quando fui ao encontro da turma eles tiveram uma surpresa.

Alguns alunos estavam na aula de português. Realizavam exercícios de fixação. Outros estavam no pátio ensaiando uma coreografia para a festa junina.

---

<sup>138</sup> PASSOS, E., KASTRUP, V., ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009. p.10

<sup>139</sup> CAMERON, James; LANDAU, Jon. **AVATAR**. Direção: James Cameron, produção de James Cameron e Jon Landau. Roteiro: James Cameron. EUA: Twentieth Century-Fox Film Corporation, Lightstorm Entertainment, Giant Studios, video (162 min.). 2009. DVD.

Cheguei à sala de aula avisando que neste dia seria o nosso segundo encontro das rodas de conversa. Alguns se animaram demonstrando curiosidade em saber o que lhes esperava, outros não tiveram reação alguma. Os alunos que estavam ensaiando com os alunos do pré-escolar inicialmente ficaram chateados, pois precisavam daquele momento para se preparar para a festa junina, mas logo entenderam e levaram os pequeninos para voltarem as suas salas.

Quando todos estavam na biblioteca (nossa improvisada sala de vídeo) falei sobre a proposta que lhes aguardava. Expliquei que assistiríamos a um filme e que (se desse tempo) teríamos uma conversa. Inicialmente perguntei se alguém já havia assistido ao filme Avatar. Três alunos disseram que sim e que haviam gostado da história. Uma aluna disse que não tinha vontade de assistir, pois achava o filme chato. Perguntei se ela já havia assistido e ela disse que não. Um colega entrou na conversa e disse: “como tu sabes que é chato se nunca assistisse a esse filme?” ela simplesmente disse que sabia que o filme era chato e não tinha curiosidade.

Comentei com a turma que o filme seria longo e que no período do recreio eles seriam liberados para poder merendar. Iniciei o filme e falei que o silêncio era fundamental, pois mesmo com a televisão no máximo de volume era necessário o silêncio para todos poderem entender e acompanhar o áudio do filme.

O filme conta inicialmente a história de dois irmãos gêmeos. Um deles era militar e trabalhava numa equipe treinada para explorar o Planeta Pandora. O outro, paraplégico, até então não tinha envolvimento com a atividade do irmão. Quando o irmão militar morreu, Jake foi convidado para substituir o irmão morto na operação já que ter a mesma informação genética era importante para tal processo. Com a promessa de recuperar a capacidade de andar caso a tarefa fosse executada com sucesso, Jake aceita a missão.

O filme mostra no decorrer da trama a influência dos avanços científicos e tecnológicos na posse dos bens naturais. O uso de equipamentos de exploração e monitoramento para alcançar os objetivos da indústria e do mercado são pontos marcantes nessa trama e fazem parte no contexto contemporâneo. A possibilidade de os homens alterarem e conduzirem com eficácia a engenharia genética e vários outros itens da tecnociência, promoveu importantes alterações até mesmo no que se refere à ideia que temos de natureza atualmente. Nesse contexto Sibília nos provoca

a problematizar se não estaríamos ingressando na era pós-natureza, já que, para a autora, a própria definição e o que entendemos ser “natureza” é apenas uma invenção humana, uma ideia que varia nas diversas formações sociais de acordo com os tipos de saberes gerados.<sup>140</sup>

Pandora é um planeta exuberante e diferente do Planeta Terra. Suas plantas e animais atraíram a atenção de alguns pesquisadores a fim de entender suas peculiaridades. A presença desses pesquisadores, num ambiente dito “hostil”, seria necessária por conta dos reais objetivos das grandes empresas naquele local. A primeira imagem que se tem de Pandora, vista do espaço, é bem semelhante à da Terra. Logo que a expedição chega ao planeta Pandora é possível perceber uma enorme clareira de devastação onde a equipe militar e uma empresa de minério construíram suas instalações. Na imagem pode-se perceber também a geração de alguns poluentes atmosféricos. A intenção de estudar a biosfera de Pandora e controlar aquele espaço se dá pela presença de um valioso minério (valorizado em 20 bilhões de dólares o quilo), o Nobtânio.

O discurso feito pelo capitão do exército aos combatentes é de que Pandora é uma terra perigosa, pior que o inferno e que cada criatura daquele lugar compromete a segurança dos humanos, sendo então uma grande ameaça. Ele fala também de uma tribo de nativos “humanoides” chamada Na’vi, e se refere a eles como sendo perigosos, ameaçadores e difíceis de matar. O capitão completa dizendo que os militares os quais almejam sobreviver em Pandora deverão desenvolver uma forte disciplina mental. Uma disciplina envolvendo um treinamento de sobrevivência e de fidelidade aos seres humanos, na qual qualquer outro ser de Pandora era sempre menos importante do que os humanos.

Essa disciplina era uma exigência do exército para que o objetivo daquela missão fosse cumprido ao longo da temporada em Pandora. Foucault em seu livro *Vigiar e punir* vai problematizar a sociedade disciplinar, assim como o nascimento e funcionamento das instituições disciplinares como as escolas, os presídios e os hospícios, é nessa obra que o filósofo vai discorrer sobre a docilização e vigilância

---

<sup>140</sup> SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico**. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, p.115.

dos corpos.<sup>141</sup> No filme é possível perceber o poder do discurso sobre a ordem e a disciplina que produz subjetividades.

Uma das questões que chama a atenção ao longo do filme é a relação dos humanos com os seres que habitam Pandora. Os Na'vis são tratados como selvagens, ameaçadores e perigosos. Um verdadeiro “risco” aos humanos. E cabe a pergunta: afinal, a invasão está sendo realizada pelos humanos e pelas grandes empresas, então, quem é a ameaça aqui? O filme mostra essa posição dos seres humanos em relação à natureza: de exploração e domínio. Ainda uma visão antropocêntrica.

Há também, em Pandora, instalações de um grupo de pesquisadores. Esses cientistas estudam os seres que habitam o lugar, principalmente os Na'vis. Eles desenvolveram em laboratórios corpos desses seres “humanoides” nos quais realizam conexões com corpos humanos, são os chamados Avatares. Esses Avatares foram inseridos nas comunidades nativas da região a fim de trocarem informações com o grupo e estabelecer a comunicação com os humanos. Aprenderam seus dialetos e se inseriram no grupo social. Jake foi recrutado para ser um Avatar e se infiltrar na comunidade do povo Na'vi. Seu capitão, aliado a uma forte empresa mineradora, pede para Jake obter informações importantes em troca da cirurgia para trazer os movimentos de suas pernas. Jake fica tentado pela proposta e aceita realizar esses favores.

É possível perceber que a proposta feita pelo capitão tem como intenção obter informações através da interação de Jake para futuras intervenções naquele planeta desconhecido. A oferta do retorno dos movimentos de suas pernas chama sua atenção, já que o sentimento de incapacidade é algo que transborda no protagonista. Na primeira experiência como Avatar, Jake se emociona com a possibilidade de caminhar, correr e sentir o solo de baixo de seus pés. A sensação de liberdade foi tanta que mesmo com pouca afinidade com seu Avatar, ele sai correndo e se livra da cadeira de rodas.

---

<sup>141</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir. Nascimento da Prisão**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2000.

Nessa parte do filme pude perceber a inquietação dos alunos. Alguns comentaram com o colega ao lado que Jake estava se sentindo livre e bem mais feliz, pois estava conseguindo caminhar. Os alunos riram quando Jake saiu desengonçado da cama e correu em direção à rua. Nesse momento pensei sobre a questão da normalidade, outro tema desenvolvido por Foucault. Parece-me que o filme quer nos passar uma ideia de que só existe felicidade se o corpo estiver dentro dos "padrões" de normalidade, uma normalidade produzida a partir de um discurso que se apoia na questão da utilidade de um corpo. Rever o filme me fez perceber e estabelecer algumas conexões interessantes, principalmente após algumas leituras sobre modernidade e natureza. Ao trazer os fatos do filme nessa cartografia coloco junto uma "crítica e uma clínica", através da atenção às conexões que se podem estabelecer com os nossos modos de vida.

A partir do momento em que Jake começa a conhecer o mundo de Pandora ele acaba se aproximando de uma nativa chamada Neytiri. Eles se conhecem quando Jake se perde do grupo na floresta e acaba sendo atacado por animais parecidos com cães selvagens. Para salvar Jake, Neytiri acaba matando um desses animais o que a deixa extremamente irritada e triste. Ela diz que não deveria ser assim, o animal não deveria morrer, pois ele estava no seu habitat. Neytiri chora ao ver o animal morto e pede desculpas para os Deuses pela sua escolha.

Neste momento alguns alunos riram do jeito com que Neytiri chorava, o som do choro da nativa era diferente. Alguns comentaram com o colega ao lado falando palavras como "retardada", "escrota". Pude perceber como é difícil algumas vezes a aceitação do diferente. Essa normalidade foi construída pelos discursos de verdade como nos diz Foucault. Outra questão que me chamou a atenção foi quando Neytiri matou o animal. Alguns disseram "coitadinho", "pobrezinho do animal". Um sentimento de pena por tirar a vida daquele ser. Será que essa questão está atrelada ao sentimento romântico-

conservacionista que se tem de uma natureza boa intocada e imaculada? Escrevi sobre esse assunto através dos estudos de Carvalho e Steil<sup>142</sup>. Mas ainda não sei se dá para fazer essa relação.

Neytiri o leva para a comunidade em que vive e Jake acaba sendo integrado ao grupo para aprender seus costumes. Neytiri aceita Jake no grupo e vê que ele é diferente no momento em que as sementes da árvore sagrada pousam no corpo do Avatar. Para ela, esse é um sinal de que Jake tem boas intenções e de que pode se integrar ao grupo. A cada dia que passa ele vai aprendendo coisas novas sobre a floresta e os seres que a habitam. Ele começa a entender que os seres de Pandora possuem uma forte conexão espiritual e corporal uns com os outros e com todos os outros elementos que compõe a natureza. Interessante perceber nestas cenas que todas as raízes das árvores estão conectadas umas às outras dando a ideia de rizoma. A partir dessas conexões é possível estabelecer certa comunicação e transmissão de sinais.

Perceber essa relação dos Na'vis com a natureza nos faz problematizar as questões que envolvem a nossa relação com o cosmos nos dias atuais. O posicionamento dual entre homem e natureza, fortalecido na Idade Moderna, enquadra a natureza como um objeto de utilidade frente às necessidades humanas. Segundo Carvalho e Steil deveríamos desfazer a própria ideia de fronteira, para pensarmos em termos de continuidade. O mundo que habitamos já não pode ser representado como um globo que seguramos nas mãos.<sup>143</sup> A exemplo do que se vê na relação dos Na'vis com os elementos que constituem a natureza de Pandora, talvez seja possível tentar pensar rizomaticamente a nossa relação com a natureza nos colocando junto a ela, como parte inseparável desse aglomerado de átomos que compõe a vida.

Neste cenário que aparece entre os elementos da natureza Neytiri consegue mostrar a Jake o respeito existente entre os seres da floresta, e como foi difícil, mesmo através de numerosas tentativas, mostrarem aos humanos a importância

---

<sup>142</sup> CARVALHO, Isabel de Moura; STEIL, Carlos Alberto. Natureza e imaginação: o deus da ecologia no horizonte moral do ambientalismo. **Ambiente e sociedade**, São Paulo: v.XVI. Nº 4. Out.-Dez. 2013, p.104.

<sup>143</sup> Idem, 2013, p.116.

dessas conexões. Neytiri diz: “é difícil encher um copo que já está cheio”, ou seja, que os humanos já estão “lotados” de suas verdades e, por isso, entender outros processos torna-se um desafio.

O capitão e o empresário não conseguem entender essa relação dos nativos com a natureza. Dizem que já lhes ofereceram remédios, educação e estradas, mas nada disso lhes interessava. Os humanos não entendiam essa relação entre os seres daquele lugar, essa conexão entre os seres de Pandora. Em um dos ensinamentos, Jake aprende que a energia existente na natureza é só emprestada para os seres vivos e que um dia deve ser devolvida, ou seja, retorna para a terra, para continuar seu ciclo. O Avatar aprendeu e se envolveu tanto com os seres de Pandora que acabou esquecendo-se daquela vida que tinha até mesmo da missão militar e exploratória com a qual fizera um acordo. A vida se transformou, ele passou a se sentir um Na’vi. Experimentar o filme e entender as relações entre os seres de Pandora com a floresta criou outro modo de pensar e se relacionar com aquele meio. Parece-me que essa escolha de Jake tem relação com o que Guattari traz quando se refere às *Três ecologias* e o desenvolvimento de uma ética-estética e política. A ética como uma escolha de vida, a política como atitude frente ao mundo e a estética como um estilo, um modo de se viver. Jake assume essa postura diante da vida, faz a escolha de viver como um Na’vi, sentindo-se e entregando-se aos fluxos da natureza.

Nas cenas em que apareciam o empresário e o capitão os alunos ficam falando coisas como “que nojo que eu tenho desses homens”, “esses malvados querem acabar com tudo” numa atitude de repúdio ao que os personagens estavam fazendo em Pandora.

Chega o dia em que o capitão exige que sua ordem seja cumprida. Ele queria que os Na’vis desabitassem a região que viviam, pois logo abaixo do solo existia uma das maiores reservas de Nobtânio. Pelo forte envolvimento com Pandora, Jake não se sente à vontade em cumprir o tal acordo e acaba ficando numa situação confusa entre recuperar o movimento de suas pernas ou defender o povo de Pandora. Afinal, qual será a sua escolha?

Toca a sirene, é o momento da pausa para o recreio. Os alunos saem da sala para merendar e conversar no pátio. Alguns

dizem que o filme está legal. Outros reclamam de estarem sentados há muito tempo. As cadeiras que estão na biblioteca não são muito confortáveis e esse cansaço era previsto. O filme tem duração de mais de 2h30. A intenção era de fazer alguns recortes nas cenas para diminuir o filme, mas não consegui fazer esses cortes, pois entendia que todas as cenas eram importantes para provocar os alunos a pensarem sobre a história e acompanhar o enredo. Alguns ficaram mexendo nos seus celulares durante o filme. Evitei interferir e acabei não falando para prestarem atenção. Mesmo sendo extenso, a maioria estava atenta e envolvida na história.

Sem paciência e sem a ajuda prometida o capitão decide atacar o espaço habitado pelos Na'vis e um cenário de destruição surge em Pandora. Pela grande força bélica e aparatos tecnológicos os humanos acabam tomando o lugar e matando muitos nativos. Jake faz de tudo para ajudar o povo e em meio à luta sua escolha é descoberta. Durante o ataque uma das militares também desiste do combate visto que não concordava com tais atitudes e torna-se aliada de Jake. O cenário era de devastação. Fogo na floresta, muitos seres mortos e machucados. Uma verdadeira guerra.

Nesse momento pude perceber a tristeza no olhar de alguns alunos. A cena de devastação mexeu com alguns. Uma aluna que estava próxima a mim disse: "Parece a guerra na Síria". É importante perceber que alguns conseguem fazer essas relações. A menina se deu conta de que aquele cenário não acontece só em filme, mas que aqui, na nossa sociedade, também existem confrontos parecidos. A realidade do planeta fictício de Pandora não está tão distante da nossa realidade.

Os militares acabam descobrindo uma árvore considerada sagrada para os seres da floresta e promovem um forte combate para destruir tal região. Assim, os Na'vis cederiam à pressão para ocupação dos humanos e abandonariam a área. Jake, antes do combate, pede à árvore que as conexões entre os seres da floresta ajudem-no a vencer os humanos. Sua amiga nativa diz que "a grande mãe não

escolhe o lado da batalha, ela só protege o equilíbrio da vida”. Jake convoca outros clãs de Na’vis para lutar contra os humanos e após muita luta os seres da floresta reagem contra as máquinas vencendo. Como consequência o cenário de destruição é extenso.

No momento do embate entre seres humanos e os seres de Pandora, era visível a torcida dos alunos para o povo de Pandora. A cada estratégia bem sucedida dos Na’vis eles vibravam. Percebe-se como os alunos ficam atentos nos momentos em que existe luta e duelos entre “mocinhos e vilões”. Essa dualidade é muito comum nos filmes e jogos de computador por exemplo. Mas também é interessante pensar que os alunos se comoveram pela vida. Escolheram uma ética pela natureza. Uma ética<sup>144</sup> como uma escolha de um modo de vida em consonância com os outros seres, coisa que os habitantes de Pandora sabiam fazer.

No final do filme, para minha surpresa, os alunos bateram palmas e alguns disseram “muito bom”. Faltavam cinco minutos para tocar o sinal. Alguns já começaram a se levantar para ir embora. Pedi que ficassem para eu explicar algumas questões. Falei que, no nosso próximo encontro, conversaríamos algumas coisas a respeito do filme, antes mesmo de terminar a conversa o sinal tocou e os alunos foram se dirigindo para a sala de aula onde estavam seus materiais escolares.

**Data: 16/05/2016**

**Horário: 14h - 14h50**

**Anotações iniciais: hoje vamos conversar sobre a história do filme. A intenção é destacar algumas questões quanto ao enredo apresentado, comentando a relação que se tinha em Pandora, aproximando de questões que nos envolvem no cotidiano. Desde**

---

<sup>144</sup> FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. 14 ed. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2014.

quando comecei meus estudos sobre o modelo do pensamento da representação, desenvolvi atenção aos discursos não só dos alunos, mas aos meus também. Essa escolha está me proporcionando um olhar um pouco crítico diante da vida. É um exercício que assumi como uma atitude, me colocando à "espreita" como diz Deleuze em seu abecedário. Está me proporcionando um mergulho sem distanciamento, pois me coloco junto ao movimento da vida para sentir os efeitos do próprio percurso da investigação. Talvez ainda seja necessária uma clínica, não como uma verdade, como uma solução, mas como uma formação menos acadêmica, mais atenta ao que se dá na vida!

A biblioteca estava sendo usada por outra turma então permanecemos na sala de aula. Inicialmente pedi para que afastássemos as mesas e sentássemos em roda. Muitos se recusaram a mudar a disposição da sala, mas aos poucos e com a ajuda de alguns alunos conseguimos realizar a roda como desejado. Eles estão acostumados com essa organização tradicional da sala de aula e alterá-la causa a sensação de estranheza. Fico pensando como essas regras disciplinares na escola ainda tornam os "corpos dóceis"<sup>145</sup>. Mudar as classes da sala de lugar parece abalar alguns alunos.

Antes de iniciar a conversa sobre o filme entreguei a autorização de participação nas rodas de conversas aos alunos. Expliquei sobre a importância da assinatura do documento pelos responsáveis. Expliquei também que era para o meu trabalho de mestrado. Alguns leram e ficaram assustados, mas logo comentei que o documento era uma burocracia para que eu pudesse apresentar algumas questões sobre as rodas de conversa como os desenhos sobre o universo, por exemplo. Sempre percebi o medo da exposição deles para outras pessoas ou para os colegas de outras classes. O medo do olhar do outro sobre cada um deles, um olhar de julgamento talvez. Será que nas redes sociais

---

<sup>145</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir. Nascimento da Prisão**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2000.

também são assim? Talvez criem outros personagens: felizes, competitivos e vencedores.

Antes de iniciar a conversa resgatei questões que nos provocaram na roda anterior, principalmente sobre o nosso posicionamento no universo. Lembrarmos que somos uma poeira nesse todo maior, nesse cosmos do qual fazemos parte. Achei que seria importante resgatar nossas discussões anteriores. A intenção de usar o filme Avatar foi de provocar um desassossego no que entendemos sobre a nossa relação com o que nos rodeia, com os outros e conosco mesmo.

Assim, relembremos juntos algumas questões do filme. Perguntei para os alunos sobre o que chamava a atenção dos humanos no planeta de Pandora. A resposta foi unânime: a pedra de minério que valia muito dinheiro. Uma aluna falou assim: “eles queriam pegar aquela pedra, pois valia muito dinheiro, eles queriam faturar com o que tinha lá para ficarem ricos.” Perguntei por que seria tão importante essa riqueza para eles e ela respondeu que “tudo que envolve dinheiro chama a atenção das pessoas, tem gente que até mata por dinheiro, tem gente que faz qualquer coisa por dinheiro.”

Esse discurso traz as marcas do capitalismo, que se apoiam na exploração de bens naturais para servir as necessidades humanas promovendo a geração de lucro e dinheiro. Guattari nomeia como um monstruoso sistema chamado Capitalismo Mundial Integrado (CMI)<sup>146</sup>. Para o filósofo, um dos instrumentos em que repousa o CMI é a semiótica técnico científica a qual envolve estudos e pesquisas, de certa forma, foi o que passou no contexto do filme Avatar.

Perguntei sobre como os humanos tratavam e falavam dos seres de Pandora. Alguns alunos relataram que os humanos “não estavam nem aí”, que matavam e destruíam tudo pela frente. Um menino disse assim: “é bem como acontece aqui, tem muita gente que destrói tudo, polui tudo e não se importa se a natureza está ficando feia e suja.”

---

<sup>146</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012.

Importante pensar aqui em como temos essa visão romântica da natureza. Algo que deva ser cuidado e preservado pela sua beleza ou pelo o que ela pode lhe dar em troca.

Para um dos alunos “os humanos sempre querem tirar vantagem de tudo, serem os melhores em tudo e dominar as coisas e os bichos.” Daí, busquei o próximo questionamento que envolvia a relação dos nativos de Pandora com aquela natureza e uma aluna disse “eles preservavam, eles cuidavam, ficavam tristes quando algum bicho morria, não podiam maltratar nada nem ninguém que eles ficavam bravos”. Completei que existia todo um respeito pelos seres daquele espaço sem comparar quem era o melhor ou o pior, mas que todos eram importantes para o funcionamento de Pandora. Um aluno disse “o povo de lá nem dava importância para aquela substância valiosa, para eles pouco importava o dinheiro, nem existia dinheiro.”

Perguntei como nós pensamos no cotidiano a natureza? Algumas respostas surgiram ao mesmo tempo e se completavam e reafirmavam que a nossa relação com a natureza é complicada. Disseram: “existem pessoas que respeitam, mas a maioria não dá a mínima para o cuidado com a natureza, poucos realmente se preocupam.” Pergunto sobre a relação deles com essa natureza, como eles se sentem nessa relação? Se essa relação tem algo em comum com a relação que os Na’vis têm com a natureza de seu planeta. Os Na’vis, pelo contexto do filme, não se apresentam numa relação dual com a natureza, eles se sentem natureza. A maioria balançou a cabeça apresentando uma resposta negativa e poucos afirmaram que cuidam e preservam.

O que os alunos afirmam sobre natureza quando usam a palavra preservação talvez esteja ainda impregnado pelo discurso romântico de natureza “bela e boa”, o que promove um afastamento da nossa espécie do todo, do fluxo da vida do qual fizemos parte. O que eles foram relatando durante a nossa conversa está relacionado principalmente com essa destruição e das alterações realizadas no ambiente. Alguns posicionamentos bem interessantes surgiram. Uma aluna lembrou-se de alguns casos que foram destaque nas redes sociais e na televisão e que servem de exemplo para essa relação. Ela relatou que “muitas pessoas pegam os animais da Amazônia para vender e animais da floresta para colocar nos zoológicos

e em circos. Eu acho isso errado, pois ninguém tem o direito de tirar os bichos dos lugares onde vivem.” É possível perceber a atenção que essa aluna deu às questões que envolvem o cuidado com os animais, com a questão dos maus tratos e de que cada ser vivo tem o seu lugar na natureza.

Pensando nessas atitudes que temos diante da vida, da nossa relação com a natureza, pergunto aos alunos quais outras questões diferentes podemos perceber através do filme pensando na conexão que se destaca no planeta Pandora. Uns responderam que chamou a atenção o modo como eles reagem quando algo acontece com os seres da floresta, “eles ficam tristes quando um bicho morre ou quando alguma coisa sobre maus tratos.” Lembraram-se da cena de quando um “cão selvagem” acaba sendo morto pela nativa para salvar Jake e de como a Neytiri ficou triste com a perda daquele ser vivo, mostrando como é forte essa relação com os seres da floresta.

Entre uma pergunta e outra, alguns ficam em silêncio, outros mexem nos celulares, trocam conversas em voz baixa com os colegas, mas, no geral, mesmo não acontecendo a participação de muitos alunos, a maioria para e escuta as colocações dos colegas. Os que falam e participam realmente das trocas são geralmente os mesmos. É possível perceber a proximidade de uns e o distanciamento de outros em relação ao tema. O filme foi longo, cansativo, mas tiveram aqueles que não perderam nenhum movimento, nenhuma fala, estavam envolvidos pela história e pelas surpresas que a trama desenvolvia.

A partir desses relatos, convido os alunos a pensar, a partir da relação dos nativos com a natureza de Pandora, como se dá a nossa relação com a natureza aqui no planeta Terra. Como é a relação dos seres humanos com essa natureza? O que acontece nessa relação? A resposta de uma aluna foi assim: “acontece algumas coisas horríveis, por exemplo, aquela história do chimpanzé que foi morto, aquela história que passou na televisão e que o pessoal do *Facebook* estava falando. Eles mataram o animal e só pensaram no menino. O macaco estava só ajudando o menino, não queria machucar.”

Ela se referiu ao caso que ocorreu em maio de 2016 nos Estados Unidos, um gorila foi morto num zoológico após a queda de um menino de três anos dentro da jaula. Essa notícia realmente se espalhou pelas redes sociais. Vídeos e depoimentos prós e contras se espalharam rapidamente por todo o mundo. Alguns grupos defendiam a ação, outros criticavam. Esses eventos viram centros de discussões nas redes sociais onde muitos acabam relatando suas opiniões. A internet, na contemporaneidade, tornou-se um centro de discussões baseadas em opiniões e de potentes divergências onde também são lançados julgamentos.

Para Guattari, os meios de comunicação promovem uma modelagem das subjetividades em função dos padrões dominantes. O filósofo da diferença diz que

La televisión acaba por funcionar como una droga hipnótica, que corta al sujeto de su entorno, que contribuye a disolver relaciones familiares y sociales por otra parte y a fuertemente distendidas, que disminuye el rol de la lectura y de la escritura em provecho de elementos culturales e informativos tanto más superficiales em cuanto que participan de un fenómeno que há sido caracterizado como el de la “memória corta”<sup>147</sup>

Esse apelo midiático sobre a questão da vida na terra é problematizado por Garré e Henning, seguindo a correnteza foucaultiana, as autoras defendem que somos sujeitos produzidos por um emaranhado de múltiplas relações, interferências e acontecimentos que direcionam nosso modo de ser, de pensar, de escolher e de “sermos livres”.<sup>148</sup> Os discursos midiáticos

também são direcionados de acordo com certas perspectivas, são protagonistas de uma operação de poder. Contudo, todos nós somos frutos de uma racionalidade, de uma determinada maneira de compreender.<sup>149</sup>

<sup>147</sup> GUATTARI, Félix. *¿Qué es la ecosofia?: textos presenteados y agenciados por Stéphane Nadaud*. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015, p.330.

<sup>148</sup> GARRÉ, Bárbara Hees; HENNING, Paula Corrêa. Modos de atualizar o enunciado catastrófico do planeta terra na revista veja. *ETD – Educação Temática Digital*. São Paulo: v.16, n.3, Set./dez. 2014, p.428.

<sup>149</sup> HENNING, Clarissa Corrêa; HENNING, Paula Corrêa. Sobre verdades inventadas e mentiras potentes: práticas de si como espaço de resistência. *Cultura, ambiente e sociedade*. Coleção cadernos pedagógicos da EAD.v.06. Rio Grande: Ed. Universidade Federal do Rio Grande, 2012, p.13.

Na sociedade do controle, as mídias de massa, denominadas por Deleuze e Guattari de “máquinas de informação”, tornaram-se um mecanismo de regulação da vida, em que o público e o privado se misturam. Outra característica da sociedade contemporânea é a indução ao consumo de variados bens, como roupas, automóveis e objetos tecnológicos.

Uma aluna entrou na conversa e disse “mas não é só com animais que as pessoas são ruins. Elas são ruins umas com as outras, elas machucam, matam, roubam outras pessoas na rua. Teve aquele caso do estupro coletivo essa semana. Está todo mundo falando disso na Internet.” Esse caso realmente chocou o Brasil e foi amplamente divulgado nas mídias o que gerou muita polêmica e opiniões. Aconteceu em maio de 2016, no Estado do Rio de Janeiro. Uma menina menor de idade (16 anos) foi violentada sexualmente por aproximadamente trinta homens, alguns menores de idade. Fotos e vídeos dos momentos da ação foram divulgados e se espalharam rapidamente pelos aparelhos celulares.

Esse fato trazido pela aluna nos possibilita problematizar a Ecosofia de Guattari. A ecosofia social a partir de práticas que tendam a modificar e a reinventar maneiras de ser como Guattari nos diz<sup>150</sup>. Quando um caso desses causa pelo menos um espanto e uma atenção, o que talvez se torne possível, mesmo que minimamente, é reconstruir o conjunto das modalidades do ser-em-grupo nos questionando: Como estamos nos posicionando diante da vida? Como é possível perceber o movimento que acontece contra essa vida? Como aqueles rapazes se constituíram enquanto sujeitos? Junto a esse olhar crítico ao comportamento dos corpos na contemporaneidade também é possível estabelecer uma relação com a subjetividade (ecologia mental) nos questionando sobre a relação dos sujeitos com esse corpo.

Para Guattari, se não houver essa articulação entre os três registros fundamentais da ecologia, podemos, infelizmente, pressagiar as escalas de todos os perigos como do racismo, da opressão das mulheres, entre outros que geralmente são implicados na perspectiva do senso comum.<sup>151</sup> A respeito das subjetividades, também é possível aproximar, nesse fato, a uniformização midiática e o modo como

---

<sup>150</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012, p.15.

<sup>151</sup> Idem, 2012, p.17.

tais notícias chegam até a população e conduz ao antagonismo e ao conformismo dos novos contextos históricos. A partir de algumas opiniões vinculadas nas redes sociais sobre o assunto, é possível perceber uma visão machista e reducionista dos fatos, colocando a mulher muitas vezes como culpada pela violência, como se fosse justificável por causa da sua roupa, exposição do corpo e até mesmo por estar no lugar errado para uma mulher.

Outra aluna entrou na conversa e falou que “as pessoas também ficam brigando por causa de território” ela se referiu aos refugiados e a onda de conflitos que acontecem pelo mundo inteiro principalmente aqueles conflitos que são apresentados na televisão. São casos de violência pelo mundo todo que ocorrem diariamente. A mesma aluna lembrou também da interferência humana na extinção das espécies ela disse que “muitos animais estão quase desaparecendo da natureza por causa das pessoas que poluem e matam os bichos. Tem gente que só faz maldade.”

Muitos se referem à natureza como algo a ser cuidado. O modo como eles falam da natureza destaca essas questões que envolvem a preservação das espécies e dos ambientes. No mesmo enredo temos o homem que destrói e o homem que deve cuidar e preservar. Para Carvalho, o desejo de uma natureza autêntica, que nos imporia a preservação dos ambientes selvagens e das espécies em extinção, parece ir lado a lado com a exclusão do humano da natureza.<sup>152</sup> Para ressaltar esse distanciamento e dualidade Godoy nos diz que

Ao transformar a natureza em algo possível de ser objetivado, e portanto explicado como natureza-função, a ciência ecológica destituiu-a, ou assim pretendeu, de seu aspecto conceitual e estético, acreditando ser possível explicá-la a partir de suas regularidades objetivas. Forjaram-se os elementos que estruturaram um edifício jurídico-legal, com o objetivo de normalizar e disciplinar as relações entre o homem e uma natureza que o “circunda”, mas que não o inclui.<sup>153</sup>

---

<sup>152</sup> CARVALHO, Isabel de Moura; STEIL, Carlos Alberto. Natureza e imaginação: o deus da ecologia no horizonte moral do ambientalismo. **Ambiente e sociedade**, São Paulo: v.XVI. Nº 4. Out.-Dez. 2013, p.110.

<sup>153</sup> GODOY, Ana. O modelo da natureza e a natureza do modelo. **São Paulo em perspectiva**, Ano 14, Nº4, 2000, p.135.

Interessante problematizar que, quando falamos em destruição, geralmente usamos a expressão “humanos” e “pessoas” criando certo distanciamento de NÓS mesmos. O que parece é que esses seres humanos são os outros, afastados da realidade que nos cerca, que não fazemos parte. Digamos que não são esses humanos que estão aqui na roda de conversa, mas aqueles que estão sendo julgados e apontados principalmente nas mídias. É nesse contexto de ruptura, de descentramento, de multiplicação dos antagonismos e de processos de singularização que surgem, para Guattari, as novas problemáticas ecológicas.<sup>154</sup>

Percebi-me carregada de um discurso antagônico e de distanciamento muitas vezes da vida, do cosmos que nos liga a tudo. Nesse exercício de experimentação e em outros fatos do dia a dia, tornei-me mais atenta em relação a esse olhar para si e para o mundo e me vi emaranhada nesse paradigma ético-político-estético diante da vida. É um exercício doloroso, pois ainda me sinto presa às verdades aceitas pela sociedade. Ainda somos modernos!

Entre algumas conversas paralelas, as quais não ficava claro se eram sobre os assuntos que foram surgindo na roda de conversa, tocou o sinal. Era hora de desfazer a roda e passar o espaço para a próxima professora. Senti que muitos ficaram aliviados quando encerrou o nosso tempo, pois logo levantaram e foram para a porta da sala de aula. Eles têm esse hábito de ficarem na porta para ter contato com os colegas de outras turmas. Olhares, brincadeiras, cochichos, surgem naqueles minutinhos enquanto aguardam a troca de professores. Por mim ficaríamos um longo período ainda juntos, queria que aquela conversa continuasse e me movimentasse ainda mais. Antes de encerrar, agradei ao grupo pelo momento da nossa conversa, foram muito importantes todos os relatos que surgiram, e por fim, pedi para que pensassem sobre essa conversa que tivemos, sobre esses momentos em que podemos lembrar das questões que nos rodeiam, que fazem parte na nossa vida.

Na correria, esqueci de pedir alguma escrita pessoal sobre o filme, mas logo pensei ser interessante realizar uma escrita

---

<sup>154</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21 ed. Campinas, São Paulo: Papirus, 2012, p.14.

na terceira e última roda, onde o artefato será a poesia de Manoel de Barros. Algumas ideias vão surgindo nesses momentos de conversas, mas são efêmeras, surgem rapidamente, algumas ficam, outras não. Mas todo esse processo que estamos experimentando está sendo muito interessante para eu perceber e cartografar o quanto somos modernos, disciplinados, modelados, padronizados. A sensação é de estarmos amarrados nesses modelos, tanto os alunos quanto nós professores e quando conseguimos escapar, mesmo que minimamente, a sensação é de estranhamento. Naturalmente procuramos o lugar seguro, procuramos as certezas. Mas de que é feita a vida senão de inúmeras incertezas? De que é feito esse movimento senão um respiro no caos?

Tentei desassossegar essa turma, tentei provocar outros movimentos através das conversas. Em alguns momentos, tive a sensação de organização, de algo mecânico. Mas depois relembro as falas dos alunos, pude perceber o quão importante foi esse movimento, um movimento que, de certa forma, já existia nas minhas aulas e eu não me dava conta. Um movimento de buscar questões que nos afetam. Questões da realidade, não só aquelas que aparecem na televisão, mas também aquelas que nos afetam dentro de nossas casas, com nossas famílias, com os amigos, com os vizinhos, com a comunidade escolar. Não dá pra separar esses movimentos, eles devem ser pensados e problematizados de forma articulada e nos afetam das mais diferentes formas, nos mais diferentes momentos.

- **Poesia: Um olhar oblíquo sobre o mundo**

Adolescentes e crianças fazem parte desta escola. O recreio, momento de grande expectativa para a maioria dos alunos, tem um movimento interessante. Os menores gostam das brincadeiras como o pega-pega, o futebol, o balanço, o gira-gira. Brincar e reunir colegas de outras salas se torna possível dentro daqueles parques quinze minutos fora da sala de aula. Já os maiores se dividem em pequenos grupos de afinidades, onde conversas como namoro, intrigas entre colegas, jogos, esportes, livros e redes sociais são assuntos que geralmente se destacam. Alguns se isolam, ficam sozinhos pelos cantos, observando os demais, num silêncio que, para muitos, não passa de apenas um vazio. Mas esse silêncio talvez tenha mais barulho e movimento do que uma conversa com o colega, talvez ele diga coisas que não se revelam em palavras, sorrisos ou lágrimas.

A famosa violência conhecida como *Bulling* também se revela através de apelidos, chutes, empurrões, palavrões, deboches por alguns alunos não estarem dentro dos “padrões de normalidade”. Essa violência vai isolando e configurando os pequenos grupos que se formam no espaço escolar. Alguns acabam pedindo ajuda para a direção escolar e professores mais próximos, outros, talvez pelo medo de uma exposição ainda maior, preferem o disfarce da dor no silêncio, trancando-se em si mesmo. É nesse movimento que se apresenta também, através dos julgamentos e de uma prática ditada pela “moral”, a segregação e a discriminação de alguns. A falta de tolerância e de aceitação do outro como legítimo são fortes traços da época em que se vive.

Quando se observam os hábitos e comportamentos dos alunos, é possível perceber os mesmos modos. As palavras da moda, a cor de batom, o jeito de prender e cortar o cabelo, a cor da roupa (que no momento se destaca o caramelo), o tênis, a calça com o mesmo detalhe de rasgos, o mesmo jeito de andar, de sentar, de se comportar. Como diz Marcos Villela, produzimos nossa personalidade por dentro de um estilo impessoal.<sup>155</sup>Essa captura pela onda do estilo é algo forte nos

---

<sup>155</sup>PEREIRA, Marcos. O desafio da tolerância na sociedade contemporânea. In: PORTO, Tania Maria Esperon (Org). **Redes em construção**: meios de comunicação e práticas educativas. São Paulo: Editora Junqueira e Marin, 2005.

dias atuais. O mesmo acontece com as tecnologias. Os *smartphones* da moda não podem faltar, se algum colega da escola ficar atrasado no quesito tecnologia já vira piada entre os demais. E se formos a outros espaços vamos ter as mesmas percepções. Se formos ao Laranjal, calçadão, cinema, parece que tudo se repete. Mas essas modas não permanecem para sempre. Logo aparecem outros estilos, outras tecnologias e junto à insatisfação com o que se tem. Tudo se tornou descartável, não só os bens materiais, mas também os imateriais. A frustração de não ter os itens do momento conduz a sensação de vazio e de falta. A felicidade se resume em ter e não em ser. E é nessa efemeridade que as subjetividades se produzem, nas relações que se dão na vida.

Os padrões de beleza também capturam as pessoas. O desejo, na maioria das situações, é de estarem dentro dos modelos impostos pela moda e pela mídia. Nunca houve uma preocupação tão importante com o corpo nos últimos tempos. O modelo branco, magro, alto, olhos claros, clássico tipo europeu é o destaque. Mas nós somos uma mistura de raças, são raros os de pele clara e de olhos azuis, daí pintamos os cabelos e muitos usam lentes de contato para mudar a cor dos olhos negros. Acabamos nos tornando reféns dos corpos que outros gostariam de que tivéssemos ou que nós gostaríamos de ter.<sup>156</sup> Geralmente na ânsia de um desejo no sentido de que algo falta.

Essa roda de conversa problematiza essas questões que envolvem a nossa vida na contemporaneidade. A intenção é usar a poesia de Manoel de Barros para conversarmos sobre os “despropósitos da vida”, bem como o próprio poeta coloca nas suas escritas. A partir de uma inicial provocação sobre os modos de vida que levamos, nos quais buscamos, na maioria das vezes, as respostas para entender e controlar o que nos rodeia. A proposta é de experimentarmos desfazer algumas representações das nossas vidas. Talvez nos esvaziarmos um pouco das nossas opiniões superficiais sobre as coisas e nos possibilitar esse desaprender.

---

<sup>156</sup>PEREIRA, Marcos. O desafio da tolerância na sociedade contemporânea. In: PORTO, Tania Maria Esperon (Org). **Redes em construção**: meios de comunicação e práticas educativas. São Paulo: Editora Junqueira e Marin, 2005, p.03.

Manoel de Barros<sup>157</sup> através de suas poesias nos propõe olhar o mundo com os olhos de quem nunca viu. Seu encantamento se dava nas pequenas coisas, num exercício de percepção cotidiana. Sua poesia é um alento para aguçar esse olhar diferente, oblíquo como ele diz. Para o poeta a “invenção é uma coisa que serve para aumentar o mundo”.<sup>158</sup> Viviane Mosé<sup>159</sup> diz que a filosofia, a razão e a lógica não dão conta de todas as sensações. Assim, a poesia para Manoel de Barros não é para ser explicada, a razão é a última coisa de deve entrar na poesia.<sup>160</sup>

Grande parte de suas poesias faz referência a sua infância, pois segundo o poeta ela é a melhor fonte de poesia que existe. Na ânsia de dar novos entendimentos às coisas, o poeta cria desenhos verbais para colocar uma imagem na vista do leitor. Esse olhar oblíquo, desviado como o próprio Barros diz, percebe o mundo e escreve não para descrever, mas para descobrir. “O olho vê. A memória revê. A imaginação transvê. É preciso transver o mundo.”<sup>161</sup>

A proposta desta roda de conversa é trazer suas poesias, para tentar traçar outros caminhos e experimentar outro tipo de relação conosco mesmo e com a natureza. A partir da leitura de algumas poesias problematizaremos os modos de vida que levamos, realizando um exercício que afete as sensibilidades dos alunos.

**Data:** 01/09/2016

**Horário:** 16h – 17h30

**Anotações iniciais:** sinto-me mais entregue ao movimento que a cartografia acompanha. Esse processo sem a intenção de buscar as informações e de abrir-se ao encontro está sendo um exercício que me desvia e me põe disponível à novidade e ao

<sup>157</sup> Manoel de Barros (1916-2014) nasceu em Cuiabá – Mato Grosso e viveu até os 97 anos de idade sendo vagabundo de profissão como o próprio poeta se intitulava.

<sup>158</sup> “Só dez por cento é mentira” é um documentário cinematográfico dirigido por Pedro Cezar. A conversa com Manoel de Barros se desenvolve através de sua biografia “inventada” e os versos do poeta sulmatogrossense.

CEZAR, Pedro. **Só dez por cento é mentira**. Direção: Pedro Cezar, produção de Pedro Cezar, Kátia Adler e Marcia Paes. Brasil: Produtora Artesanato Eletrônico – Downtown Filmes, vídeo (82 min.). 2009. Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=QZLC8wNVtfs> >. Acesso em: 10 ago. 2016

<sup>159</sup> Depoimento de Viviane Mosé no documentário sobre Manoel de Barros. Idem, 2009.

<sup>160</sup> Idem, 2009.

<sup>161</sup> BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996, p.75.

imprevisível. Eu que me via presa às “certezas” da vida, como um navio preso à sua âncora, acabo me lançando nessa deriva. Hoje o fluxo será junto à poesia de Manoel de Barros que muito nos ensina através de seus poemas a um olhar oblíquo e “descomparado” da vida. Seria um dia daqueles regradados na sala de aula, com uma prova sobre conteúdos de ciências. Os alunos ansiosos desde o início da tarde me paravam nos corredores para perguntar algumas de suas inquietações: A prova está difícil? Quantas questões são? Quantas páginas de provas? Quando vai sair a nota? Quando saberemos quem ficará em recuperação? Essas perguntas pouco a pouco estão me cansando e movimentando o meu pensamento. Não é só para isso que estou aqui! Quantas outras relações podemos nos permitir no espaço escolar? As propostas das rodas de conversas não são somente para produzir um trabalho acadêmico, são também para possibilitar outras experimentações, outros olhares, outras conexões com a vida. Sentir as “Três ecologias” que Guattari nos apresenta se dá nesse exercício contínuo, foi a escolha para esse percurso cartográfico.

Chego à sala de aula e os alunos ficam preocupados com a tal avaliação que teríamos nesse encontro. Logo explico que decidi deixar esse trabalho para eles realizarem em casa. Entrego a folha e peço então que me entreguem no dia seguinte. Eles ficaram visivelmente felizes e aliviados. A maioria dos alunos ficam nervosos e apreensivos quando o assunto é avaliação e notas. Assim, avisei que nosso encontro de hoje seria a 3ª e última roda de conversa. Uma das alunas disse: “Como assim? Última? Não terão mais rodas?”. Ela disse isso num tom triste e isso me tocou.

Naquele momento pensei que realmente me expressei mal. Eu quero continuar esses momentos com os alunos, quero continuar essa proposta de experimentação. Naquelas palavras percebi que esses momentos causaram alguns movimentos. Uma aula como nos diz Deleuze é matéria em movimento<sup>162</sup>. Matéria

---

<sup>162</sup> DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf>> Acesso em: 2 jun. 2015.

não no sentido de conteúdo, mas que nesse encontro, nessa relação de forças que se estabelece dentro uma sala de aula se produzem e se provocam muitas coisas.

Já que não temos mais o espaço da sala de vídeo para realizar nossos encontros em roda, peço para que os alunos formem uma roda com suas cadeiras na própria sala de aula. Esse movimento foi rápido. Logo estávamos todos sentados em roda mais uma vez. Uma aluna nesse meio tempo me diz que gosta das nossas conversas, pois assim “não precisamos copiar e ficar só na matéria, conversando aprendemos e pensamos muito mais.”

Inicialmente retomei alguns pontos que movimentaram as duas rodas anteriores. Lembramos juntos da conversa sobre o vídeo do Universo e o filme AVATAR. Uma aluna ao lembrar dos outros encontros falou: “somos tão pequenos em relação ao Universo e mesmo tão pequenos já realizamos coisas tão grandes. Temos tanta tecnologia em tudo hoje. Se o homem não tivesse inventado a tecnologia nós não descobriríamos tantas coisas, viveríamos como os índios, sem sair do lugar.” É possível perceber alguns traços antropocêntricos nessa fala, que aproxima a tecnologia atual de um “progresso” e um “avanço” em contraponto com os modos de vida de povos indígenas, vistos aqui como “pouco desenvolvidos”. Mas também é possível perceber a importância das tecnologias na vida das pessoas e na invenção de novos olhares sobre o mundo.

Junto a esta fala pude fazer uma relação com o que vimos no filme Avatar. Perguntei se existia tecnologia no Planeta Pandora. A aluna disse que não existia. E aí questionei: Como era a vida daquele povo? Ela disse: “Eles se divertiam com o que tinham, conversavam... A tecnologia está aí para melhorar a nossa vida e nos mostrar coisas diferentes, mas nem em todas as ocasiões.” Perguntei em qual ocasião a tecnologia, para ela, não estava relacionada a uma “melhora”. Ela disse que a ida do homem a lua, por exemplo, para ela não fez sentido.

A tecnologia faz parte do cenário atual. O filme AVATAR nos apresentou o quanto o desenvolvimento dessa tecnologia acompanhou o cenário de modificação da natureza. Quando apresento essa provocação uma aluna diz: “no filme eles usavam a tecnologia para destruir a natureza e ganhar dinheiro” outra completa que “tudo que a gente faz para a natureza volta pra gente e tem consequências.” É possível perceber que uma fala que traz, de dualidade, a natureza afastada da vida.

Perguntei qual a sensação que eles têm quando usam a tecnologia através da internet e as redes sociais, por exemplo. Uma aluna disse que é muito legal, pois quando se posta alguma coisa na internet é para ver quem vai dar o *feedback* nos comentários e nas curtidas.

Percebo que quando o assunto é tecnologia muitos começam a conversar e dar risadas. Nos seus pequenos grupos de afinidades, comentam muitas coisas que eu não consigo escutar pelas várias vozes que se sobrepõem naquele espaço.

A partir daí convido os alunos a conhecer um outro modo de perceber a vida. Conhecer a escrita de alguém que teve uma relação diferente nessa natureza da qual fazemos parte. Apresento-lhes a poesia de Manoel de Barros e conto um pouco da sua história. Barros foi um poeta que viveu até o ano de 2014, quando faleceu aos 97 anos de idade. Através de suas poesias ele consegue nos mostrar a vida com outro olhar, um olhar diferente daquele que estamos acostumados. Ele questiona a ordem que colocamos as coisas no dia a dia, nos produzindo um outro modo de perceber a vida. Suas escritas propõem desorganizar nosso pensamento representacional através do sentido das palavras. Ele sentia a vida das mais diferentes maneiras dando importância a elementos que são considerados no senso comum “desimportantes”, como latas, pequenos seres vivos, até mesmo um pente velho entre grãos de areia.

Para experimentarmos essa poesia peço para os alunos formarem pequenos grupos. Nesse momento os que possuem mais afinidade já se organizam rapidamente através dos olhares e gestos.

Enquanto eu falava sobre a poesia eles ficaram quietos, atentos as minhas palavras como nunca ficaram. Estou sentindo essa entrega desde o início desta roda de conversa. Assim como eu estou mais entregue ao inesperado eles também parecem estar assim, envolvidos com a proposta.

Logo os grupos se formaram. Distribuí as folhas com as poesias. Escolhi três poesias diferentes: *Sobre importâncias*, *Um olhar* e *Oficina*.<sup>163</sup> Uma das alunas falou surpresa: “poesia em ciências?” como se algo estivesse fora do lugar.

Quando peguei as folhas das poesias me dei conta de que havia feito cópia da poesia *Sobre importâncias*. Eu havia trocado essa, pois tinha um “palavrão”. Enquanto selecionava troquei pela poesia *Apanhador de desperdícios*, só que acabei não fazendo as cópias. Justo a poesia que eu mais queria trabalhar! Acabei usando a poesia *Sobre importâncias* mesmo assim. Vamos ver no que vai dar!

Pedi para os alunos lerem, sentirem e conversarem sobre a poesia com os demais. Além disso, pedi para marcarem na folha os pontos que mais chamaram a atenção do grupo: palavras, expressões e as possíveis dúvidas. Após alguns minutos uma das meninas grita: “tem palavrão aqui nessa poesia!”. O palavrão que ela se refere é quando Barros fala sobre as importâncias: “Que o cu de uma formiga é mais importante para o poeta do que uma Usina Nuclear.”<sup>164</sup> Percebi que quando eles falam palavrões na sala de aula, e com bastante frequência, aliás, eles não se dão conta. Agora quando o velado aparece num texto entregue pela professora eles se espantam rapidamente e acham, de certa forma, algo imoral.

### ***Sobre importâncias***

*Um fotógrafo-artista me disse uma vez: veja  
que o pingo de sol no couro de um lagarto é  
para nós mais importante do que o sol inteiro  
no corpo do mar. Falou mais: que a importância  
de uma coisa não se mede com fita métrica nem  
com balança nem com barômetro etc. Que a  
importância de uma coisa há que ser medida  
pelo encantamento que a coisa produza em nós.*

<sup>163</sup> BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: As infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

<sup>164</sup> BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: As infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008, p.90.

*Assim um passarinho nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que a Cordilheira dos Andes. Que um osso é mais importante para o cachorro do que uma pedra de diamante. E um dente de macaco da era terciária é mais importante para os arqueólogos do que a Torre Eiffel. (veja que só um dente de macaco!) Que uma boneca de trapos que abre e fecha os olhinhos azuis nas mãos de uma criança é mais importante para ela do que o Empire State Building. Que o cu de uma formiga é mais importante para o poeta do que uma Usina Nuclear. Sem precisar medir o ânus de uma formiga. Que o canto das águas e das rãs nas pedras é mais importante para os músicos do que os ruídos dos motores da Fórmula 1. Há um desagero em mim de aceitar essas medidas. Porém não sei se isso é um defeito do olho ou da razão. Se é defeito da alma ou do corpo. Se fizerem algum exame mental em mim por tais julgamentos, vão encontrar que eu gosto mais de conversar sobre restos de comida com as moscas do que com homens doutos.*

Fui passando pelos grupos enquanto eles liam a poesia. Alguns pareciam não se interessar pela leitura e pela interação com os colegas, outros estavam atentos e perdidos com as palavras que encontravam a cada linha do texto. Alguns me pediam ajuda para acompanhar a leitura. Estavam estranhando as palavras e expressões que a escrita apresentava. Disseram que algumas palavras eram difíceis e que não entendiam o significado. Uma dela foi “olhar oblíquo”. Expliquei que olhar oblíquo é aquele olhar diferente, um olhar que nos permite criar um outro jeito frente a vida. Li junto com grupo um trecho da poesia para ajudar a explicação: “Eu tive uma namorada que via errado. O que ela via não era uma garça na beira do rio. O que

ela via era o rio na beira da garça.”<sup>165</sup> Ao terminar de ler o trecho da poesia uma das alunas do grupo falou: “ela via as coisas fora da ordem.” Assim, perguntei para a aluna sobre quem cria a ordem e a lógica para as coisas? Ela respondeu que “o ser humano coloca lógica nas coisas” outra entre risos disse: “a namorada dele era louca!” Deixei o grupo pensar sobre...

Quando cheguei noutra grupo um aluno disse: “ele inventou umas coisas entranhas, como esse tal alicate cremoso! Quem vai conseguir usar um alicate que não consegue apertar! Não tem lógica!”

### **Um olhar**

*Eu tive uma namorada que via errado. O que ela via não era uma garça na beira do rio. O que ela via era um rio na beira de uma garça. Ela despraticava as normas. Dizia que seu avesso era mais visível do que um poste. Com ela as coisas tinham que mudar de comportamento. Aliás, a moça me contou uma vez que tinha encontros diários com suas contradições. Acho que essa frequência nos desencontros ajudava o seu ver oblíquo. Falou por acréscimo que ela não contemplava as paisagens. Que eram as paisagens que a contemplavam. Chegou de ir no oculista. Não era um defeito físico falou o diagnóstico. Induziu que poderia ser uma disfunção da alma. Mas ela falou que a ciência não tem lógica. Porque viver não tem lógica – como diria nossa Lispector.[...] Veja isto: Rimbaud botou a beleza nos olhos e viu que a beleza é amarga. Tem Lógica? - Também ela quis trocar por duas andorinhas os urubus que avoavam no Ocaso de seu avô. O Ocaso do seu avô tinha virado uma praga de urubu. Ela queria trocar porque as andorinhas eram amoráveis e os urubus*

---

<sup>165</sup>BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: As infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008, p.102.

*eram carneiros. Ela não tinha certeza se essa troca podia ser feita. O pai falou que verbalmente podia. Que era só despraticar as normas. Achei certo.*

Eu estava gostando de experimentar e ver a reação dos alunos enquanto liam as poesias, eles faziam algumas caras como que perdidos, sem entender, admirados com as surpresas das poesias...

Uma das alunas me chamou para tirar uma dúvida. Queria saber quem foi Picasso. Expliquei que foi um artista que desregulava a natureza, criava outras imagens, diferentes das que costumamos ver no dia a dia. Junto ao assunto uma aluna falou: “eu entendi que ele dá importância às coisas que a maioria das pessoas não dá importância. Nós humanos damos mais importância para um diamante do que para um osso, já o cachorro é o contrário. Ele coloca coisas simples no texto, e eu concordo que a maioria das pessoas pensam muito em bens materiais.”

Outra aluna se junta à conversa e diz: “ele prefere conversar com uma mosca do que com uma pessoa. Ele sabe que a mosca não vai julgar ele e a pessoa inteligente vai.” Outra fala que “hoje em dia as pessoas conversam pouco, ficam mais tempo na internet e não conversam com ninguém.” Foi possível perceber o entendimento da aluna: os modos de vida que levamos hoje promovem esse distanciamento entre as pessoas. Assim, nessa outra maneira de conversar, muitos assuntos foram surgindo em cada um dos grupos. Havia aqueles grupos calados, mas também, aqueles que fervilhavam ideias.

Num desses grupos cheguei para perguntar se precisavam de ajuda. Uma das meninas estava interessada na poesia e falou “ele criou uma oficina que não faz sentido! Dê onde ele tirou tudo isso? Ele vê as coisas de outro jeito que eu nunca pensei. É estranho, mas é legal! Ele pega as coisas que temos e nos apresenta de um jeito diferente.” Essa aluna ficou em dupla com uma colega próxima. Enquanto ela estava entusiasmada com a poesia, a outra menina estava concentrada nas suas conversas no celular, sem dar muita atenção.

Esse “sem sentido” da escrita de Manoel de Barros foi o que mais chamou a atenção dos alunos. Comentei para todos que o poeta nos convida, através do uso das palavras, a criar e inventar mundos.

### **Oficina**

*Tentei montar com aquele meu amigo que tem um olhar descomparado, uma Oficina de Desregular a Natureza. Mas faltou dinheiro na hora para a gente alugar um espaço. Ele propôs que montássemos por primeiro a Oficina em alguma gruta. Por toda parte existia gruta, ele disse. E por de logo achamos uma na beira da estrada. Ponho por caso que até foi sorte nossa. Pois que debaixo da gruta passava um rio. O que de melhor houvesse para uma Oficina de Desregular Natureza! Por de logo fizemos o primeiro trabalho. Era o Besouro de olhar ajoelhado. Botaríamos esse Besouro no canto mais nobre da gruta. Mas a gruta não tinha canto mais nobre. Logo apareceu um lírio pensativo de sol. De seguida o mesmo lírio pensativo de chão. Pensamos que sendo o lírio um bem da natureza prezado por Cristo resolvemos dar o nome ao trabalho de Lírio pensativo de Deus. Ficou sendo. Logo fizemos a Borboleta beata. E depois fizemos Uma idéia de roupa rasgada de bunda. E A fivela de prender silêncios. Depois elaboramos A canção para a lata defunta. E ainda a seguir: O parafuso de veludo, O prego que farfalha, O alicate cremoso. E por último aproveitamos para imitar Picasso com A moça com o olho no centro da testa. Picasso desregulava a natureza, tentamos imitá-lo. Modéstia à parte.<sup>166</sup>*

---

<sup>166</sup>BARROS, Manoel de. **Memórias inventadas: As infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008, p.78.

Pedi para que a partir das leituras e conversas, cada grupo elaborasse um texto no qual fosse possível “despraticar as normas”, sair do comum e inventar outros modos de ver a vida. Alguns tiveram algumas expressões de surpresa já demonstrando interesse na escrita. Assim, começaram a escrever seus textos.

Quando me dei conta o tempo havia passado rapidamente e teríamos mais quinze minutos para a atividade. Envolvemo-nos tanto na nossa conversa e na leitura das poesias que não percebemos a tarde passar. Alguns me chamavam empolgados com suas escritas, mostrando suas invenções. Foram criados cinco textos inspirados nas poesias de Manoel de Barros. Poucos grupos não realizaram a atividade.

### ***De ponta cabeça***

*Cada dia o mundo está mais organizado*

*E eu aqui tentando desorganizá-lo*

*Me sentei de baixo de uma árvore e pensei:*

*Por que as árvores têm folhas e não penas?*

*Por que um rato não tem asas?*

*Por que somos iguais, mas ao mesmo tempo diferentes?*

*Por que existem tantas regras, se dizem que somos livres?*

*Por que ficamos em pé, e não de ponta cabeça?*

*Somos livres entre “aspas” e presos em regras!*



Figura 8 – Grupo escrita (1).<sup>167</sup>

<sup>167</sup> As fotos dos alunos registradas foram em *Selfie*, pois ao registrá-los trabalhando, se recusaram a fazê-las. Assim, por convite deles, tiramos as fotos juntos.

Essa escrita foi feita num grupo de cinco alunas. Elas, durante todo o encontro, demonstraram interesse e juntas, conversaram sobre a poesia. É possível perceber nesta escrita a questão da “liberdade” em contraponto com a ideia de “regras”. A questão da “igualdade” e da “diferença”.

### ***Desorganizando...***

*Se eu pudesse...*

*Eu iria criar uma trava para o coração.*

*Eu vou criar uma chave, para toda a vez que querer gostar de alguém travar,  
chavear meu coração, assim sofreria por amores ou perdas...*

*Eu iria inventar paredes imaginárias para toda vez que alguém querer se aproximar,  
não conseguir...*

*Eu iria criar um chaveiro onde pudéssemos comandar todos os nossos  
sentimentos...*

*Eu iria desorganizar tudo aquilo que é organizado de mais, vou criar um relógio para  
que toda vez que eu estiver com alguém que me faz bem parar no tempo...*

*Eu vou mudar...*

*Eu queria mudar...*



Figura 9 – Escrita (2).

Esse texto foi criado sozinho por uma aluna, aquela que a colega estava no celular e não demonstrou interesse em interagir. Ela percebe que questões como o sentimento não são controladas, e demonstra a vontade de controlar não só esses

sentimentos, mas até mesmo o tempo. Uma busca por mais domínio desse fluxo de sensações.

*Meu nome é Luis.*

*Sou um menino muito criticado porque vejo com um olhar diferente.*

*Tudo fora do normal.*

*Mas quem disse que o normal para eles é o normal para mim?*

*E se eu quisesse botar outros nomes nos objetos?*

*E se eu quisesse dormir nos pés e não pela cabeceira? E se eu quiser tirar self pela câmera de traz e não pela frontal?*

*Para muitos seria uma loucura, mas pra mim não!*



Figura 10 – Grupo escrita (3).

### ***A importância das coisas***

*As vezes me esqueço de fazer coisas muito importantes como: almoçar de manhã ou até mesmo tomar café de noite. Mas as coisas insignificantes a gente nunca esquece como o próprio nome e a idade da minha tartaruga e com quantos paus de faz uma canoa.*

*Mas uma coisa muito importante que nunca esqueço é de tomar Nescau e jogar Videogame*



Figura 11 – Escritas (4).

*Isabela via as coisas ao seu redor com uma grande diferença.*

*Não gosta de seguir os padrões da sociedade.*

*Queria inovar as coisas.*

*Por que não escolas de madrugada, festas no meio de florestas e assim por diante?*

*Isabela tinha a ideia de que as coisas deviam fugir do normal, afinal, para que viver sempre com os mesmos padrões?*



Figura 12 – Grupo escrita (5).

#### 4. A formação de uma cartógrafa: experiência e práticas de si

*Saídas de campo eram sempre muito atrativas para a futura bióloga e professora. Aplicar na prática o conhecimento que estavam nos livros e nas falas da professora de Fanerógamas seria um momento de grande aprendizado, pois ela – quem sabe – poderia escolher essa prática como sua profissão. Estavam estudando a estrutura das Pteridófitas, plantas mais conhecidas como samambaias. Nessa quase aventura pelo pequeno fragmento de Mata Atlântica, a estudante teve a oportunidade de reconhecer algumas espécies que se encontravam tímidas entre plantas com portes maiores.*

*Eis a tarefa: demarcar pequenos territórios, com limites estipulados, para realizar uma contagem populacional. Esse procedimento deveria ser representado em um papel milimetrado para posterior análise dos dados e aplicação de fórmulas estatísticas. Sim, o que interessava neste momento era a demografia da planta em questão. Qual área demarcar? Escolhi a posição certa? E as áreas que não foram analisadas? Eram perguntas que permeavam as ideias da jovem.*

*Nessa atividade, centrada em um objetivo, em um foco, a professora pedia aos estudantes para demarcar áreas em que, de antemão, já se visualizava a presença das espécies. Tudo escolhido. Mais perguntas surgiam: Se já existe uma pré-seleção, como vai ser um estudo ao acaso? E a relação destas espécies com as características do local, como luminosidade, disponibilidade de água, consumidores, competição entre espécies, interferência humana, interferência das mudanças climáticas ocasionadas pela liberação de gás carbônico...? Não! Nada disso, o objetivo era demarcar e contar, e assim aconteceu uma, duas, três,...*

\* \* \* \* \*

Michel Foucault ao longo de suas obras e de seu percurso cartográfico foi movido por alguns questionamentos. Um dos movimentos que o envolveu nestes estudos foi tentar entender "como nos tornamos o que somos?" Ele buscou perceber como os sujeitos foram se constituindo ao longo dos processos históricos. De antemão é possível vislumbrar o quão longo foi esse percurso em que o filósofo mergulhou para entender sobre essa produção dos sujeitos. Ele dedicou-se a estudos em um período bem anterior à modernidade na tentativa de compreender o processo de formação de seu principal objeto de estudo: o sujeito. Foucault foi

buscar na Antiguidade questões que foram proporcionando entender o processo de produção das tramas entre o poder, o saber e o “si”. Essa vontade de saber fez Foucault descobrir os impasses no qual o próprio poder nos coloca, tanto em nossa vida quanto em nosso pensamento.<sup>168</sup>

Para Foucault o sujeito está imerso nos jogos de verdade que se estabelecem através das relações de poder e saber nas quais constituirá os dois primeiros eixos. Tentou verificar de que modo os sujeitos se definem a partir dessas relações com os discursos, com os regimes de verdades. Segundo CandiOTTO, Foucault procurou saber quais são os efeitos de subjetivação, a partir da própria existência, de discursos que pretendem dizer uma verdade para o sujeito<sup>169</sup>. Para o filósofo “o ponto mais intenso das vidas, aquele no qual se concentra sua energia, é exatamente onde elas se chocam com o poder, se debatem contra ele, tentam utilizar suas forças ou escapar às suas armadilhas.”<sup>170</sup>

Cabe aqui lembrar as questões que envolvem os discursos de verdade na contemporaneidade, principalmente através do dispositivo das mídias que inclui televisão e internet, o que na década de 90 do século XX Guattari já chamava de meios massivos de comunicação<sup>171</sup> e se articula com as questões do consumismo e das estratégias do capitalismo em capturar os sujeitos.

É importante esclarecer que, para Foucault, o poder não está atrelado a questões que envolvem instituições e aparelhos garantidores de sujeição. Não se trata de um poder que envolva uma hierarquia, com um ponto central ou um foco único de soberania. Para o filósofo o poder não é uma estrutura, mas sim uma situação estratégica. “Poder não é algo que se adquira, arrebate ou compartilhe algo que se guarde ou deixe escapar; o poder se exerce a partir de inúmeros pontos e em meio a relações desiguais e móveis.”<sup>172</sup>

---

<sup>168</sup> DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Claudia Sant’Anna Martins; Revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005, p.103.

<sup>169</sup> CANDIOTTO, Cesar. Subjetivação e verdade no último Foucault. **Trans/Form/Ação**, São Paulo, 31(1):87-103, 2008.

<sup>170</sup> DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Claudia Sant’Anna Martins; Revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005, p.101.

<sup>171</sup> GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. 21ª ed. São Paulo: Papyrus, 2012.

<sup>172</sup> FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 19 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009, p.104.

Para Foucault, as relações de poder são imanentes, acontecem no aqui e no agora, envolvendo os mais diferentes âmbitos, como processos econômicos, relações de conhecimentos, relações sexuais. “São os efeitos imediatos das partilhas, desigualdades e desequilíbrios que se produzem nas mesmas e, reciprocamente, são as condições internas destas diferenciações.”<sup>173</sup> Assim, não existe uma superestrutura, na imposição de proibições ou recondução frente a determinadas situações, mas possuem onde atuam um papel diretamente produtor.

Poder, segundo Foucault, nada tem a ver com oposições binárias numa situação entre dominador e dominado, por exemplo. Ele se dá na multiplicidade das relações de forças que se formam e atuam nos mais diferentes grupos sociais, nas famílias, na escola, nas fábricas, instituições. São relações intencionais e subjetivas.<sup>174</sup>

Segundo Deleuze, para Foucault, além dos eixos “saber” e “poder” existe um outro eixo, distinto dos demais, mas que atua ao mesmo tempo que os outros.<sup>175</sup> Esse outro eixo seria uma verdadeira afirmação de vida, estabelecida através de práticas que possibilitem um retorno a si e que possibilitam um olhar para si mesmo.

Para Foucault “não há outro ponto, de resistência ao poder político, senão na relação de si para consigo.”<sup>176</sup> As “práticas de si”, através dessa atenção consigo mesmo, se aproximam e auxiliam o entendimento das relações que se dão na sociedade. Pensar sobre a maneira que se deseja viver daqui para frente, pode ser pensada através das “práticas de si” que, no meu entender, tem a ver com a ecosofia de Guattari.

As “as práticas de si” podem se dar através do “cuidado de si”, que não está relacionado à sua forma imperativa, tampouco se manifesta como um determinado momento da vida com a intenção de proteção e vigília em relação a comportamentos e decisões em sociedade. Muito menos podem acontecer no período em que se chega à fase adulta da vida. “O cuidado de si” a que Foucault se refere é “uma regra

---

<sup>173</sup> FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 19 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009, p.104.

<sup>174</sup> Idem, 2009.

<sup>175</sup> DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução Claudia Sant’Anna Martins; Revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005, p.103.

<sup>176</sup> FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2004. p.225.

coextensiva à vida.”<sup>177</sup> O que o filósofo vai nos dizer é que “é o ser inteiro do sujeito que, ao longo de toda a sua existência, deve cuidar de si e de si enquanto tal.”<sup>178</sup> Esse cuidado se remete a ideia de um movimento real do sujeito em relação a si mesmo.

O conceito foucaultiano de “Cuidado de si” se promove, segundo o filósofo, por práticas. Pode estar articulado à proposta de pensar de outras formas essa nossa relação que cada um de nós tem com a natureza, de sentir-se parte desse universo, de nos sentirmos não possuidores e dominadores desse ambiente, mas sim, parte inextorquível desse fluxo que envolve a vida.

Essa pesquisa ensaiou outros movimentos através de práticas no cotidiano do pesquisador e também no espaço escolar. Com isso, praticou-se uma formação que talvez se aproxime do “cuidado de si” de Foucault. Experimentar e problematizar nossa posição no universo, as relações que se dão nas sociedades e a própria relação consigo foi a intenção dessa pesquisa. Mas como foi feita essa formação? Como se deram essas práticas de si?

#### **4.1 Experimentando outra formação**

Quando falamos em formação, a primeira ideia que surge é aquela relacionada à educação formal. A escola, desde as séries iniciais, tem a responsabilidade de “formar” as pessoas. Educação básica, graduação, enfim, uma formação exclusivamente ligada às instituições de ensino. Nessas instituições, temos acesso ao conhecimento, à ciência e, até, à tecnologia.

Necessitamos desses saberes científicos, mas eles não conseguem dar conta das incertezas do mundo contemporâneo. A formação dada na escola segue modelos normativos para a sua realização, com um currículo, planos e avaliações. Esse modelo que começou desde a modernidade ainda está presente nos dias atuais, com a segregação dos conhecimentos em disciplinas, notas, pareceres e instrumentos avaliativos que, na maioria das vezes, ocorrem por intermédio de um

---

<sup>177</sup> FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2004. p.221.

<sup>178</sup> Idem, 2004, p.221.

exame quantitativo. As disciplinas, em geral, são saberes fragmentados, não há a intenção de fazer relações com a vida, muito menos com a natureza.

Importa nesse sistema medir o quanto o aluno aprendeu sobre determinado assunto, ignorando quaisquer outras formas de pensar. Uma formação “recipiente”<sup>179</sup>, que trata o aluno como se fosse um frasco o qual deve ser preenchido de informações. Torna-se interessante trazer aqui que esse tipo de formação está ligada ao pensamento representacional, dual, que tenta classificar as coisas em dois polos opostos, como o bem ou o mau, o certo ou o errado.

Jorge Larrosa, em seus escritos, diz que a formação deve tomar outros caminhos. Ele propõe pensar, a formação a partir da leitura, sem ter uma ideia prescritiva de seu desenvolvimento, com a ausência de normas para a sua realização. Defende, ainda, ser possível a busca de algo novo para esse espaço tensionado na educação dominante.<sup>180</sup>

Essa apropriação utilitária entre conhecimento e vida é problematizada por Larrosa. Ele trata, por exemplo, a experiência da leitura como um processo de formação. Uma experiência que altera e modifica o indivíduo através do que lhe acontece. Para Larrosa, o conhecimento por si só não é experiência. A experiência decorre do padecimento, sofrimento e isso acontece através daquilo pelo qual alguém passa. Essa experiência não é igual entre duas ou mais pessoas. Cada uma delas tem a sua experiência, não pode ser planejada de modo técnico. Assim, “o saber da experiência é o que se adquire pelo modo como se vai problematizando aquilo que se passa ao longo da vida e o que vai conformando o que alguém é.”<sup>181</sup>

Esse saber da experiência não é da ordem do conhecimento científico. Esse saber não se encontra restrito às instituições de ensino. Vai muito além. Está ligado a vida, em todo o seu percurso e seus atravessamentos. A experiência é algo particular, singular, de cada um. Além disso, “o saber da experiência ensina a viver

---

<sup>179</sup> GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. 12 Edição. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2013.

<sup>180</sup> LARROSA, J.; Et al. **Caminhos Investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação/Marisa Vorraber Costa (Organizadora). 3ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

<sup>181</sup> LARROSA, J.; Et al. **Caminhos Investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação/Marisa Vorraber Costa (Organizadora). 3ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p.137.

humanamente e a conseguir a excelência em todos os âmbitos da vida humana: no intelectual, no moral, no político, no estético etc.”<sup>182</sup>

Entender que as mais diversas situações do cotidiano podem nos afetar e nos produzir enquanto sujeitos, me fez perceber que a formação vai além daquela acadêmica. Para isso, foi necessário fazer algumas escolhas para acolher as possibilidades de criar outros caminhos e fazer pequenas brechas nos nossos modos de vida. Isso tudo afeta o fazer docente. ,

Os intercessores Guattari, Deleuze e Foucault e alguns dos seus conceitos e problematizações relacionados à vida, foram muito importantes durante esse movimento. Os conceitos atrelados às Filosofias da Diferença proporcionaram um olhar mais atento à cartografia, modificando meu olhar diante das mais variadas situações do cotidiano.

Nas aulas de Ciências, é comum o uso de experiências de laboratório para comprovar dados. Algo planejado, realizado em etapas até chegar a uma conclusão. Esses experimentos fazem parte do método científico e da pedagogia tradicional. É na tentativa de controlar a experiência, que acabamos impossibilitando as pluralidades do saber. Se o experimento der errado? Inicia-se o processo até chegar onde se espera. Um caminho rígido e técnico.

Para Larrosa<sup>183</sup>, a pedagogia sempre tentou controlar a experiência e submetê-la a apenas uma causalidade técnica, impossibilitando o acolhimento de outros movimentos, senão os pré-estabelecidos. O que falta nesses processos é uma relação com a vida. Números, regras, termos técnicos e científicos só terão algum sentido se estes forem inseridos na vida, transformando-a. Talvez seja necessária uma resignificação desses saberes para incrementar uma problematização sobre a vida, como propõe Guattari, ao articular as três ecologias (mental, social e ambiental). Seria isso possível? Penso que sim, através de “práticas de si” se ensaia uma outra formação.

---

<sup>182</sup> LARROSA, J.; Et al. **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**/Marisa Vorraber Costa (Organizadora). 3ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p.138.

<sup>183</sup> Idem, 2007.

A vida não é previsível como o método científico acredita. A formação não se dá somente no espaço escolar, mas em todas as instâncias da vida. Cada indivíduo é singular. Assim, torna-se interessante trabalhar as questões pertinentes à vida sem a pretensão com as “verdades absolutas” sobre as coisas, mas com a intenção de dar um sentido para aquilo que nos passa, que nos atravessa.

O professor tem um papel muito importante nesse processo de formação. Muito mais do que “transmitir” conhecimento e representar um estado de coisas. Ele tem a possibilidade de construir outro sentido para a vida, junto aos seus alunos. Possibilitar uma resignificação para a vida dos alunos e para a sua própria. O professor pode intervir de várias maneiras, através da forma de uma atenção, uma atitude de escuta, uma inquietude, uma abertura. Criar. Se colocar junto onde o

Deixar aprender não é um nada fazer, senão que é um fazer muito mais difícil e muito mais exigente do que ensinar o que já se sabe. É um fazer que requer humildade e silêncio. Mas também exige audácia e falar alto, porque para deixar aprender tem-se de eliminar muitos obstáculos. Entre eles, a arrogância daqueles que sabem.<sup>184</sup>

O mundo contemporâneo é efêmero. Tudo muda a cada instante. Vivemos um mundo de excessos. Há um bombardeio de informações, notícias advindas dos mais variados tipos de mídia, como TV, Internet e jornais impressos. Há uma produção de opiniões formadas acerca dos mais variados assuntos. Opiniões superficializadas, na aparência das coisas, que se reduz a estar a favor ou contra determinado assunto, é muito comum nas redes sociais. Para Larrosa, cada vez menos fazemos experiências. Para o autor, informação e opinião não geram experiência. Sobretudo em uma vida em que se trabalha em excesso e falta tempo para tudo. Assim,

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender o automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos

---

<sup>184</sup> LARROSA, J.; Et al. **Caminhos Investigativos I: novos olhares na pesquisa em educação**/Marisa Vorraber Costa (Organizadora). 3ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007, p.148.

outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.<sup>185</sup>

As ideias de Larrosa comungam com a ecosofia de Guattari. Através dos saberes da vida, buscam-se novos modos de viver no entorno com o outro e consigo. Dessa forma, nos sentimos parte da natureza. Desenvolver um olhar crítico sobre como estamos vivendo, como estamos interagindo entre os indivíduos e com o meio. Prestar atenção a esta deterioração que não se detém no meio físico, mas que permeia as relações na sociedade e nas subjetividades de cada um.

Buscar outras formas de ser, de atuar no planeta e de se relacionar com os outros é o que busca a *Ecosofia*. Um olhar para si, que possibilite a alteridade, aceitando o outro como legítimo outro.

---

<sup>185</sup> LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/abr/, nº19, 2002, p. 24.

## 5. Um pouco mais além e aquém dos muros da escola...

Neste processo cartográfico, o que se desejou foi criar rupturas para tentar fugir dos modelos representacionais do pensamento, que padronizam as vidas, que impedem a invenção de outros pensamentos sobre ela. As escolas ainda estão muito vinculadas a esse pensamento representacional, que não aceita desvios, atrelado à transferência e à interpretação de informações sem questionamentos, invenções ou criações. É necessário reinventar e repensar os modos de atuar em sala de aula.

Através desse percurso cartográfico foi possível perceber que, mesmo dentro desse sistema rígido, é possível criar algumas fissuras para problematizar algumas questões sobre os nossos modos de vida e experimentar outros movimentos dentro do espaço escolar. Nesse processo, em questão, a experimentação através da arte, com a utilização de filmes e poesias assim como também a criação de desenhos e textos, possibilitou um outro movimento entre os corpos.

O uso de vídeos nas aulas de ciências já acontecia, mas basicamente apenas para ilustrar os conteúdos trabalhados em cada turma. O movimento criado a partir da arte e que se apresentou de uma forma diferente nesse percurso foi experimentar a produção de desenhos e escritas. Convidar os alunos a produzir escritas a partir da provocação com vídeos, conversas e poesias foi algo diferente.

Esta outra maneira de olhar o mundo, baseada na articulação das três ecologias (ambiental, social e mental), proporciona também outra prática em sala de aula, ao mesmo tempo em que critica os modelos que permeiam a sociedade atual.

Nesse processo, a escolha foi um ensaio dessa formação, uma formação atenta às conexões da vida. Através de outro olhar, evitando julgar e pré-definir passos mais seguros, essa pesquisa possibilitou experimentar outros caminhos, acolhendo as forças que foram se atravessando e estando atenta aos modos de subjetivação dos alunos e de si mesma. As marcas nos discursos, os questionamentos sobre os enfrentamentos de poder e dos regimes de verdades que se distribuem no cenário atual e que produzem os modos de vida foram, de certa forma, abalados.

A intenção desta pesquisa não foi resolver os problemas do mundo escolar, no que tange ao macropolítico, ao instituído, mas tentar realizar alguns movimentos menores, porém não menos importantes, realizando uma micropolítica na postura desta cartógrafa e talvez em seus alunos. Entretanto, não interessa se conseguiu afetar toda a turma, pois isso não condiz com uma cartografia que atenta para o processo. A frase “não sou mais a mesma”, após esse percurso, agora faz algum sentido.

Estar atento aos modos como nos relacionamos com a natureza me fez perceber o quanto nosso discurso é marcado pelo domínio e pela posse dos fenômenos naturais. Nossa visão, de modo geral, é saudosista e romântica frente à natureza, são marcas modernas que nos atravessam. As problematizações que ocorreram no decorrer deste percurso cartográfico tiveram como intenção romper, mesmo que minimamente. Sentir-se parte inextorquível do universo e não algo separado dele foi a provocação que moveu essa pesquisa.

*Sou natureza. A água que estava no corpo do peixe está no meu corpo. O carbono que constituía a fruta me constitui. O oxigênio presente no ar que respiro foi produzido por uma alga. O ferro presente no sangue que ajuda a transportar o oxigênio para as células do meu corpo se encontra disponível no solo para entrar no ciclo de outro ser vivo. Todas as substâncias que formam e configuram um ser vivo realizam infinitos ciclos na natureza. O nitrogênio que um dia estava no corpo de um dinossauro hoje pode estar numa borboleta. Somos compostos das mesmas matérias, das mesmas substâncias. Não há limites. Não existe o mais nem o menos importante, somos todos água, sol, química, num clico contínuo.*

## REFERÊNCIAS

A HISTÓRIA das vacinas. Disponível em:

<<http://www.vacinas.com.pt/vacinas/historia-das-vacinas>>. Acesso em: 29 maio 2015.

ALBERNAZ, Roselaine Machado. **Formação ecosófica**: a cartografia de um professor de matemática. 2011. 216f. Tese (Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental) – Fundação Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, 2011.

ANDERY, Maria Amália et al. **Para compreender a ciência**: uma perspectiva histórica. Rio de Janeiro: Garamond, 2012.

BARROS, Manoel. **Livro sobre nada**. Rio de Janeiro: Editora Record, 1996.

\_\_\_\_\_, Manoel de. **Memórias inventadas: As infâncias de Manoel de Barros**. São Paulo: Editora Planeta do Brasil, 2008.

BRAGA, Brannon; POPE, Bill; DRUYAN, Ann. **COSMOS**: A spacetime odyssey. Direção: Brannon Braga, Bill Pope, Ann Druyan, produção de Livia Hanich e Steven Holtzman. EUA: Cosmos Studios – Fuzzy Door Production, vídeo (44 min.). 2014. DVD.

CAMERON, James; LANDAU, Jon. **AVATAR**. Direção: James Cameron, produção de James Cameron e Jon Landau. Roteiro: James Cameron. EUA: Twentieth Century-Fox Film Corporation, Lightstorm Entertainment, Giant Studios, vídeo (162 min.). 2009. DVD.

CANDIOTTO, Cesar. **Subjetivação e verdade no último Foucault**. Trans/Form/Ação, São Paulo, 31(1):87-103, 2008

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix, 2006.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação Ambiental**: a formação do sujeito ecológico. 4.ed. São Paulo: Cortez, 2008.

\_\_\_\_\_, Isabel de Moura; STEIL, Carlos Alberto. Natureza e imaginação: O deus da ecologia no horizonte moral do ambientalismo. **Ambientes & Sociedade**. São Paulo, V.XVI, n.4, out.-dez.2013.

CEZAR, Pedro. **Só dez por cento é mentira**. Direção: Pedro Cezar, produção de Pedro Cezar, Kátia Adler e Marcia Paes. Brasil: Produtora Artesanato Eletrônico – Downtown Filmes, vídeo (82 min.). 2009. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=QZLC8wNVtfs>>. Acesso em: 10 ago. 2016

COHEN, A.A.J.; CAPRA, B.A. **O Ponto de mutação**. [Filme-vídeo]. Produção de Adrianna AJ Cohen, direção de Bernt Amadeus Capra. Distribuído por Cannes Home Vídeo. 1990. Vídeo, 126 min.

DELEUZE, Gilles. **O abecedário de Gilles Deleuze**. Disponível em: <<http://stoa.usp.br/prodsubjeduc/files/262/1015/Abecedario+G.+Deleuze.pdf> > Acesso em: 4 out. 2016

\_\_\_\_\_, Gilles. **Conversações**. Tradução Peter PálPelbart. São Paulo: Editora 34. 1992.

\_\_\_\_\_, Gilles. **Foucault**. Tradução Claudia Sant'Anna Martins; Revisão da tradução Renato Ribeiro. São Paulo: Editora Brasiliense, 2005.

\_\_\_\_\_, G., GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Vol. 1. 2 ed. São Paulo: Editora 34, 2011.

FISCHER, R. M. B. Mídia, máquinas de imagens e práticas pedagógicas. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12, n. 35 maio/ago, 2007.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do Discurso**. São Paulo: Loyola, 2005.

\_\_\_\_\_, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes. 2004.

\_\_\_\_\_, Michel. **Ditos e Escritos V: Ética, Sexualidade, Política**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora Forence Universitária, 2003.

\_\_\_\_\_, Michel. **Em defesa da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 289

\_\_\_\_\_, Michel. **História da sexualidade I: A vontade de saber**. 19 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2009.

\_\_\_\_\_, Michel. **História da sexualidade II: O uso dos prazeres**. 14 ed. São Paulo: Editora Paz & Terra, 2014.

\_\_\_\_\_, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2002.

\_\_\_\_\_, Michel. **Vigiar e punir. Nascimento da Prisão**. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2000.

GARRÉ, Bárbara Hees; HENNING, Paula Corrêa. Modos de atualizar o enunciado catastrófico do Planeta Terra na revista Veja. **ETD – Educação Temática Digital**, Campinas, SP, v.16, n.3, p.426-439, set./dez. 2014. ISSN 1676-2592. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revistas/ged/etd/article/view/6792>>. Acesso em: 10 julho 2016.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Tradução Maria Cristina F. Bittencourt; Revisão da tradução Suely Rolnik. 21 ed. Campinas, São Paulo: Papyrus, 2012.

\_\_\_\_\_, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1998.

\_\_\_\_\_, Félix. **¿Qué es la ecosofia?:** textos presenteados y agenciados por Stéphane Nadaud. 1º ed. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Cactus, 2015.

\_\_\_\_\_, Félix; ROLNIK, Suely. **MICROPOLÍTICA**: Cartografias do desejo. 10ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

GODOY, Ana. O modelo da natureza e a natureza do modelo. **São Paulo em Perspectiva**. n.14(4), p.129-138, 2000.

HENNING, Clarissa Corrêa; HENNING, Paula Corrêa. Sobre verdades inventadas e mentiras potentes: práticas de si como espaço de resistência. **Cultura, ambiente e sociedade**. Coleção cadernos pedagógicos da EAD.v.06. Rio Grande: Ed. Universidade Federal do Rio Grande, 2012.

**HOME**. Produção de Denis Carot e Luc Besson. Direção: Yann Arthus-Bertrand. Roteiro: Isabelle Delannov, Yann Arthus-Bertrand, Denis Carot e Yen Le Van. França: Europa Filmes, 2009. Documentário (90min.), DVD. Disponível em: <[https://www.youtube.com/watch?v=X3Nnp\\_jVDd0](https://www.youtube.com/watch?v=X3Nnp_jVDd0)>. Acesso em: 23 out. 2015.

LARROSA, Jorge. Notas sobre a experiência e o saber da experiência. **Revista Brasileira de Educação**. Jan/Fev/Mar/Abr/, nº19, 2002.

\_\_\_\_\_, J.; Et al. **Caminhos Investigativos I**: novos olhares na pesquisa em educação/Marisa Vorraber Costa (Organizadora). 3ª Ed. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2007.

LAWRENCE, D.H. **Estudos sobre a literatura clássica americana**. Tradução Heloísa Jahn. Rio de Janeiro: Zahar, 2012.

LE BRETON, Davi. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

MAGNAVITA, Alexey Dodsworth. A filosofia para questões urgentes. **Filosofia: ciência e vida**, Ano VI. Nº 72. Julho 2012.

PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. **Pistas do método da cartografia**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

PEREIRA, Marcos. O desafio da tolerância na sociedade contemporânea. In: PORTO, Tania Maria Esperon (Org). **Redes em construção**: meios de comunicação e práticas educativas. São Paulo: Editora Junqueira e Marin, 2005.

RATTO, Cleber Gibbon, HENNING, Paula Corrêa. **Urgências sócio-ambientais contemporâneas: por uma ética do cuidado planetário ante a política do medo.**

Disponível em:

<[http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT22%20Trabalhos/GT22-1599\\_int.pdf](http://35reuniao.anped.org.br/images/stories/trabalhos/GT22%20Trabalhos/GT22-1599_int.pdf)>. Acesso em: 15 ago. 2016.

SANT'ANNA, Denise B. de. **Corpos de passagem:** ensaios sobre a subjetividade Contemporânea. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologia digitais.** Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em:

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles\\_Darwin](http://pt.wikipedia.org/wiki/Charles_Darwin)>. Acesso em: 29 maio 2015.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em:

<[http://pt.wikipedia.org/wiki/Edward\\_Jenner](http://pt.wikipedia.org/wiki/Edward_Jenner)>. Acesso em: 29 maio 2015.